



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA
(PPGEAA)

ONILSON CARVALHO DO NASCIMENTO

PEDAGOGIA DO MANGUE: Proposta de inclusão de saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar de São Caetano de Odivelas/PA

CASTANHAL – PARÁ 2020

ONILSON CARVALHO DO NASCIMENTO

PEDAGOGIA DO MANGUE: Proposta de inclusão de saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar de São Caetano de Odivelas/PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia (Linha de Pesquisa: Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais). Orientador: Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C331p CARVALHO DO NASCIMENTO, ONILSON CARVALHO DO
NASCIMENTO.
PEDAGOGIA DO MANGUE: Proposta de inclusão de saberes
e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar de São
Caetano de Odivelas/PA / ONILSON CARVALHO DO
NASCIMENTO CARVALHO DO NASCIMENTO. — 2021.
155 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes
Santos Fernandes

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Castanhal, Programa de Pós-Graduação
em Estudos Antrópicos na Amazônia, Castanhal, 2021.

1. Pedagogia do Mangue. 2. Etnosaberes e
Interculturalidade. 3. Saberes e Fazeres. 4. Pescadores
Artesanais. 5. São Caetano de Odivelas (PA). I. Título.

CDD 370.196

ONILSON CARVALHO DO NASCIMENTO

PEDAGOGIA DO MANGUE: Proposta de inclusão de saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar de São Caetano de Odivelas/PA; Amazônia; Brasil.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia (Linha de Pesquisa: Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais). Orientador: Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes.

Defendido e Aprovado em_ 20 / 01 / 2021

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes

Prof. Dr. Paulo Canto

Profª. Drª. Yomara Pinheiro Pires

Profª. Drª Neila de Jesus Ribeiro Almeida

“O cientista não é o homem que fornece as verdadeiras respostas; é quem faz as verdadeiras perguntas” (Claude Levi Strauss)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a vida com sabedoria e discernimento para conduzir com responsabilidade e ética esta pesquisa de produção de conhecimento;

A minha mãe, Cândida Carvalho do Nascimento, que sempre me apoiou nas minhas decisões, que foi a grande responsável por toda a minha vida discente, ajudando-me a vencer batalha por batalha até chegar onde cheguei;

Aos meus irmãos: Alexandre, John Lennon, Adílio, Emerson, Ciliane e Ruan. Meus filhos: Onicley, Ronilson e Thayla Victória. Meus enteados: Giovana, Kauã, Pedro Henrique e Maria Vitória, que sempre me apoiaram e me encorajaram para seguir em frente em quantas batalhas acadêmicas forem necessárias;

A minha esposa Stefany Figueiredo, pelo incentivo, paciência e companheirismo, por ter acreditado em mim desde o início desse projeto;

A minha sogra Margareth Figueiredo, meu sogro Simeão Ferreira, meu cunhado Starley Figueiredo e minha concunhada Nazaré Reis, pelo apoio e incentivo durante toda a trajetória do curso;

Ao meu Orientador, Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes, pelos seus ensinamentos e orientações acerca da pesquisa, por sua dedicação e dinâmica na condução das estratégias viáveis para a construção desta dissertação;

À Banca examinadora, na pessoa do Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes, Profª Drª Yomara Pinheiro Pires, Profª Drª. Neila de Jesus Ribeiro Almeida e Prof. Dr. Paulo Canto, que puderam entender e contribuir significativamente para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

Aos Servidores do quadro administrativo e de apoio do Programa de Pós- Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia – PPGEEA, pela dedicação, respeito e amizade no decorrer das atividades que culminaram com a conclusão deste trabalho;

Ao Dr. Helenilson Pontes, por acreditar no nosso projeto acadêmico e apoiar de forma indireta a realização da pesquisa principalmente durante os trabalhos de campo;

Aos Senhores Cloves, Almerindo e Lourenço (Vavá) membros da comunidade São João dos Ramos, município de São Caetano de Odivelas/PA, pela significativa contribuição durante a pesquisa de campo.

Resumo

Fundamentado como Pedagogia do Mangue em diálogo com etnossaberes e interculturalidade é uma pesquisa de caráter etnográfico, que objetiva analisar as interações interculturais no município de São Caetano de Odivelas/PA como proposta de inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar deste município. Para tanto, apresenta levantamento socioeconômico, populacional, educacional, formação religiosa e condições de infraestruturas do lócus da pesquisa. Identifica as relações antrópicas constituídas entre cultura e natureza mediadas pelas relações entre tradição oral, saberes e fazeres nos ambientes pesqueiros em meio aos manguezais odivelenses. Ancorada nas narrativas e memórias dos pescadores da comunidade de São João dos Ramos (distrito municipal) possibilita encontros e desencontros com a cultura local e com a forma de sustentabilidade desses moradores do mangue, em “que a cultura oral é decorrente e implica em condições sociais e históricas” FERNANDES, (2013).

Palavras-Chave: Pedagogia do Mangue; Etnossaberes; Interculturalidade; Saberes e Fazeres; Pescadores Artesanais; São Caetano de Odivelas/PA.

Abstract

Based on Mangrove Pedagogy in dialogue with ethnosaberes and interculturality, it is an ethnographic research that seeks to analyze intercultural interactions in the municipality of São Caetano de Odivelas / PA as a proposal to include the knowledge and practices of artisanal fishermen in the school practice of this municipality. Therefore, it presents socioeconomic, population, educational, religious formation and infrastructural conditions of the locus of the research. It identifies the anthropic relationships formed between culture and nature mediated by the relationships between oral tradition, knowledge and practices in fishing environments amid the odivelenses mangroves. Anchored in the narratives and memories of the fishermen of the community of São João dos Ramos (municipal district), it allows encounters and disagreements with the local culture and with the sustainability of these mangrove residents, in “that oral culture is a consequence and implies social conditions and historical” FERNANDES, (20

Key words: Mangrove Pedagogy; Etnossaberes; Interculturality; Knowledge and Doings; Artisanal Fishermen; São Caetano de Odivelas / PA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Monumento localizado em frente ao Mercado Municipal de São Caetano de Odivelas/PA, que representa o pescador artesanal e o coletor de caranguejo, símbolo da identidade odivelense de mão dadas pelo desenvolvimento sustentável do município	48
Figura 2. Mapa de localização Geográfica do Município de São Caetano de Odivelas/PA	51
Figura 3. Demonstrativo do índice da Educação Básica (IDEB) anos iniciais do município de São Caetano de Odivelas/PA	56
Figura 4. Demonstrativo do índice da Educação Básica (IDEB) anos finais do município de São Caetano de Odivelas/PA	56
Figura 5. Vista da orla da Comunidade de São João dos Ramos, distrito do município de São Caetano de Odivelas/PA.....	57
Figura 6. Mapa de localização da Vila de São João dos Ramos- Município de São Caetano de Odivelas/PA.....	58
Figura 7. Mapa da rota dos pescadores artesanais – Vigia/São João dos Ramos 1936	59
Figura 8. Travessa Miguel Arcanjo da Comunidade de São João dos Ramos, distrito do município de São Caetano de Odivelas/PA	64
Figura 9. Almerindo Figueiredo Pinheiro, 81 anos, pescador artesanal de São João dos Ramos.....	67
Figura 10. Cloves Chagas Rodrigues, 63 anos, Pescador artesanal e líder da Comunidade São João dos Ramos, 63 anos.....	68
Figura 11. Lourenço Macedo Rodrigues, 92 anos (Seu Vavá), pescador artesanal e ancião da Comunidade de São João dos Ramos	69
Figura 12. Trabalho de campo realizado com Drone para mapeamento da Vila São João dos Ramos, Município de São Caetano de Odivelas/PA, participação da Profª Dra. Yomara Pinheiro Pires, Coordenadora do Programa de Pós - Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia	71
Figura 13. Pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas/PA, socializando durante a prática pesqueira, um processo de ensino e aprendizagem no mangue.....	103
Figura 14. Seu Almerindo ensinando como fazer um curral, desenhando na areia do quintal da sua casa, uma metodologia didática da pedagogia do mangue	105
Figura 15. Seu Vavá narrando a ciência de marcar currais de pesca na cozinha da sua casa.	107
Figura 16. Ortomosaico do vilarejo da Comunidade de São João dos Ramos no município de São Caetano de Odivelas/PA	113
Figura 17. Focos de desmatamento no mangue estão circulados em vermelho, o lixão a céu aberto está circulado na cor amarela	113
Figura 18. Pescadores artesanais em um processo intercultural de socialização do saber ao tratar peixe na rampa da comunidade de São João dos Ramos, uma espécie de ritual preparativo do avoadó.....	115
Figura 19. Localização geográfica dos principais pesqueiros do município de São Caetano de Odivelas/PA	118
Figura 20. Ortomosaico em escala de altura que identifica foco de assoreamento no rio Maruipanema em frente à comunidade São João dos Ramos , distrito do município de São Caetano de Odivelas/PA.....	118
Figura 21. Crianças pescando siri na rampa da comunidade de São João dos Ramos, uma prática do cotidiano que identifica interculturalmente o lugar em um processo de transmissão do saber local.....	123
Figura 22. Seu Almerindo no momento de entrevista, narrando experiências vividas na prática da pesca artesanal.....	126
Figura 23. Pescador artesanal com materiais necessários para construção de curral, recurso bastante escasso nos manguezais das proximidades da comunidade	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Matrícula escolar realizada no município de São Caetano de Odivelas/PA no ano de 2018.....	53
Quadro 2. Quadro comparativo de índice de aprendizagem nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática no ensino fundamental do município de São Caetano de Odivelas/PA	54
Quadro 3: Malha de Saberes 1 – Sistematização de Saberes e fazeres dos pescadores artesanais da Comunidade de São João dos Ramos.....	97
Quadro 4: Malha de Saberes 2 – Comunidade tradicional, interculturalidade e etnossaberes na pesca e ambientes pesqueiros	106
Quadro 5: Malha de Saberes 3 – Pedagogia do mangue em narrativas: Encontro e diálogo de saberes	117

LISTA DE SIGLAS

ACEB – Associação Cultural e Educacional Brasil
ACS – Agente Comunitário de Saúde
ANAC -Agência Nacional de Aviação Civil
ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CEB – Câmara da Educação Básica
CF – Constituição Federal
COLINS – Colaboratório de Interculturalidades, Inclusão de Saberes e Inovação Social
DECEA – Departamento de Controle do Espaço Aéreo
DOU – Diário Oficial da União
FUNDEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio – Instituto Chico Mendes de Biodiversidade
IDEB – Índice da Educação Básica
IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MDE – Modelo Digital de Elevação
MEC – Ministério da Educação
NUSC – Núcleo Universitário de São Caetano de Odivelas
PCN’S – Parâmetros Curriculares Nacionais
PME – Plano Municipal de Educação
PPP – Projeto Político Pedagógico
PPGEAA – Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia
PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNATE – Programa Nacional de Transporte Escolar
SEDUC/PA – Secretaria de Estado de Educação do Pará
SEMED – Secretaria Municipal de Educação
SEMSA – Secretaria Municipal de Saúde
TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido
VANT- Veículo Aéreo Não Tripulável (Drone)

Sumário

I – INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	16
1.1 Pedagogias de saberes: diálogo de saberes, inclusão e interculturalidade no mangue	16
1.2 Saberes do mangue: diversidade entre pedagogia do mangue, outros estudos estuarinos em São Caetano de Odivelas/PA e comparativos.....	26
1.3 Transversalidade no saber: inclusão e diálogo interdisciplinar na prática escolar.....	37
CAPÍTULO II - MATERIAL E MÉTODO.....	48
2.1 Conhecendo o município de São Caetano de Odivelas/PA.....	48
2.1.1 História do Município	48
2.1.2 Localização Geográfica do Município de São Caetano de Odivelas/PA.....	51
2.1.3 Dados populacionais, socioeconômicos, culturais e indicadores sociais.....	53
2.1.4 Dados da Educação.....	54
2.1.5 Comunidade São João dos Ramos (Lócus da Pesquisa).....	58
2.2 Trilha Metodológica.....	64
2.2.1 Procedimentos Metodológicos	64
2.2.2 Nos trilhos da Pesquisa	68
2.2.3 Sujeitos da pesquisa	69
2.2.4 Coleta de Dados.....	72
2.2.5 Detalhando a Pesquisa de Campo.....	76
CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	94
3.1 Resultados.....	94
3.1.2 Discussão	99
3.1.3 Modos de vida no mangue: memórias dos pescadores artesanais da comunidade São João dos Ramos em narrativas.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS.....	142

I – INTRODUÇÃO

O nordeste paraense conhecido como região do salgado e dos manguezais, possui especificidades em relações a outras realidades do estado do Pará, amazônicas e brasileiras. Certamente, as semelhanças que constituem os muitos lugares não podem ser negadas, mas um mergulho no cotidiano de alguns de seus ambientes geoculturais, produzido pela multiplicidade de seus agentes sociais crioulizados (GLISSANT, 2005), permite constatar tal assertiva. Pensar e ler terras, águas e mangues crioulizadas em circuitos da região do salgado paraense como resultado das intervenções imprevisíveis de pescadores e pescadoras artesanais que vivem entre ambientes rurais e urbanos entrelaçados nas relações interculturais e etnossaberes.

O manguezal do município de São Caetano de Odivelas dispõe de um ecossistema formado por uma variedade de animais e plantas existentes na faixa entremarés que compreende toda a extensão de mangues, ao longo destes estuários é possível visualizar e sentir: águas salobras interiores, lagos e lagunas, com inúmeras espécies arbóreas, o que influencia na construção de um ecossistema com diversificadas espécies faunísticas, constituindo uma estabilidade que garante a sustentabilidade da população que o antropiza. No Estado do Pará os manguezais possuem uma área total estimada em 2.176,78 Km¹, Souza Filho (2005), representando um ecossistema costeiro paraense que integra a maior costa de manguezais contínuo do mundo, estendendo-se do Estado do Amapá até Santa Catarina, apresentando características morfológicas, sedimentológicas e diversidades local.

As relações existentes entre os pescadores artesanais do município de São Caetano de Odivelas com o mangue que constitui grande parte da composição territorial do município, está diretamente ligada aos fatores naturais e sociais, a interação existente nestes ecossistemas vão além das questões naturais, pois envolvem questões sociais, culturais, econômicas, políticas e identitárias, pois os modos de vida das pessoas que vivem nesse ambiente é caracterizada pelas suas ações diárias, seja na pesca artesanal, na coleta do caranguejo, na extração do turú, etc.

Num olhar profundo, poderíamos destacar uma dezena das especificidades se voltarmos para a constituição histórica de seus territórios, a composição etnocultural de sua

¹ A comunidade de São João dos Ramos fica localizado na Ilha Araçateua à 5,3 km aproximadamente da sede do município de São Caetano de Odivelas/PA, criada como distrito do referido município pela lei estadual nº 2460, de 29-12-1961, é uma comunidade de pescadores fundada por volta de 1836. (ICMbio, 2014). Hoje com a melhor estrutura física entre as comunidades do município. Possui 176 domicílios, 144 famílias, uma população em 2019 de 379 habitantes entre homens, mulheres e crianças (SEMSA, 2019). O único acesso à comunidade é via fluvial com embarcação de pequeno porte.

gente, as paisagens, as tradições presentes nos saberes locais e a diversidade de práticas de trabalho ou os baixos índices de desenvolvimento humano existentes nessa região, focalizando atenção à melhoria da qualidade da educação escolar, à geração de emprego e renda, à segurança pública, ao tráfico de drogas, à violência, entre tantos outros problemas e potencialidades.

Entre os muitos municípios do nordeste paraense, também chamado de região do salgado, este estudo dissertativo de mestrado concentrou-se pesquisar os saberes e fazeres dos pescadores artesanais do município de São Caetano de Odivelas/PA, especificamente na comunidade “São João dos Ramos”¹, como proposta de inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar deste município.

A insularidade que constitui socioculturalmente o município de São Caetano de Odivelas/PA, revela relações nas práticas de convivências na comunidade de “São João dos Ramos” e nos mangues que envolvem cultura e natureza complexas, instigantes e desafiantes para a análise das práticas socioculturais e educacionais pelo viés das muitas linguagens que o produzem, o registram e o noticiam. Poderíamos dizer que essa especificidade permite interações com o pensamento de Edouard Glissant (2005), aberto para múltiplas possibilidades de leitura da história, da cultura, da memória, e das tradições local. O pensamento da interação social num determinado ambiente é intuitivo, de partilha, aberto as inter-relações do oral com o letrado e do letrado com o oral. Nesses quadros, metodologicamente, ele propõe:

Ouvir o outro, os outros, é ampliar a dimensão espiritual de sua própria língua, ou seja, colocá-la em relação. Compreender o outro, os outros, é aceitar que a verdade de outro lugar se justapõe à verdade daqui. E harmonizar-se ao outro, é aceitar acrescentar às estratégias particulares de cada língua regional ou nacional, estratégias de conjunto que seriam discutidas em comum (GLISSANT, 2005, p. 54-55).

Na comunidade “São João dos Ramos” e nos mangues odivelenses, espaços que unem e separam os conhecimentos letrados com os saberes e fazeres locais, a vida humana se faz e se refaz, molda e é moldada pelas geografias dos manguezais, dos rios, das várzeas e terras firmes, tecidas pelos diversos grupos e agentes sociais que ali habitam ou ali interagem. Nesse território, “práticas e saberes locais, por exemplo, ganham lugar de destaque, pois ao estudá-los, a subjetividade passa a ter papel central tanto para o exercício da alteridade a compreensão do outro, quanto para o da outridade” (LIMA, S. S; FERNANDES, 2018).

No percurso destes rios e manguezais situa-se, o *locus* deste estudo, no município de São Caetano de Odivelas/PA, especificamente na Comunidade “São João dos Ramos”, onde há maior concentração de pescadores artesanais. Nesse lugar, é preciso considerar que se trata de

comunidades onde permanece a articulação das várias dimensões da vida (trabalho, lúdico, religião), enquanto o foco maior das políticas reside nos objetivos de produção em si e de qualidade de vida entendida como geração de renda (MANESCHY, 2012).

Diante do exposto, o foco da investigação direcionou-se a partir de como os saberes e fazes dos pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas, podem contribuir significativamente para o ensino e a aprendizagem na prática escolar deste município? De que maneira esses saberes e fazeres poderiam ser incorporados como proposta pedagógica da prática escolar?

A escolha pelo tema está ligada à experiência como coordenador e supervisor pedagógico, em orientações educacionais, planejamento curricular para as séries iniciais e finais do ensino fundamental, pela prática docente em regiões ribeirinhas e pelo cumprimento da gestão educacional de 10 anos como Secretário de Educação dos municípios de Melgaço/PA e São Caetano de Odivelas/PA. As experiências adquiridas no exercício das funções possibilitaram convivências diretamente ligadas aos modos de vida local, as interações etnoculturais, etnossaberes, relações de amizade com os moradores da comunidade em suas diversas categorias.

Entre outras razões que aguçaram a vontade em desenvolver a presente pesquisa neste contexto, foi exatamente a preservação da cultura local entrelaçada na experiência e nas atividades do dia - a - dia do pescador artesanal da comunidade de São João dos Ramos, onde “esta experiência próxima que fornece o amálgama de um saber, que é transferido de geração a geração privilegiadamente por via oral, a partir da construção imaginária de cartografia (espacialidade das experiências adquiridas)” (FERNANDES; FERNANDES, 2015, p. 133).

A importância de se realizar um estudo das interações dos pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas/PA entre si e com a proposta de inclusão dos seus saberes e fazeres na prática escolar neste município, procura entender, na relação natureza, cultura, educação, trabalho, saberes e fazeres, no complexo cotidiano nos manguezais, a inclusão dessas culturas na prática escolar se justifica, entre outros motivos, pela carência de pesquisa sobre essa temática, apesar de muitas pesquisas realizadas nestes ecossistemas, jamais tratou sobre a valorização dessas culturas por meio do processo da sua inclusão na prática educacional.

As inúmeras pesquisas realizadas nos manguezais de São Caetano de Odivelas não objetivaram a proposta de inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar que pudesse considerar a presença da escrita, dos meios de comunicação no processo de formação cultural, identitária e como os pescadores se apropriam desses meios em seu cotidiano pela existência pessoal, social e sua contribuição para o ensino e aprendizagem.

Igualmente, não pretenderam estudar as dificuldades que os moradores dos mangues e rios envolvidas em teias de contradições sociais, formas de exploração de seu trabalho ou os modos de acreditar e lutar pela existência de si e da família desvelando significados antrópicos acerca da cultura e seu meio natural.

Considerando o baixo índice da educação básica no município de São Caetano de Odivelas/PA (INEP, 2017) práticas pedagógicas descontextualizadas da realidade local, distanciamento das escolas municipais das comunidades tradicionais, desvalorização dos saberes e fazeres dos pescadores do município quando não há diálogo entre a escola e a cultura local e principalmente a dificuldade de aprendizagem por grande parte dos alunos da rede escolar municipal, de certo modo ocasionada pela estrutura curricular normatizada a nível nacional, esse trabalho científico propõe hipoteticamente incluir os saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar do município de São Caetano de Odivelas, com o objetivo de valorizar a cultura local por meios desses saberes tradicionais e ainda possibilitar a aprendizagem dos discentes através de conteúdos contextualizados à sua própria realidade local e consequente melhoria dos indicadores educacionais do município.

Este estudo, intitulado *Pedagogia do Mangue: Proposta de inclusão de saberes e fazeres dos pescadores artesanais do município de São Caetano de Odivelas/PA*, buscou dialogar com o campo da interculturalidade, sustentando – se teoricamente em diversos autores como: Diegues, José Jorge de Carvalho, José Guilherme Fernandes, Daniel Fernandes, Edouard Glissant, Daniel Mato e demais autores do entorno e da região que compreende o lócus da pesquisa.

A trilha metodológica também pautou referências em: Paul Thompson, Antônio Chizzotti e Menga Ludke. Entre esses, outros autores compuseram a estrutura teórica desse trabalho que se encontram citados e devidamente referenciados no conteúdo apresentados nos capítulos a seguir.

Este Trabalho está dividido em três capítulos: O capítulo I trata da Revisão Bibliográfica, que garante sustentação teórica da pesquisa numa relação com os saberes e fazeres dos pescadores artesanais, vinculando - se a proposta de inclusão desses conhecimentos ao processo de ensino e aprendizagem na prática escolar do município de São Caetano de Odivelas/PA. Neste contexto dialogal, busca reconhecer e particularizar os pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos (distrito do município) como transmissores de conhecimentos locais através das suas relações com o ambiente onde estão inseridos.

O capítulo II discorre sobre Material e método, onde faz um breve relato da situação geopolítica, socioeconômica, educacional e cultural do município de São Caetano de

Odivelas/PA, assim como da comunidade de pescadores artesanais “São João dos Ramos”, pertencente ao referido município. Aborda de forma sucinta, metodologicamente, todos os passos da pesquisa que resultou na construção deste estudo, considerando problemáticas, objetivos e hipóteses que estruturam e sustentam a existência de mais um ganho social e acadêmico pela construção do conhecimento científico, sistematizado para fins de uso institucionais, pesquisas etc.

E finalmente o capítulo III, apresenta o Resultado e discussão, que enuncia os resultados esperados e inesperados desta pesquisa, além da discussão sobre a proposta de inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar do município de São Caetano de Odivelas/PA, utilizando como ferramenta, neste contexto, malhas de saberes em narrativas de histórias orais e memórias de pescadores anciãos da comunidade de São João dos Ramos, região distrital do município pesquisado. Trata, ainda, da pedagogia do mangue como uma metodologia de ensino interdisciplinar e transversal para a prática pedagógica escolar, como viável para inclusão na proposta curricular do município a priori no sistema educacional local, assim como sua importância para a valorização do processo intercultural local.

Considerando tais argumentos, o presente trabalho dissertativo promove não somente ganhos pessoais, alcançando uma nova titulação na carreira acadêmica, mas contribuirá significativamente para a melhoria da qualidade da educação de São Caetano de Odivelas, assim como com as discussões e análises propostas pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos da Amazônia, na Linha de Pesquisa Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais. O desejo é fazer avançar as pesquisas em cultura e natureza em espaços amazônicos, em particular, São Caetano de Odivelas, cujas relações colaborativas projeta o envolvimento do trabalho científico para o desenvolvimento socioeconômico político e cultural principalmente das comunidades tradicionais.

CAPÍTULO I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O presente capítulo discorre sobre saberes e fazeres de pescadores artesanais, destacando-os como protagonistas de discussão que envolve conceito de Pedagogia do mangue e suas relações dialogais com Etnossaberes, Interculturalidade, identidade e modos de vida nos manguezais, objetivando propor a inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar do município de São Caetano de Odivelas/PA, considerando temas transversais contextualizados para a realidade brasileira e amazônica. Neste contexto, reconhecer e particularizar os pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos (distrito municipal) como inventores de conhecimentos locais através das suas relações com o ambiente onde estão inseridos.

1. 1 Pedagogias de saberes: diálogo de saberes, inclusão e interculturalidade no mangue

A pesca artesanal, no Brasil, caracteriza-se principalmente por inúmeras e complexas especificidades que envolvem de forma considerável diversos fatores como: sociais, culturais, econômicos, ambientais, educacionais, políticos e institucionais. Nesta prática de sustentabilidade que considera o lugar, os pescadores artesanais são movidos pelos saberes e fazeres adquiridos ao longo das gerações, podendo contar ainda com diversos meios de transportes como canoas, barcos de pequeno porte e rabetas (canoa com motor de polpa e eixo longo), em sua bagagem estão os artefatos de pesca confeccionados por eles mesmos ou não, o saber fazer constroem estratégias para capturar diversas espécies de pescado geralmente escassos, em um meio de constantes mudanças (DIEGUES, 1983).

Segundo dados do antigo Ministério da Pesca e Aquicultura (ACEB, 2014), o Brasil possui mais de um milhão de pescadores profissionais artesanais que atuam em todo o território nacional regulamentados pela lei n. 11.959/2009, que admite sua realização pelo sistema de economia familiar. Homens, mulheres e crianças em diversos ambientes pesqueiros deste país vivem de forma sustentável na prática da pesca artesanal, principalmente aqueles que atuam na região costeira e são legalmente assegurados por meio de uma Política Nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais garantidas no Decreto nº 6.040/07 – DOU 8.2.2007 e que dispõe como povos e comunidades tradicionais ou grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuindo formas próprias de organização social e, ainda, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para

sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, nos quais estão inseridos os pescadores.

Essa categoria recebeu mais atenção com a lei que regula a atividade pesqueira (Lei 11959/09 DOU 30.6.2009), que objetiva, em um de seus artigos, “o desenvolvimento socioeconômico, cultural e profissional dos que exercem a atividade pesqueira, bem como de suas comunidades”. É importante ressaltar que as populações indígenas não são contempladas nesta legislação, mesmo atuando geograficamente em ambientes pesqueiros diferentes os pescadores artesanais no Brasil são considerados grupos sociais que vivem da pesca (DIEGUES, 2002).

Aliado a isso, o Pará tem grande destaque na produção pesqueira do Brasil, principalmente no que se refere a volumes de peixes capturados (ISAAC, ESPIRITO-SANTO & NUNES, 2008), ficando somente atrás do Estado de Santa Catarina que pela análise da Produção Nacional de Pescado é o primeiro em captura marinha (ACEB, 2014). Nesse cenário que coloca o Pará entre os primeiros estados do Brasil na produção do pescado, vale destacar o pertinente papel do pescador artesanal nesta cadeia produtiva, pois embora a pesca industrial utilize equipamentos de pesca modernos e de grande eficácia para a captura do pescado, a pesca artesanal se destaca pela quantidade de pescadores artesanais atuantes, especialmente nos municípios que correspondem à região costeira do nordeste paraense.

No município de São Caetano de Odivelas, localizado na região nordeste do Estado do Pará, a pesca artesanal representa mais de 80% da prática pesqueira, grande parte de homens, mulheres e até crianças da sede e do meio rural de São Caetano, lançam-se ao desafio de garantir sua sobrevivência através da pesca nos rios que cortam os manguezais, ambiente tipicamente composto por planícies de maré sob influência de água salobra, ou planícies fluviomarinhas, com fisiografia ideal para a formação de manguezais.

Trata-se de uma área estuarina localizada na região nordeste do Estado do Pará, que por sua situação geográfica, recebe água costeira tanto do Oceano Atlântico quando do Rio Amazonas como área de transição entre um rio rico em matéria sedimentada e um mar abundante em matéria orgânica que possibilitam a formação e manutenção dos manguezais. Tais estuários são muito afetados pela ação das marés, principalmente por efeitos erosivos e assoreamento de pequenos rios, mas por outro lado, a mistura da água doce com a água salgada também possibilita a grande diversidade de animais e vegetais tornando uma região diferenciada e singular, pois constituem áreas pantanosas ou lamacentas, cobertas pelas águas durante as marés enchentes e descobertas nas marés vazantes, recebendo também águas das

drenagens fluvial e subterrânea (ROCHA, 2015).

Considerando a prática da pesca artesanal em São Caetano de Odivelas/PA, como atividade prioritária para a garantia da subsistência histórica das famílias que vivem nesse lugar, onde a maioria dos alunos regularmente matriculados nas escolas municipais, principalmente na faixa etária de 12 a 17 anos, participam ativamente do sustento da família, observamos que há a necessidade de um estudo relacionado ao diálogo entre saberes, tanto aqueles que estão na memória e nas práticas dos pescadores artesanais quanto aos que estão nas propostas curriculares do ensino sistematizado do conhecimento letrado. Pois os baixos indicadores educacionais do município de São Caetano de Odivelas/PA, ocasionados principalmente pela evasão escolar, reprovação e dificuldades de aprendizagem.

O Índice da Educação Básica (IDEB) 2017 nos anos iniciais ficou longe de alcançar a meta nacional que é 6,0, o índice de aprendizagem atingiu apenas 4,90 (quanto maior a nota, maior o aprendizado), o índice de aprovação obteve um fluxo de 4,0, sendo que a média a ser alcançada pelo município era de 6,0 (quanto maior o valor, maior a aprovação). Já nos anos finais do ensino fundamental da rede pública não atingiu a meta, teve queda e não alcançou 6,0, apresentando desta forma o seguinte cenário: Aprendizado 3,8, meta nacional 6,0. Em linhas gerais o IDEB em 2017 foi de 2,9, meta nacional é 6,0, a meta a ser alcançada pelo município de São Caetano em 2017 era: 4,7. (INEP,2017).

Observando esses indicadores educacionais do município de São Caetano de Odivelas, percebe-se o grande fracasso da política educacional na rede escolar municipal, por estes problemas, se faz necessário a elaboração de plano de ação que visem a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, com o objetivo de melhorar esses indicadores e pelo menos se aproximar das metas nacionais, e a proposta de inclusão de saberes e fazeres dos pescadores nessas práticas pedagógicas são de grande relevância para facilitar o aprendizado do aluno considerando a contextualização dos conteúdos programáticos em relação à realidade local do discente, pois quando se tem resultado positivo no processo de aprendizagem, melhora os índices de aprovação.

Estudar saberes e fazeres nos modos de viver nos rios e manguezais de São Caetano de Odivelas/PA, como proposta de inclusão educacional, exige uma reflexão profunda sobre o lugar e das práticas socioculturais, políticas e econômicas. É nesse contexto que os pescadores artesanais do nordeste paraense constroem sua identidade como homem do mangue, buscando categoricamente a sua identificação social, que se caracteriza através do visível ambiente territorial onde vive e se relaciona, pois “as marcas da identidade não estão inscritas no real, embora os elementos sobre os quais as representações de identidade são construídas sejam dele

selecionados” (PENHA, 1992, p. 167). Desse modo, a identidade como elemento simbólico constitui - se através de fatores sociais que representam uma certa homogeneidade ao espaço de atuação dos saberes e das práticas dos pescadores artesanais que ali vivem e se identificam (HAESBAERT, 1999).

O pescador artesanal, especificamente da comunidade de “São João dos Ramos”, no município de São Caetano de Odivelas/PA, assume uma identidade particular que permite a construção de saberes e fazeres capazes de dialogar com o mundo letrado onde se insere as escolas de ensino fundamental e a própria academia, abrindo portas de oportunidades para a inclusão dialógica das ciências. Nesses processos de luta pela vida no meio dos manguezais e constituição das identidades da região do salgado paraense e de seus habitantes, a prática da pescaria ao longo dos manguezais e rios odivelenses são visíveis, onde diríamos que as águas comunicam e produzem cultura e educação no circuito intenso de pescadores e pescadoras artesanais de identidade anfíbia (FRAXE, 2011).

As práticas da pesca nos rios e manguezais são de certa forma, realizadas por meio de saberes tradicionais que foram passados de geração a geração num processo de ensino e aprendizagem “iletrada” de forma natural e espontânea onde os valores presentes na interculturalidade e etnossaberes (FERNANDES, 2016) reforça a importância dos povos e comunidades tradicionais, na construção de uma educação identitária como principal elemento na formação humana de seus sujeitos.

A pedagogia do mangue como precursora da interação para uma dinâmica educacional a partir de saberes tradicionais, tende sempre o diálogo com etnossaberes, educação do campo, pedagogia pós-colonial entre outros conceitos que discutem ou se aproximam das relações entre conhecimento e saberes, e que possam visualizar o monopólio do eixo sul frente à produção do conhecimento no país, onde as escolas públicas e até as universidades, seguem de forma normativa um desenho curricular que pouco inclui os saberes das comunidades tradicionais locais ou regionais.

A diversidade de lugares, povos e práticas culturais revela a inviabilidade de um saber hegemônico e homogêneo produzidos a partir da realidade do centro-sul do Brasil, para citá-los como os principais e representativos da identidade brasileira, é através de uma proposta de inclusão de saberes nas práticas escolares como Pedagogia do Mangue por exemplo, de característica regionalizada e interdisciplinar que queremos ampliar este lugar de análise no campo científico do conhecimento (BOURDIEU, 2004).

Neste mundo dos rios e manguezais de São João dos Ramos, sempre regidos e sintonizados com os tempos das marés, dos ventos, dos saberes e fazeres, a dimensão simbólica

dos processos socioculturais e trocas de sabedorias ultrapassam a visão restrita de uma vida pacata em um município paraense como São Caetano de Odivelas, pois revela os rios e manguezais em conexão com diferentes práticas e modos de ser e estar no Brasil e no mundo, levada a cabo por seus muitos pescadores e sujeitos que por ali passam, param e seguem caminho. Nesta dinâmica de ensinar, aprender e socializar - se com os outros, como enfatiza (MATO, 2017), não se trata apenas de diálogo, mas de construir juntos sua existência em meio a um universo de práticas de transmissão e apreensão de conhecimentos tradicionais articulados a aspectos econômicos, políticos, socioculturais e religiosos. É o que sustenta Voss (2009, p.262)

Compreender, uma característica humana, não está relacionado apenas à emergência da consciência, nem tão-somente à autoconsciência, mas ao autoconhecimento, o que permite proceder a uma separação do mundo, um entre mim e o mundo, intencional, como consciência de algo, ao apreender um fato. Ao se agir no mundo, atribui-se ao objeto apreendido um valor de falsidade ou verdade e/ou outro valor de ordem emocional, bom ou ruim. A maior ou menor realização humana depende da intimidade com que se interrelacionam os dois lados da compreensão, cognição e avaliação da experiência, inseridos numa cultura, num sujeito em constante e incessante processo de conhecimento e autoconhecimento (VOSS, 2009).

O conhecimento e autoconhecimento como processo de ensino e aprendizagem nos rios e manguezais torna o pescador artesanal um interlocutor de saberes, que corrobora para práticas sustentáveis e de construção de valores e de culturas. Se atentarmos para um diálogo de conhecimentos científicos sistematizados numa proposta curricular, por exemplo, e saberes tradicionais dos pescadores, veremos que a prática pedagógica quase não se distancia da metodologia do ensino e da aprendizagem utilizada regularmente pelas instituições de ensino, pois as ciências construídas num alicerce de verdade e de valores, baseadas nas aulas práticas da busca pela sobrevivência, constituem praticamente o mesmo objetivo do ensino sistematizado que é a formação humana baseada também em valores, ética e cidadania.

Neste contexto de inclusão de saberes tradicionais no ensino sistematizado, como prática educativa por meio de temas transversais e interdisciplinares, não se pode descartar informações relevantes sobre memórias de um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo (BOSI, 2003) que se configurem como experiências de docentes e pescadores artesanais, considerando o ensino e aprendizagem provenientes dos saberes e das práticas, tendo como determinante regente da vida, a dinâmica das marés, dos ventos, fases da lua e estratégias de utilização de artefatos de captura do pescado. Por outro lado, a prática docente no processo sistematizado de ensino, em que o

professor detém o conhecimento letrado (SOARES, 2003) e que pode utilizar como ferramenta de contextualização os saberes tradicionais através de diálogo de saberes entre ciências tão distintas, necessitam de fontes primárias para se construir conhecimentos, mas é palpável a escassez de muitas informações, com isso, faz-se necessário recorrer às histórias orais e às histórias de vidas para a garantia de reconstrução de uma pedagogia que possa incluir o saber fazer das práticas cotidianas das comunidades tradicionais.

A Pedagogia do Manguê que aqui se discute é um conceito construído a partir das características geoculturais do lugar, onde o saber e o fazer do pescador artesanal estão inteiramente ligados às práticas do seu cotidiano que se inter-relacionam com a interculturalidade e etnossaberes “como processo de permanente relação, comunicação e aprendizagem entre pessoas, grupos, conhecimentos, valores e tradições, sem necessariamente haver a fusão, ou hibridização, entre as práticas e os saberes” (FERNANDES, 2016). É um produto de conhecimento constituído pelas narrativas orais, memórias, manifestações culturais, crenças religiosas, etc. que “está mais afinado com as práticas das ciências humanas e sociais, marcadamente em contexto de pesquisas etnográficas e socioambientais” (FERNANDES; FERNANDES, 2015, p.135).

Considerando os saberes e fazeres dos pescadores artesanais, é possível admitir a importância das comunidades tradicionais na vida e na formação humana das pessoas, em que as características socioculturais relacionadas ao seu ambiente de atuação podem ser associadas involuntariamente às atividades escolares num processo de adaptação de conteúdos em temas transversais mediados pela linguagem regional capaz de dialogar por meio de uma pedagogia decolonial, numa perspectiva teórica que envolva o mundo letrado e acadêmico que se forja em novos contextos de discussão do conhecimento (OLIVEIRA, 2016). Aliado a isso, Walsh; Oliveira; & Candau (2018, p.5) afirmam que

essa pedagogia se opera além dos sistemas educativos (escolas e universidades), ela convoca os conhecimentos subordinados pela colonialidade do poder e do saber, dialoga com as experiências críticas e políticas que se conectam com as ações transformadoras dos movimentos sociais, é enraizada nas lutas e práxis de povos colonizados e, é pensada com e a partir das condições dos colonizados pela modernidade ocidental. Assim, o pedagógico e o decolonial se constituem enquanto projeto político a serem constituídos nas escolas, nas universidades, nos movimentos sociais, nas comunidades negras e indígenas, nas ruas etc.

Pedagogia do manguê tem como base a Interculturalidade e Etnossaberes no sentido de construção de projetos políticos pedagógicos que viabilizem a inclusão dos saberes dos pescadores artesanais nas escolas. Esses saberes que durante milhares de anos foram tolhidos

da prática pedagógica por meio dos conteúdos programáticos direcionados pela estrutura curricular, principalmente do ensino público. Ambas com o intuito de dialogar com as experiências críticas e com as práticas do dia - a dia conectadas ao ambiente de atuação e essa nova forma de pensar a (re) construção dos saberes para a formação de gerações futuras, começa a ocupar espaço no mundo acadêmico muito recentemente com o intuito de ressignificar o mundo moderno do conhecimento sistematizado e dos saberes diversos (MIGNOLO, 2017, p. 15).

É possível perceber que toda a estrutura educacional brasileira, em tempos recentes, vem sendo convidada a (re)pensar e discutir diversas questões inerentes ao currículo escolar, chamando atenção para temáticas que envolvem principalmente a prática de ensino, a didática, formação de professores e a própria convivência escolar com a comunidade local. Para Catherine Walsh, Luiz Fernandes de Oliveira e Vera Maria Candau (2018), há uma crescente aderência por parte de diversos pesquisadores brasileiros no sentido de pensar e formular uma perspectiva de educação a partir dos sujeitos subalternizados pela colonialidade como as comunidades tradicionais por exemplo. Nesse sentido, é cabível a pedagogia do mangue como indicativo a partir dos saberes dos pescadores artesanais, com a inclusão desses saberes nas escolas, numa perspectiva decolonial, não se tratando de mudar a política curricular vigente, mas adequar-se num espaço educacional através de processo interdisciplinar de temáticas transversais.

No contexto que envolve a inclusão de saberes e fazeres dos pescadores artesanais no projeto político pedagógico escolar, é um desafio político educacional que além de se sustentar numa pedagogia local, ainda se faz necessário entender e assegurar-se na pedagogia intercultural como elemento primordial para a visibilidade da diversidade cultural na produção dos saberes, Calderoni, Urquiza (2017, p.112)

Um entendimento importante para esta reflexão é a temporalidade dos saberes, perceber que estamos sempre em movimento, fazendo retomadas, construindo e reconstruindo nosso próprio olhar, e, pretensiosamente o olhar dos outros”. Em outras palavras, trata-se sempre de “âncoras” provisórias, tendo em vista a dinamicidade das relações de conhecimento (CALDERONI, URQUIZA, 2017, p. 112).

Para alocar a interculturalidade nessa discussão, ela precisa ser compreendida a partir do universo dos atores sociais envolvidos, considerando, desse modo, relações e convivências na diversidade cultural. Nesse sentido, propõe - se um alinhamento intercultural como elemento pedagógico para as garantias de diálogo entre os saberes, com isso, podemos aferir a

possibilidade da interculturalidade, de decolonização dos discursos produzidos a partir da construção dos conhecimentos, como propõe Walsh (2009). A interculturalidade de todo modo não possui um conceito fechado, pois a diversidade de atribuições que poderiam culminar com o termo em se tratando de diálogos de saberes ou de cultura em comunidades tradicionais não produz um produto acabado de interculturalidade, considerando esse raciocínio, (MATO, 2012, p. 50) afirma que:

é plausível abordar o uso do conceito de interculturalidade com uma atitude deliberadamente aberta. Em outras palavras, considerando o universo de possíveis aplicações, esse conceito inclui todos os tipos de casos nos quais as diferenças nomeadas ou percebidas como culturais, de significado, ou de visão de mundo, ou de racionalidade, se apresentam não apenas em relação a referências étnicas, nacionais ou linguísticas, mas também profissionais, ocupacionais, organizacionais, institucionais, de gênero, geracional, de religião, classe, posição social, território, ideologia política etc. Dessa forma, não é plausível supor que haveria um campo objetivamente delimitado de assuntos que a priori poderiam ser considerados como interculturais, deixando os outros fora de consideração. Por outro lado, o campo de experiências sociais que podem ser analisadas a partir da conceituação da ideia de interculturalidade é aberto.

Tratar a inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais no processo educacional sistematizado numa perspectiva intercultural, não é apenas reconhecer academicamente a inexistência de cursos de formação de professores que se refira em particular, de saberes tradicionais, mas incluir de certa forma, tais saberes, num arranjo interdisciplinar que contribua para a formação humana e cultural dos alunos que participam dessas relações de saberes e sociabilidade dos mesmos. Uma ampla discussão que “... considero que a plena inserção de seus saberes nos delineamentos curriculares, epistêmicos e metodológicos, pois entendo o conceito de interculturalidade como colaboração solidária e criativa entre culturas em contato, com reconhecimento mútuo de seus valores e modos de vida (FERNANDES, 2016, p.43).

Os saberes tradicionais comunitários caracterizados por fatores interculturais, não podem ser comparados com aqueles sistematizados nas ciências sociais, pois jamais poderão ser nomeados como disciplinas científicas fragmentadas nos diversos ramos da ciência moderna. Esses saberes, portanto, têm suas próprias estruturas dialogais de ensino e de aprendizagem, podendo ser considerados como conhecimentos construídos numa perspectiva interdisciplinar ou multidisciplinar, com isso, os saberes e fazeres dos pescadores artesanais por exemplo, devem dialogar com as ciências pré-estabelecidas nos currículos escolares de forma transversal e interdisciplinar, fato esse percebido em De Carvalho & Flórez (2014, p.133):

El proceso de creación, reproducción y transmisión de los conocimientos tradicionales no pasa por esa fragmentación disciplinar. Aún cuando esos conocimientos también tengan su dimensión empírica, experimental y objetiva, les damos el nombre de saberes justamente porque son integrados. Además, casi todos los saberes tradicionales son multidisciplinarios, interdisciplinarios y transdisciplinarios, y no son construidos ni transmitidos de un modo neutral y despersonalizado; por el contrario, son saberes justamente anclados en los maestros o sabedores.

Os saberes ancorados nos professores e pescadores artesanais são elementos colaborativos “modalidades de colaboración intercultural” en las que participamos. (MATO, 2017, p.16), para a construção de conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento sócio-cultural, político e religioso do aluno como agente social do lugar onde se inclui tais saberes, seja nos projetos políticos pedagógicos das escolas, como nas propostas curriculares das disciplinas regionalizadas por considerar a diversidade educacional. Não se pode negar, nesse contexto, que a prática docente na pedagogia letrada tenha relações com os saberes locais, pois um número significativo de educadores, tem formação humana baseada em valores e etnosaberes construídos no seu próprio lugar de sociabilidade “... onde se firma a identidade raiz, pautada em visão atávica da cultura de origem, existe também as culturas compósitas, oriundas de um processo contínuo de crioulização” (FERNANDES, 2016).

Numa abordagem epistemológica, a interculturalidade no campo da discussão dos conhecimentos construídos a partir de saberes tradicionais como inclusão nas ciências sociais letradas, necessita de tratamento metodológico para a inclusão do “outro”, considerando que tais saberes não fazem parte de um sistema educacional estabelecido em discursos pontualmente identificáveis das lógicas eurocêntricas (SOUSA SANTOS, 2009).

Com isso, pode-se travar um debate de resistência para poder considerar os saberes locais como parte integrante e necessária para a formação de sujeitos críticos e reflexivos do seu lugar, em detrimento ao mundo monocultural que, historicamente, objetiva ocultar os saberes e práticas locais como forma de inferiorização das comunidades tradicionais e os valores interculturais dos povos ameríndios.

Outro fator importante para tratar nesse argumento, é que não poderemos conceber que o mundo letrado e os saberes tradicionais sejam dois mundos do conhecimento radicalmente separados, não se pode negar um ao outro, pois ambos têm possibilidades reais de diálogos e construção de conhecimentos, as verdades e as não verdades absolutas do conhecimento estabelecido nessas relações de saberes não convém numa discussão comparável a da antiga crença da superioridade da civilização ocidental (MATO, 2009).

O encontro dos saberes numa perspectiva de construção do conhecimento é, de certa forma, a homogeneização do mundo científico letrado com os saberes tradicionais, embora haja distinção entre ambas, pois é preciso entender que todas as ciências são resultados de saberes originados a partir da observação dos fatores bióticos e abióticos presentes nos diversos ambientes do planeta Terra. O saber tradicional se caracteriza identitariamente por suas especificidades e diversidades, busca envolver a sociedade em âmbito geral para a garantia da sobrevivência e manutenção das suas culturas, “mesmo estando às margens das instituições formais que sempre lhe negaram o poder e a legitimidade do saber aceito” (TAQUARY, 2007). O mundo letrado ou científico não pode ser considerado superior ao saber tradicional,

como já enfatizamos neste contexto, o saber sistematizado ou escolar é construído a partir dos saberes alicerçados nas comunidades e legitimados nas instituições, transformando-os em ciência do conhecimento. Tais saberes que se constroem ao longo do tempo pelas práticas e vivências inter-relacionadas com os outros elementos do meio ambiente, sintonizam-se com as memórias aguçadas pela história oral, num processo de despertar dos saberes guardados nas experiências dos anciãos que a cada geração constroem e (re)constróem o conhecimento eficaz para a manutenção humana nas complexidades das dinâmicas ambientais do planeta. Acerca disso, Delgado (2003, p.10) afirma que

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro. (DELGADO, 2003, p.10).

É nesse tempo defendido por Delgado (2003) que os saberes e fazeres dos pescadores artesanais são construídos num processo de continuidade. Nesse sentido, a história oral tem participação importante para se ter uma visão sobre os acontecimentos do passado, vivido nas experiências e na sabedoria que foi passada de geração em geração, nos possibilita produzir conhecimentos a partir das memórias ainda vivas. Não há dúvidas de que se os saberes não fossem transmitidos para as gerações futuras, muitos avanços tecnológicos que hoje revolucionam o mundo através das ciências, jamais existiriam, pois o saber e o fazer das populações humanas, considerando suas diversidades, configuram-se nessa discussão como matriz de todo e qualquer conhecimento existente num âmbito universal.

A importância dos saberes tradicionais por meio das memórias e história oral reforça ainda mais o argumento da inclusão desses saberes nas escolas, como instrumento de ensino e

aprendizagem, pois é dentro da história oral que podemos encontrar importantes lembranças que podem reacender as vivências, as manifestações culturais, as práticas do trabalho, os modos de socialização com as pessoas e com o meio ambiente, as relações políticas, econômicas e afetivas que marcaram profundamente um tempo passado a vida desses contadores de histórias de suas comunidades. Por isso, mergulhar no passado através das histórias contadas é deixar conectar-se ao passado, a outros tempos, utilizando-se de um veículo emocional para trazer em suas lembranças, hábitos, valores, modos de viver o dia-a-dia, comungar nas recordações as vivências em naturezas diferentes e revivendo questões de caráter ideológico, político, religioso e sociais, com o propósito de laçar a sua vida a própria história (THOMPSON, 1998).

Através da história oral é possível acessarmos muitos saberes ora adormecidos na memória dos pescadores artesanais, pois seus modos de vida, as práticas de pescaria, as ciências da pesca e outras formas de sociabilidade estão incorporadas na sua própria história, assim todos os elementos que compõem os saberes tradicionais podem dialogar diretamente com o saber escolar sistematizado, que possui uma estrutura bem definida nos parâmetros curriculares, mas que se formam originariamente das condições ambientais perfazendo um desenho normativo da realidade social dos sujeitos envolvidos. Nesse diálogo de saberes, é importante considerar a história oral de vida dos pescadores artesanais como modalidade subjetiva, utilizando-se, dessa forma, do retrato que o narrador faz de si mesmo (SANTOS & ARAÚJO, 2007).

É a partir das histórias de vida dos pescadores artesanais que podemos entender de onde surgem suas incríveis habilidades em trafegar os diversos rios, canais ou várzeas dentre os manguezais, seus conhecimentos de um marinheiro particular de ser e as estratégias para a captura do pescado. Esse vasto campo de saberes estão imersos na composição identitária desses pescadores em âmbito global, em que a homogeneização cultural no mundo traz influências da globalização nas dinâmicas econômicas e, conseqüentemente, o desprezo desse saber fazer artesanal, por isso a necessidade da inclusão desses conhecimentos nas escolas como tendência decolonial de fortalecimento das tradições e raízes locais.

1.2 Saberes do mangue: diversidade entre pedagogia do mangue, outros estudos estuarinos em São Caetano de Odivelas/PA e comparativos

Para desenvolver uma pesquisa baseada em saberes locais como propósito de inclusão educacional no processo sistematizado de ensino e aprendizagem é necessário integrar-se ao ambiente de convivência da comunidade que se pretende estudar. Nesse sentido, o direcionamento das investigações devem seguir seus objetivos baseados nas especificidades do lugar, pois diversos estudos já desenvolvidos, os que ainda estão em andamento e os que

futuramente serão projetados para compor o grande campo de construção do conhecimento científico, sem dúvida, num olhar paralelo, consideram a diversidade de saberes, fazeres e acreditares como identidade particular da comunidade.

Uma comunidade isolada nunca é típica de uma região ou uma nação. Cada qual tem suas próprias tradições, sua história particular, suas variações especiais do modo de vida regional ou nacional. A cultura de uma região ou de uma nação moderna possui uma organização muito maior do que a simples soma das comunidades que a integram. Existem instituições e poderes sociais de um âmbito regional, nacional ou até mesmo internacional, que determinam a tendência de vida de cada comunidade. A igreja, as instituições políticas, o sistema de educação convencional, o sistema comercial e muitos outros aspectos de uma cultura, são muito mais difundidos e mais complexos em sua organização do que parecem quando observados em uma comunidade (WAGLEY, 1957).

Nesse contexto, a pesquisa Pedagogia do Mangue, que objetiva estudar os saberes e fazeres dos pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos, no município de São Caetano de Odivelas no Nordeste Paraense, como proposta de inclusão desses saberes na prática escolar, considerando nesse viés temas transversais a serem contextualizados nas escolas municipais, a priori do município da investigação, levando em consideração os fatores interdisciplinares e diálogo de saberes. É importante frisar que o município de São Caetano de Odivelas, com suas especificidades e diversidades culturais e interculturais, constitui em suas características uma identidade particular, tornando assim, um grande laboratório de pesquisas num âmbito interdisciplinar.

É lógico que nem todas as pesquisas já realizadas em território Odivelense tem semelhança com os principais objetivos da pedagogia do mangue, cada uma com seus alvos de investigação, mas que tangem para uma realidade proximal de discussão. Em levantamento bibliográfico sobre estudos já realizados nesta região estuarina, foi possível encontrar diversas produções científicas que apesar de apresentarem abordagens diferentes das que apresentamos neste contexto, ainda assim, a linha de raciocínio em grande parte desses estudos realizados apresentam fatores paralelos a essa linha de pesquisa.

Em 2012 foi desenvolvida uma pesquisa intitulada em *Saberes e práticas tradicionais: população pesqueira extrativista da Vila Sorriso - São Caetano de Odivelas/PA*, tendo como autora, Neila de Jesus Ribeiro Almeida, que na ocasião discorria etnograficamente um estudo nesta comunidade que culminaria com a sua dissertação de Mestrado acadêmico defendido neste mesmo ano na Universidade Federal do Pará.

A pesquisa trata da relação entre ser humano e natureza, tendo como foco a comunidade Vila Sorriso, situada a 7,5 km da sede do município de São Caetano de Odivelas no Estado do Pará. Objetiva identificar dentre os pescadores extrativistas do manguezal, os modos de vida como subsistência, seus saberes e práticas em relação ao uso do manguezal e propor ações que possam reduzir os impactos negativos no ecossistema local (ALMEIDA, 2012).

A discussão que envolve a pesquisa realizada na Vila Sorriso, embora não trate da relação dos saberes dos pescadores extrativistas numa proposta de ensino e aprendizagem num âmbito pedagógico escolar, mas anseia sobre a importância da tradição, dos valores, das práticas do cotidiano, que identificam os sujeitos da pesquisa como percussores para a redução dos impactos ambientais nos manguezais, através dessa relação do homem com a natureza.

Percebe-se que na pesquisa os saberes e fazeres dos pescadores extrativistas são convidados a participar de uma ação de grande importância para o equilíbrio nos ecossistemas, tratando-os como mecanismos de inclusão e valor frente aos princípios sociais, políticos, culturais e econômicos. Paralelo ao que se discute em pedagogia do mangue, os saberes que ainda estão guardados nas memórias dos pescadores são fundamentais para a construção de conhecimentos de sensibilização que mantém vivos valores e identidade. Dessa forma, “...há uma conservação e uma memória neste povo que lhes permite ser o que de alguma forma já foram antes” (ALMEIDA, 2012).

Já no ano de 2013, foi concluída mais uma dissertação de mestrado tendo como palco o município de São Caetano de Odivelas/PA, que trata de uma importante pesquisa sobre a prática da pescaria neste município, com o título *A pesca de curral no município de São Caetano de Odivelas/PA* de autoria da pesquisadora Carolina de Nazaré Aleixo Fidellis. A referida pesquisa trata especificamente dos tipos de currais utilizados pelos pescadores artesanais em diversas comunidades pesqueiras do município lócus do estudo, inclusive com monitoramento de três currais na comunidade São João dos Ramos que é o alvo da pesquisa “pedagogia do mangue”, sendo esse um estudo mais direcionado às técnicas de pesca através de currais e seus tipos, não trazendo uma abordagem sobre saberes locais, questões de interculturalidade, modos de vida e identidade como é o caso da produção científica que realizamos neste enfoque.

Carolina de Nazaré traz, neste estudo, uma discussão que além das técnicas utilizadas na fabricação dos currais, aborda a produtividade do pescado como forma de sobrevivência, sustentabilidade local e comercialização da produção. Ressalta-se, com isso, que não era objetivo da pesquisadora tratar o saber fazer dos currais como tradição que ao longo dos tempos foram transmitidos através da sociabilidade dos pescadores ou por meio da oralidade advinda das memórias, como enfatiza Almeida (2012) e da forma como é abordada em Pedagogia do

Mangue. Para se ter uma ideia do viés dessa pesquisa que aqui abordamos, o conceito de pescador artesanal é dissímil ao que tratamos em nossa pesquisa, que, em diálogo com Clauzet et. al., 2005),

[...] os pescadores artesanais podem ser definidos como aqueles que, na captura e desembarque de toda a classe e espécies aquáticas, trabalham sozinhos e/ou utilizam mão - de - obra familiar ou não assalariada, exploram ambientes ecológicos localizados próximos a costa com embarcações e aparelhagem de pouca autonomia”.

Diante disso, não podemos afirmar que esse conceito esteja errôneo, mas que tange diretamente para uma determinação meramente técnica do que seja o pescador artesanal. A prática da pesca com currais está presente na pesquisa “Pedagogia do mangue” como ciência da pesca, uma forma de saber fazer do pescador artesanal da comunidade de São João dos Ramos, que num processo de ensino e aprendizagem é abordado como forma de possível inclusão desse saber como tema transversal e interdisciplinar nas escolas de ensino fundamental, mas de nenhuma forma, despreza toda e qualquer pesquisa que esteja relacionada com este objeto de estudo, pois como já foi enfatizado, a diversidade de saberes vão além dos objetivos da pesquisa.

Por fim, considera-se a dissertação *A pesca de currais em São Caetano de Odivelas/PA*, como produto científico de grande contribuição para o conhecimento sistematizado sobre os tipos de pescaria, mas que não possui semelhanças argumentativas com o que se trata em nossa pesquisa, ao considerar que “...visa caracterizar a pesca de curral como técnica dos pescadores para manipular os diferentes tipos de currais e comercialização do pescado” (FIDELLIS, 2013), e não como saber necessário à construção de valores, culturas, e pedagogias de interação social e de aprendizagem.

A comunidade São João dos Ramos, como lócus da pesquisa *Pedagogia do Mangue*, pode ser caracterizada, nesse contexto, como um laboratório aberto de saberes e fazeres dos pescadores artesanais, pois as atividades de pesca nesse lugar são frequentes, embora não seja com tanta frequência como há algum tempo atrás, além disso, assim como outras regiões do município de São Caetano de Odivelas, comumente são alvos de estudos científicos como os que estamos apresentando neste diálogo. São inúmeras pesquisas e em diversas linhas e áreas do conhecimento, que se aproximam ou se distanciam daquilo que produzimos cientificamente no lugar.

Em 2014, Elysângela Sousa Pinheiro desenvolveu uma dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Pará com o seguinte título: *Sustentabilidade, Manguezais e Reserva*

Extrativista: Instituições e Atores Sociais nos Municípios de Curuçá e São Caetano de Odivelas, tendo como objetivo:

comparar as relações entre atores sociais e instituições para o uso do ecossistema manguezal naqueles municípios. O foco comparativo consiste em avaliar como as instituições e atores sociais agem em relação aos recursos comuns quando existe uma reserva extrativista (Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá) e quando essa estrutura não existe (São Caetano de Odivelas) (PINHEIRO, 2014, p.9).

É uma pesquisa que trata basicamente da organização institucional e do processo de conservação do ambiente de atuação dos pescadores artesanais de dois municípios vizinhos, em nenhum momento leva em consideração os saberes tradicionais dessa categoria como elementos necessários para composição de ensino e de aprendizagem. Discute uma abordagem crítica sobre o uso desordenado dos ambientes pesqueiros e, ainda, acusa a inexistência de Reserva extrativista no município de São Caetano de Odivelas. Para Pinheiro (2014, p.136), “A RESEX Mãe Grande de Curuçá não cumpre integralmente suas finalidades de propiciar a conservação dos recursos comuns enquanto São Caetano de Odivelas está excluído de várias políticas públicas sociais e isso repercute na conservação dos manguezais”.

Talvez a autora Elysângela Sousa, não tenha se atentado que no mesmo ano que defendeu a sua dissertação, o município de São Caetano de Odivelas/PA criou a Reserva Extrativista de Marinha denominada de “MOCAPAJUBA”, pois anos atrás a colônia de Pescadores do município e outros parceiros, já travavam uma luta através de um movimento Pró-Resex, que resultou na criação da Resex que hoje discute planos de manejo e uso sustentável dos manguezais com os moradores das comunidades que pertencem a esta instituição.

O Decreto Presidencial de outubro de 2014 Cria a Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba, com uma área de 21.027,80 hectares, localizada no Município de São Caetano de Odivelas, Estado do Pará.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, **caput**, inciso IV, da Constituição, tendo em vista o disposto no art. 18 e art. 22 da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, e no Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002, e de acordo com o que consta do Processo nº 02018.002151/2006-32 do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - Instituto Chico Mendes,

DECRETA:

Art. 1º Fica criada a Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba, localizada no Município de São Caetano de Odivelas, Estado do Pará, com os objetivos de:

I - garantir a conservação da biodiversidade dos ecossistemas de

manguezais, restingas, dunas, várzeas, campos alagados, rios, estuários e ilhas; e

II - assegurar o uso sustentável dos recursos naturais e proteger os meios de vida e a cultura das comunidades tradicionais extrativistas da região (PALÁCIO DO PLANALTO, 2014).

Durante processo de organização pró-criação da Resex, os próprios moradores das diversas comunidades tradicionais desse bioma, em reunião de comum acordo, decidiram que o nome da Reserva Extrativista seria MOCAPAJUBA, considerando as iniciais dos nomes dos rios que cortam os manguezais da região: Mocajuba, Mojuim, Barreta e Camapu. Durante a pesquisa etnográfica para a construção do nosso estudo, foi possível participar de diversas reuniões da Resex que aqui se discute, organizadas pelo ICMbio (Instituto Chico Mendes de Biodiversidades) para a constituição do Conselho consultivo e deliberativo da instituição, diversos segmentos sociais, inclusive o Núcleo Universitário de São Caetano de Odivelas-NUSC, vinculado ao Campus universitário da UFPA de Castanhal/PA, esteve presente em todas as reuniões realizadas.

A produção científica defendida por Elysângela Sousa, é praticamente uma adjacência aos estudos realizados em Pedagogia do Mangue, pois apesar de tratar da importância das instituições federais de proteção dos ambientes marinhos como manguezais etc, não tem discussão voltadas para questões de interculturalidades, saberes tradicionais ou qualquer estudo que trate da inclusão e valorização do pescador artesanal e seus modos de viver nessas Reservas Extrativistas. Além disso, não foi o objetivo da autora, no seu estudo realizado, a inter-relação de sociabilidade entre pescadores artesanais do município de São Caetano de Odivelas e dos pescadores do município de Curuçá.

Em 2015, foi realizada uma pesquisa no Rio Mojuim, que passa em frente à sede do município de São Caetano de Odivelas, rio que também dá acesso à Ilha Araçateua, onde se localiza a Comunidade de São João dos Ramos. Foi através Programa de Pós-Graduação em Geofísica da UFPA, que Adriano Santos da Rocha, lançou-se ao desafio de pesquisar parte dessa região estuarina do salgado paraense. A dissertação de mestrado intitulada *Caracterização Física do Estuário do Rio Mojuim em São Caetano de Odivelas – PA* defendida pelo autor é uma produção extremamente técnica que não considera questões antrópicas como viés da discussão, mas que tem grande importância para o diálogo entre saberes, conforme Rocha (2015, p.15):

(...) teve como objetivo descrever os aspectos hidrodinâmicos, hidrológicos e morfológicos do estuário do rio Mojuim, localizado no município de São Caetano de Odivelas - PA (Salgado Paraense), analisando as variações que

ocorrem em função do ciclo de maré e da sazonalidade (regime de chuvas).

Na pesquisa “Pedagogia do Mangue”, o conhecimento dos rios, dinâmicas das marés, tempo, vento e outros fenômenos naturais são tratados dentro dos saberes tradicionais que perduram até o tempo presente por meio das memórias que são transmitidas de geração em geração, a tradição oral viva, enfatizada no contexto de saberes e fazeres do mangue está intimamente ligada com a interculturalidade e modos de vida nos ambientes estuarinos. Já na pesquisa realizada por Rocha (2015, p.7),

O levantamento batimétrico ocorreu somente no período chuvoso e foi realizado com uma ecosonda em uma malha amostral com 116 perfis transversais espaçados de 200 m. No canal estuarino, definiu-se uma seção onde foram realizados perfis de medição de intensidade e direção da corrente e vazão, com um ADCP, e em três estações fixas (margem direita (MD), centro (C) e margem esquerda (MD)) foram realizadas coletas de condutividade e turbidez com um CTD e um OBS, na coluna d'água. O padrão de maré e a salinidade também foram obtidos com um sensor de pressão e condutividade, fixos na ME durante 56 dias no período chuvoso e 57 dias no seco.

Nesse estudo meramente técnico, não é possível encontrar características que se aproximem da área das humanidades, mas que num diálogo entre saberes tradicionais e saberes acadêmicos por exemplo, os resultados dessa pesquisa desenvolvida pelo autor de estudos geofísicos, podem ter aproximações de significados daquilo que se aprendeu e se ensinou por meio de uma pedagogia de saberes tradicionais com aquilo que se aprendeu e se publicou cientificamente com auxílio de recursos tecnológicos e experimentos laboratoriais formais.

Dessa forma, podemos assegurar que independente dos estudos serem realizados num mesmo lócus de pesquisa, as infinitudes de conhecimentos a serem produzidos, tanto em discussões antrópicas ou não, acabam se inter-relacionando num processo dialogal de novos saberes. Embora haja algumas semelhanças no teor das discussões, em cada estudo realizado, procura atender um objetivo particular em atendimento às inquietações provenientes de algum problema existente naquele ambiente, assim a cada tempo, novos estudos e discussões serão colocados sobre a mesa redonda ou de qualquer forma geométrica para serem debatidas, analisadas, estudadas, referenciadas etc. É dessa forma que procuramos tratar a “Pedagogia do Mangue” nesse cenário de produção das ciências.

Já no ano de 2016, a revista “Eumednet” publica dois artigos científicos com os títulos: *Extrair e Transportar Caranguejo-uçá nas Resexs Marinhas Paraenses: Os Saberes Locais em*

Foco e Contabilidade na Amazônia: O desafio de analisar uma cadeia produtiva extrativista; ambos com abordagem no município de São Caetano de Odivelas e outros municípios costeiros do salgado paraense. Nesses artigos são considerados como sujeitos das pesquisas os pescadores extrativistas, caranguejeiros ou coletores de caranguejo, que muitas vezes são os mesmos pescadores artesanais que acabam atuando, também, nos manguezais para a captura do caranguejo-uçá.

No artigo que trata da extração do caranguejo-uçá nas Reservas extrativistas de marinha, também considera os saberes locais como importantes responsáveis pelo desenvolvimento sustentável da região, pois é através desses saberes herdados da ancestralidade que os autores se debruçam para discorrer sobre o processo de extração e transporte do caranguejo para comercialização. Neste estudo, os autores não objetivaram incluir os saberes locais como transversalidade nas escolas, mas consideram que o processo de ensino e aprendizagem ocorre involuntariamente nos ambientes de uso sustentável, quando propõem o referido artigo com

O objetivo de descrever a relação desses sujeitos sociais com o meio natural, e o quanto o método de captura e a forma de produzir artefatos para embalar os caranguejos capturados, aprendidos e ensinados na ancestralidade, podem interferir nas novas tecnologias empregadas na cadeia produtiva do caranguejo (PASSOS; et. al, 2016).

Diferente do segundo artigo exemplificado em parágrafo anterior, que trata especificamente da Contabilidade na Amazônia, um estudo de caráter quantitativo que não objetiva destacar os saberes locais como prioridade dessa discussão, mas propõe diálogo institucionais com as comunidades tradicionais, na perspectiva de construir novos conhecimentos a partir da inter-relação dos saberes, que é defendido com muita ênfase em “Pedagogia do Manguê”.

O estudo trata da cadeia produtiva do caranguejo, suas dinâmicas e a contribuição a partir da prática contábil para os atores sociais e instituições presentes nos territórios tradicionais do estado do Pará. Ainda, trás a luz a importância do profissional contábil e sua contribuição para elucidar questões socioeconômicas presentes no cotidiano de trabalho do pescador. Além de retratar a importância de novos estudos e o aprimoramento da extensão universitária como ferramenta de enfrentamento das adversidades amazônicas e sua contribuição para formação integrativa entre discentes, docentes e a comunidade em geral (PASSOS; SILVA; ALVES, 2016, p.1).

Os artigos publicados e discutidos nesse contexto não tratam de saberes e fazeres dos sujeitos das comunidades tradicionais, como dos pescadores artesanais de São João dos Ramos por exemplo, como possibilidades de integração de conteúdos interdisciplinares na

prática escolar dos municípios estudados, mas têm aproximações com o que discutimos e defendemos na linha de pesquisa em Estudos Antrópicos na Amazônia, que busca destacar com prioridade uma pedagogia que seja fundamentada em questões de interculturalidade, etnossaberes.

No mesmo ano, Patrick Heleno dos Santos Passos, Suezilde da Conceição Amaral Ribeiro, Mário Médice Costa Barbosa e Waldemar Londres Vergara Filho, publicam na Revista *Caribeña* de Ciencias Sociales, um artigo que trata da “Interação Homem-natureza: Os Pescadores, os Caranguejos e o Manguezal” que trata da interação do homem com o ambiente de uso extrativista, como assinalam (PASSOS; et. al, 2016). Para além disso, Passos (*et al*, 2016, p.1) assegura que:

Diante do exposto, o artigo visou descrever parte do cenário da pesca artesanal do caranguejo-uçá (*U.Cordatus*) no estado do Pará, especificamente em unidades de conservação na categoria reserva extrativista marinha. O enfoque principal visou descrever o processo de interação entre os caranguejeiros, o ecossistema de manguezal e o recurso pesqueiro do caranguejo-uçá, nesse contexto.

Este estudo tem muita semelhança com a pesquisa *Saberes e práticas tradicionais: população pesqueira extrativista da Vila Sorriso - São Caetano de Odivelas/PA* discutida neste subtópico, ambas tratam do uso sustentável dos manguezais e a relação de proteção ambiental desse bioma. Apesar da importância dessa discussão na região do salgado paraense, são estudos que apenas caminham paralelamente ao que se discute numa pedagogia dentre os manguezais para grandes contribuições no processo de formação humana dos moradores deste estuário.

Em 2017, Ronny Gleyson Maciel de Moraes e Erasmo Borges de Souza Filho, publicaram o artigo intitulado: *Pescadores de caranguejo de São Caetano de Odivelas/PA: o saber e o fazer na perspectiva da etnomatemática* é um estudo muito semelhante ao que discutimos aqui em “Pedagogia do Mangue” ao tratar sobre saberes e fazeres do pescador artesanal num processo de inclusão como conteúdo escolar. Além do lócus da pesquisa o contexto da discussão, procura valorizar as práticas e a inter-relação do pescador artesanal com os manguezais, mesmo que o sujeito da pesquisa seja o extrativista do caranguejo e não o pescador de peixes, podem ser considerados um mesmo sujeito com saberes diversos na sustentabilidade através dos recursos disponíveis nos rios e manguezais do município de São Caetano de Odivelas.

Observa-se também, nessa obra científica, que o conteúdo abordado, apesar da grande

semelhança com os objetivos do nosso trabalho, não propõe os saberes e fazeres dos pescadores artesanais como proposta de metodologia em sala de aula a partir de conteúdos transversais e interdisciplinares, concentra-se especificamente em uma única disciplina das ciências sistematizadas que é a etnomatemática. Nesse sentido, Moraes e Filho (2017, p.1) pontuam que

Este artigo tem como objetivo descrever os saberes e fazeres presentes nas atividades laborais de pescadores de caranguejo do município de São Caetano de Odivelas, Estado do Pará, e sua importância na Educação Escolar. A fundamentação teórica está situada na perspectiva da Etnomatemática.

A discussão fundamentada no artigo de Ronny Gleyson e Erasmo Borges (2017) concorda fielmente com a possibilidade de inclusão de saberes tradicionais nas escolas, pois nesse mesmo contexto, é convincente que o ensino e aprendizagem num processo dialógico entre saber tradicional e saber científico, é possível quando se trata da valorização e reconhecimento do homem comunitário como mestre dos conhecimentos adquiridos através das ancestralidades e sociabilidade com as pessoas e com o ambiente de interação. Nesse sentido, “Pedagogia do Mangue” vai mais além, quando procura interdisciplinarizar o saber e o fazer dos pescadores artesanais como transversalidades na prática escolar a priori.

Em 2018, o nordeste paraense foi presenteado com uma tese de doutorado defendida no núcleo de altos estudos amazônicos do programa de pós-graduação em desenvolvimento sustentável do trópico úmido vinculado a Universidade Federal do Pará, pela Pesquisadora Ligia Henriques Begot e que tem como título: *Valoração e Sustentabilidade da Pesca Artesanal de Curuçá e Colares, Estado do Pará: uma análise das externalidades de um projeto portuário na percepção dos pescadores*. Esta tese antecipa possíveis desequilíbrios na prática de pescaria, principalmente na região estuarina do nordeste paraense, ao considerar a mega construção do Porto Espadarte no município de Curuçá ou Colares, em que Begot (2018, p.26) alega que “(...) a construção de uma grande obra afetará a população, em especial os pescadores artesanais, devido à externalidades estáticas e dinâmicas sobre o uso dos recursos naturais”.

A discussão arrolada neste estudo científico contribui significativamente para alertar a população local acerca de fatores externos que podem proporcionar “benefícios” e malefícios para a uma região que conserva sua identidade por inúmeras gerações. Possui uma relação de aproximação com aquilo que discutimos nesta dissertação de mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia, quando leva em consideração os valores culturais, saberes para a manutenção dos laços identitários, a construção de conhecimentos sistematizados com base em discurso

decolonial e de negação da subalternidade a fatores econômicos globalizados. Nessa análise, a tese em discussão, apesar de não tratar de inclusão de saberes tradicionais nas escolas, mas convida as comunidades desses ambientes estuarinos a travar uma ampla discussão sobre a implementação ou não deste ousado projeto de modernização em áreas protegidas por lei.

O estudo realizado por Lígia Begot (2018), fundamenta a possibilidade de discussões a nível de transversalidade e interdisciplinaridade sobre o problema contextualizado na região, através de encontros e diálogos das comunidades tradicionais, instituições de proteção das reservas, por isso, Begot (2018, p.87) pontua que o

órgão governamental local e comunidade escolar, mobilização e estudos como esse, que possibilitam “... analisar as externalidades socioeconômicas e ambientais da implantação de um grande projeto portuário, como o Porto do Espadarte, à atividade pesqueira artesanal e de sobrevivência das comunidades pesqueiras, a partir da percepção dos próprios pescadores artesanais dos municípios de Colares e Curuçá.

Como podemos discorrer sobre inúmeras pesquisas já realizadas no município de São Caetano de Odivelas/PA e em suas proximidades, fazendo a inter-relação das mesmas como esse estudo de caráter etnográfico, foi possível entender que é realmente uma região diferenciada das outras regiões do Estado do Pará, sua diversidade sociocultural e econômica, possibilitam a exploração de caráter acadêmico no que se refere às pesquisas em diversas áreas do conhecimento, além de aguçar a vontade de se travar lutas de resistência, que mobilizem toda a sociedade desta região, com o propósito de fortalecimento e preservação das diversidades culturais locais e sua identidade particular.

Nesse subtópico foi possível considerar, também, a produção endopedagógica e científica “Pedagogia do Mangue” como um estudo que se diferencia dos outros estudos já realizados na região estuarina do Pará, que tem suas particularidades baseadas em objetivos ainda não focalizados em investigações acadêmicas nesta região, com isso, abrem-se novas possibilidades de discussões futuras nesse mesmo viés. É de fundamental importância que, neste contexto, possamos tratar a pesquisa que compõe essa dissertação baseada não somente em questões simplificadas e conceituais do pescador artesanal, mas que seja baseada numa Pedagogia que possua suas características, de forma coerente e contributiva às comunidades tradicionais de São Caetano de Odivelas/PA, opere para além dos sistemas educativos, num processo de diálogo de saberes, em que Mato (2017, p.10) alega ser um

“diálogo intercultural”, o bien “relaciones interculturales”, porque esos “saberes” corresponden a actores productores/ portadores de “culturas”

diferentes entre sí. Según los casos, las diferencias entre esas “culturas” pueden estar asociadas a diversos tipos de referentes: étnicos, territoriales, ideológicos, profesionales, ocupacionales, institucionales, de género, de clase, de generación, u otros que resultan significativos según los encuentros e intercambios en cuestión.

O diálogo de saberes mobiliza todas as formas de conhecimentos, seja sistematizados, como nas dissertações, teses e artigos aqui discutidos, as bases curriculares escolares, como também os saberes tradicionais emanados das comunidades de pescadores e outras categorias de trabalhadores ou sujeitos sociais que dia após dia constroem a sua história e a identidade do seu lugar, por considerar a importância dos saberes para a construção de uma sociedade mais sensível à sua realidade, “Pedagogia do Mangue” traz discussões oportunas para a iniciação de projetos políticos pedagógicos e comunitários nos trópicos estuarinos odivelense.

1.3 Transversalidade no saber: inclusão e diálogo interdisciplinar na prática escolar

A inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar de São Caetano de Odivelas/PA, não trata de qualquer interferência no currículo escolar, mas de diálogos transversais e interdisciplinares, uma proposta de incluir a sabedoria ancorada na cultura local e contextualizá-las nas disciplinas que compõem a estrutura curricular vigente considerando que, de acordo com Novikoff; Cavalcanti (2016, p.43),

[...] na contemporaneidade surgem teorias educacionais que privilegiam uma abordagem direcionada especificamente para a interconexão de diferentes tipos de saberes, estes oriundos de diferentes esferas do conhecimento, possibilitando-se assim, um processo educacional dirigido para a chamada interdisciplinaridade.

É valioso ressaltar nesse contexto, que todos os anos as escolas municipais, depois do recesso escolar, antes do início do ano letivo, promovem semanas pedagógicas que visam planejar propostas curriculares de ensino para serem trabalhadas com os alunos regularmente matriculados durante todo o período letivo, os conteúdos discutidos em caráter disciplinar devem obedecer critérios pré-estabelecidos pelo Ministério da Educação e pela própria Secretaria Municipal de Educação, durante o período que envolve todo o corpo técnico e docente das escolas, dificilmente colocam em pauta os saberes tradicionais como possíveis temáticas a serem abordadas nas diversas disciplinas num processo de contextualização da realidade local.

Os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, (PPP), que deveriam ser elaborados num

processo democrático e participativo que dispõe a LDB, Lei nº 9394/96, em seu art.12, inciso VI (articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola); mas quando de fato existem, em sua maioria são elaborados pelos técnicos das Secretarias Municipais de Educação ou das escolas, com isso, criam-se barreiras de diálogo com as comunidades que participam do âmbito escolar no que se refere às discussões dos conteúdos regidos em sala de aula, pois se todas as escolas travassem uma política de parcerias com a comunidade, objetivando construir um projeto político escolar participativo, seria então a grande oportunidade de inclusão dos saberes e fazeres tradicionais na prática escolar a princípio.

Assim, incluir os saberes tradicionais como é o caso dos pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos por exemplo, a partir de temas transversais nas escolas, não fere os princípios da legislação educacional do país, muito pelo contrário, visa atender o que dispõe a constitucionalidade educacional em nível nacional. A Constituição Federal de 1988, LDB (Lei de Diretrizes e Bases), BNCC (Base Nacional Comum Curricular), Lei Orgânicas Municipal e (PME) Planos Municipais de Educação, consideram temas transversais e interdisciplinares nos ambientes escolares como forma de agregar a diversidade socioeconômica, política e cultural do país.

A inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos no município de São Caetano de Odivelas, no Estado do Pará, não propõe qualquer mudança nos Parâmetros Curriculares Nacionais ou na Base Nacional Comum Curricular, pois desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, é garantida a participação dos conteúdos interdisciplinares de origens culturais e regionais nas propostas pedagógicas escolares, conforme o artigo 210 da CF (1988), em que “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.

Além da Constituição Federal de 1988, em seu Art. 210, que evoca a inclusão dos saberes tradicionais nos ambientes escolares do ensino fundamental, a Lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB), Em seu Art. 1º, dispõe que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 2017). Assim como a Câmara de Educação Básica (CEB) e Conselho Nacional de Educação (CNE) reiteravam esse entendimento de construção de uma educação pública de qualidade, considerando a diversidade nacional no que tange a formação humana dos brasileiros em suas igualdades legais e diferenças

regionais.

RESOLUÇÃO CEB Nº 2, DE 7 DE ABRIL DE 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, tendo em vista o disposto no Art. 9º § 1º, alínea “c” da Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995 e o Parecer CEB 4/98, homologado pelo Senhor Ministro da Educação e do Desporto em 27 de março de 1998. (...). IV - Em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma base nacional comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional. A base comum nacional e sua parte diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a educação fundamental e: a) a vida cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como: 1. a saúde 2. a sexualidade 3. a vida familiar e social 4. o meio ambiente 5. o trabalho 6. a ciência e a tecnologia 7. a cultura 8. as linguagens (BRASIL, 1998).

Pelo fato de um número significativo de escolas no Brasil não atentarem para esses dispositivos legais, a construção dos currículos escolares, cada vez mais se distanciam do reconhecimento e valorização dos saberes locais como conteúdos ativos para integração do discurso e construção do conhecimento sistematizado. Podemos considerar nesse contexto, a herança colonial eurocêntrica como indicador ainda muito presente na formulação dos projetos pedagógicos escolares no Brasil, com tendência a produção de conhecimento que atendam prioritariamente o padrão mundial do poder econômico concentrado historicamente nas mãos da elite do país, infelizmente, ainda se tem um olhar de subalternidade em relação aos saberes e fazeres tradicionais, não é sentida uma segurança nos manipuladores do conhecimento formal sobre a grande importância da inclusão dos conhecimentos construídos nas práticas cotidianas e sociabilidade comunitária, mesmo tendo sustentação intercultural e identitária.

A fragilidade nas políticas de inclusão dos saberes tradicionais no processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas brasileiras, que já se arrasta por centenas de anos, aguça dois grandes ministérios da República Federativa do Brasil a reiterar o direito da participação dos saberes locais e valorização das suas culturas nos ambientes de formação cidadã, foi na tentativa de rediscutir esse contexto de grande relevância social que:

O Ministro de Estado da Cultura e o Ministro de Estado da Educação, por meio da Portaria Normativa Interministerial MinC/MEC nº 1 de 04/10/2007, no uso das atribuições conferidas pelo inciso II do parágrafo único do art. 87 da constituição federal, estabelecem entre outras alíneas do Art. 2º, (...) IV - promover a formação professores, gestores, estudantes e comunidades para a valorização, reconhecimento e regulamentação dos saberes tradicionais, da diversidade étnico-racial, social e cultural e do patrimônio material e imaterial, mediante atividades que garantam resultados práticos, como publicações, audiovisuais, exposições e novas metodologias (BRASIL, 2007).

Depois de diversos estudos acadêmicos, fóruns institucionais ligados à educação, discussões governamentais e não-governamentais, no ano de 2014, surge então a possibilidade de reformulação do currículo escolar, que durante muito tempo estava diretamente atrelado aos PCN'S (Parâmetros Curriculares Nacionais). Assim, o Ministério da Educação - MEC, convida todos os segmentos educacionais do país para que em audiências públicas seja rediscutido o currículo escolar através de uma Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que paralelo ao que dispõe o Plano Nacional de Educação e os Planos Municipais de Educação, devem considerar prioritariamente as diversidades regionais.

Apesar dessa nova política de reformulação do currículo escolar no Brasil ainda apresentar muitas dúvidas para quem convive no campo educacional, é um parâmetro obrigatório nas escolas públicas e referência nas escolas particulares. Esse importante documento abre as portas para a inclusão dos saberes locais nas escolas, já que enseja por um currículo escolar flexível ao diálogo com as comunidades. Assim, é preciso que se conheça primeiramente os saberes e fazeres construídos a partir das raízes socioculturais, memórias e histórias orais. A BNCC, ainda precisa ser bastante discutida, mais adiante, a Pedagogia do Mangue, como proposta de inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar, vem ao encontro das novas políticas educacionais discutidas nesta base curricular, pois sua última efetivação ocorreu em 2017 e como ainda compõe pautas de discussões em todo o país, é preciso que as escolas municipais viabilizem encontros comunitários para uma discussão conjunta deste novo paradigma da educação brasileira.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2017).

A Lei Orgânica do município de São Caetano de Odivelas/PA, no artigo que dispõe sobre a educação municipal, faz ênfase ao que é conferido na Constituição Federal, em relação a inclusão das diversidades dos saberes oriundos das comunidades tradicionais, da mesma forma o Plano Municipal de Educação que sofreu reformulação em 2017, considerando as

diretrizes do Plano Nacional de Educação, que em metas específicas e paralelas a BNCC, também desponta para uma proposta curricular a nível municipal que dialoga com os saberes locais.

Com isso, a aproximação dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais do município, considerando suas tradições, torna-se real e possível de aplicabilidade, mas para que isso ocorra é necessário que projetos de caráter pedagógico e interdisciplinares sejam implementados em ações conjuntas da Secretaria Municipal de Educação, Universidade, Colônia de Pescadores, Resex, Conselho Municipal de Educação e pesquisadores que atuam dentro dos limites territoriais do município.

A proposta de inclusão de saberes e fazeres dos pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas na prática escolar, vai além dos ensinamentos das técnicas de pescaria nos rios que cortam os manguezais do município, é de certa forma, uma pedagogia estuarina e decolonial que desperta para um diálogo de produção de novos conhecimentos que se integram de forma transversal aos propostos no currículo escolar. Trata-se de fato da valorização dos saberes e fazeres dessa categoria de trabalhadores informais, considerando ética, práticas, ancestralidades e interculturalidade, fatos apontados por Fleuri (2003, p.25)

Nessa perspectiva, a intercultura vem se configurando como um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência ou o hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução) dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas, constitutivos de campos identitários em termos de etnias, de gerações, de gênero e de ação social.

O processo de ensino e aprendizagem num eventual diálogo de saberes, a partir de conteúdos transversais, o educador mesmo que seja sujeito pertencente a comunidade, que possua raiz identitária, jamais deve negar a essência de valorização daquilo que pode aprender com os seus alunos, pois eles convivem e socializam fora dos muros da escola, os saberes locais que fazem parte do seu cotidiano, neste sentido, o ouvir das experiências e práticas vivenciadas produzem conhecimentos que identificam o sujeito e o seu lugar. Nesse cerne, para Fernandes e Fernandes, (2015, p.144) “ o saber é um espaço construído pelo sujeito, face ao seu objeto, em que aquele toma certa posição para falar deste, estabelecendo campo de coordenação e subordinação de enunciados (linguagem), que definem as possibilidades de utilização e apropriação oferecidas pelo discurso..”.

Para muitos educadores, trabalhar temas transversais em sala de aula que considerem os saberes tradicionais locais pode representar um grande desafio na sua prática pedagógica, a

proposta curricular elaborada em consonância com as diretrizes nacionais devem seguir um padrão pré-estabelecido, não há políticas nacionais que propiciem programas de formação continuada dos professores voltadas para conteúdos regionalizados, com isso, a prática de ensino que contemple temas da cultura local deixam lacunas na formação dos alunos. Neste sentido, é necessário que haja formação docente específica para que o educador compreenda de forma clara e coesa a metodologia a ser utilizada em sala de aula ao considerar temas como: ética, meio ambiente e pluralidade cultural que envolvam os modos de vida e cultura local, por exemplo, é lógico que a formação continuada dos educadores para este viés deve pautar-se no planejamento pedagógico da escola que atua.

A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, a transversalidade tem significado, sendo uma proposta didática que possibilita o tratamento dos conhecimentos escolares de forma integrada. Assim, nessa abordagem, a gestão do conhecimento parte do pressuposto de que os sujeitos são agentes da arte de problematizar e interrogar, e buscam procedimentos interdisciplinares capazes de acender a chama do diálogo entre diferentes sujeitos, ciências, saberes e temas (CNE/CEB, 2010, p. 24).

Os temas transversais são constituídos de conceitos e valores que fazem jus à uma sociedade democrática que preconiza a cidadania e as questões importantes para os princípios fundamentais do direito a vida humana. A Ética, o meio ambiente, a saúde, o trabalho e o consumo, a orientação sexual e a pluralidade cultural, não são consideradas disciplinas inclusas no currículo escolar, mas são temas que integram todas as áreas do conhecimento, que estão presentes e vivenciados pelas comunidades onde vivem, as famílias, os pescadores, os alunos, educadores etc.

Os saberes e fazeres dos pescadores artesanais não são considerados como ciência formal, ou conhecimento sistematizado para o ensino, mas são linguagens de identidade cultural que permitem compreender a realidade social dos sujeitos por meio do seu modo de vida, isso não significa que tais saberes não possam ser incorporados no processo de ensino e aprendizagem em âmbito escolar, pois a essência dos valores desses saberes, estão diante dos olhos de todos que vivenciam a construção e (re)construção da sabedoria tradicional local, consoante ao pensamento de Paula (2015, p. 45).

Os saberes tradicionais dos pescadores artesanais não são alcançáveis, em sua complexidade, por métodos científicos e linguagem formal, como também não

são estáticos no tempo. Assim, em nossa análise, esses saberes são traduzidos como conhecimentos tradicionais. Estabelecendo essa delimitação ética, declaramos que o apresentado é uma leitura resultante de um processo analítico que se dá fora do contexto em que os saberes são gerados.

Considerando, então, os saberes e fazeres dos pescadores como formulados fora de um contexto científico formal, reforça ainda mais a aproximação entre tais saberes, a transversalidade como veículo de transporte desses saberes para uma contextualização interdisciplinar dentro do espaço escolar possibilita a geração de metodologias de ensino voltadas para aulas prazerosas num diálogo que priorize a regionalização do conteúdo ministrado na escola. Com isso, os objetivos pré-estabelecidos nos planos de aula serão alcançados sem qualquer ameaça ou interrupção de transmissão do conhecimento entrelaçados da própria cultura dos discentes usuários do sistema de ensino formal.

O planejamento pedagógico que é discutido no campo escolar e direcionado aos discentes não precisa obrigatoriamente obedecer a Base Curricular “ao pé da letra”, uma vez que necessita de contextualização dos conteúdos ali propostos, nesse sentido, é fundamental que o docente tenha absoluta sensibilidade de que apesar dos temas oriundos de saberes locais estarem ocultados nesse currículo e não serem caracterizados como tal, é uma proposta de inclusão na prática escolar, eles existem para serem explorados considerando a interdisciplinaridade e transversalidade, o que não significa alterações do desenho curricular e sim a sua real efetivação. Para muitos educadores, o currículo ainda é como uma “receita de bolo” pronta e acabada que tem que seguir seu passo - a - passo para se obter um produto, mas esse entendimento é totalmente equivocado, daí a necessidade de contextualização do mesmo, considerando a diversidade de construção do conhecimento, visualizando que:

Currículo é, portanto, o instrumento de concretização do projeto referencial da escola. Um documento que traz uma rede de referências importante, a partir da qual se tenta organizar o trabalho educacional e contribuir para a formação do sujeito aprendente, tendo em vista a construção de uma sociedade democrática. Com base no currículo, seja ele formal ou informal, explícito ou implícito, é que as escolhas são feitas, os caminhos e os percursos são traçados e vivenciados no cotidiano escolar. Mediante sua elaboração e apresentação é dada a partida para o jogo de poder que acontece dentro da escola (MORAES, 2010, p. 35).

O conjunto de conteúdos formulados nas propostas curriculares das escolas, paralelo aos saberes tradicionais nas práticas educativas são favoráveis à efetivação do processo de inter e transdisciplinar. Esse diálogo é capaz de romper preconceitos e dúvidas sobre a importância do saber local e pode viabilizar a construção de Projetos Pedagógicos que atenda a legislação educacional do país na sua magnitude. Para que ocorra de fato a inclusão e diálogo de saberes num contexto escolar sistemático, é necessário que essa discussão vá além do espaço pedagógico, a sensibilização gerencial ou governamental para a efetivação dessas novas pedagogias deve compor o planejamento estratégico de políticas públicas como prioridade para a inovação do processo de ensino e aprendizagem.

Evocar saberes e fazeres dos pescadores artesanais numa proposta pedagógica na prática escolar é, de certa forma, desobstruir uma grande barreira de impedimentos que tem por finalidade padronizar o ensino nas escolas públicas, além disso, fragmentar o campo de conhecimentos em especificidades disciplinares, tornando o discente aprisionado numa realidade sem possibilidades de se conhecer e se reconhecer como sujeito de identidade própria. Na medida em que pedagogias decolonizadoras, como as do mangue por exemplo, avançam numa discussão legal e dialogal e com propósitos interdisciplinares, abrem-se milhares de possibilidades de uma educação transformadora capaz de elucidar os conhecimentos e formar humanos mais convictos da auto-valorização de suas culturas e potenciais identitários.

Não se trata, nesse contexto, da informalidade do currículo escolar, quando se propõe os saberes locais como parte da estrutura de ensino nas escolas, trata-se na verdade de um currículo formal que atenda suas ramificações baseadas nos princípios fundamentais da diversidade biótica e abiótica onde está incluído a antropia, trata-se ainda de um currículo escolar que tenha características interculturais, que não despreze os valores sociais e que possa abarcar todas as formas possíveis de informações de caráter universal e contextual, sem ainda privilegiar discursos eurocêntricos estampados em boa parte dos livros didáticos referenciados às escolas públicas.

A Pedagogia do Mangue como aparato pedagógico baseado em saberes e fazeres tradicionais dos pescadores artesanais que atuam na zona costeira e formadas por manguezais, além de procurar alinharem-se por inclusão como conteúdos transversais no currículo escolar, ainda processa um entendimento mais complexo de uma proposta curricular desafiadora, mas para não nos estatizarmos neste contexto, precisamos nos embasar em princípios de entendimentos qualificados por Edgar Morin (2003), de operadores cognitivos para um pensar complexo, que ele considera como instrumentos do pensamento que facilitam a compreensão

dos fenômenos, dos problemas educacionais, mas, que possibilitam o diálogo com a vida e com a realidade local.

Neste raciocínio, não interessa apenas pensar em diálogo de saberes para a construção de uma proposta curricular recheada de conteúdos transversais e interdisciplinares, sem antes pensar nos problemas educacionais locais, que segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais- INEP, no município de São Caetano de Odivelas/PA no ano de 2017, a taxa de reprovação nos anos iniciais do ensino fundamental é de 12,9%, anos finais do ensino fundamental de 12,5%, taxa de abandono escolar nos anos iniciais de 4,8% e anos finais de 5,9%, e a Distorção Idade-Série (aluno fora da idade escolar por série) nos anos iniciais é de 29% e nos anos finais é de 47%. Acima de 5% indica a necessidade de definir estratégias para conter o avanço da evasão escolar, acima de 15% a situação indica que é preciso intervir no trabalho pedagógico, o mais rápido possível, pois índices altos de reprovação e abandono escolar aumenta a distorção idade- série. (INEP, 2017).

Por isso, é fundamental que se atente para uma política educacional alternativa, baseada em parcerias institucionais e comunitárias, em que todas as vozes possam ser ouvidas e úteis para respaldar um planejamento democrático e participativo que considere todas as variáveis da educação escolar. A diversidade de problemas existentes em apenas um elemento da estrutura social, no caso da educação, remete-nos imediatamente a pensar novos paradigmas de transformação que visam melhorar a qualidade de vida das pessoas. Neste cenário, discutir uma pedagogia dialogal nascida em berço esplêndido do mangue pode resultar na configuração de um Projeto Político Pedagógico de Saberes pioneiro na região do salgado paraense.

Nessa crise do pensamento contemporâneo, a construção de novos paradigmas requer o repensar tanto dos padrões dominantes que regem a relação homem-natureza na modernidade, quanto da cultura e da razão tecnicocientífica em que se funda a lógica ocidental. Isso implica um novo projeto societário que venha a incorporar – num movimento contínuo de atualização e renovação – todo um saber secular ou milenar dotado de conteúdo cósmico e histórico, produzido numa relação íntima e direta com a natureza (CUNHA, 2003, p.74).

Os diversos estudos já realizados no Brasil, principalmente, que adotam como palco de investigações científicas nas diversas áreas do conhecimento, tem se focado em narrativas orais de sujeitos pertencentes às comunidades tradicionais, pois acredita-se que a iniciação de movimentos de resistência ao sistema de forte domínio tecnológico e globalizado, deve partir dos valores ainda presentes nos saberes desses grupos étnicos. Neste contexto, a educação é um

importante aliado na formação de cidadãos coerentes na defesa da sua própria identidade, os movimentos sociais compostos pelas diversas categorias como pescadores artesanais, indígenas, quilombolas, agricultores, etc, que num processo de interação com a comunidade escolar, sem dúvidas, tende a ganhar mais espaço para a verdadeira efetivação da democracia e do estado de direitos. Isso fica evidente na ideia de Dantas (2013, p. 55)

Na contemporaneidade, percebe-se que a sociedade globalizada tenta conglomerar de uma forma homogênea valores e culturas, não deixando espaço para as singularidades de povos que têm toda uma história de saberes e vivências nas suas comunidades, uma vez que seus modos de vida diferem do modo de vida dos que residem na cidade. As comunidades que vivem ao redor do manguezal - pescadores e pescadoras - têm a riqueza desse ecossistema como fonte de vida, onde aprendem saberes para retirarem do meio ambiente a sua sobrevivência.

O mundo capitalista impõe para a sociedade uma dinâmica econômica que atinge diretamente o ambiente escolar, criando desse modo uma grande fissura na estrutura do sistema de ensino, onde de um lado as escolas públicas resistem num processo de dependência curricular globalizado, do outro lado, as escolas particulares propõem uma formação baseada em princípios economicamente viáveis. Com isso, os saberes tradicionais são sufocados e pouco interessantes para esse sistema de caráter colonizador. Nesse sentido, as proposições de inclusão de metodologias de ensino de caráter interdisciplinar e transversal que envolvam os saberes oriundos das categorias e culturas tradicionais, configura-se como importante instrumento de debates e diálogos neste complexo campo da formação ideológica da sociedade atual. Para Luck (1994, p. 53):

Cabe agora, pois, estabelecer um sentido mais abrangente, aprofundado e significativo às experiências pedagógicas, para as quais a interdisciplinaridade muito tem a contribuir. Isso porque a realidade com a qual o ensino propõe-se a levar o aluno a conhecer, é um fenômeno múltiplo, diversificado, e todos os conhecimentos e interpretações, enquanto só explicam uma parte da realidade, permanecem sempre inacabados.

Partindo desse movimento de reconhecimento e integração revolucionária de uma prática educacional multipedagógica, será possível visualizar a valorização das categorias subalternizadas como os trabalhadores do campo onde situam-se o pescador artesanal, o agricultor, o extrativista etc. há séculos num país como o Brasil, por exemplo, que possui dimensões territoriais continentais diversas.

Os temas transversais, elaborados a partir da sabedoria de povos tradicionais, devem compor as práticas pedagógicas de rotina nas escolas de todo o território nacional como

assegura a legislação para este fim, é lógico que não precisam estar vinculados diretamente a qualquer disciplina especificamente, isso causa determinada dificuldade na sua aplicabilidade durante as práxis pedagógicas, principalmente para quem não convive a realidade de sociabilidade local. Por isso, torna-se imprescindível a formação continuada de educadores voltadas para este contexto, uma vez que essa prática é pouco presente nas atividades escolares. No município de São Caetano de Odivelas/Pa, por exemplo, a maioria das escolas municipais não possuem Projeto Político Pedagógico (PPP), porém desenvolvem atividades escolares baseadas em proposta curricular disciplinar considerando planejamentos realizados pela Secretaria municipal de educação juntamente com as escolas. Apesar do município apresentar destaque cultural em todo o Estado do Pará, através dos grupos parafolclóricos dos “Bois de Máscaras”, essa característica identitária do município pouco é explorada no âmbito escolar.

A adesão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais como temas transversais e interdisciplinares nas turmas que correspondem o 6º ao 9º ano do ensino fundamental, das escolas municipais, não devem apresentar qualquer tipo de resistência do ponto de vista pedagógico, mas a sua efetivação numa proposta curricular dependerá de diálogos institucionais que envolve a gestão educacional, conselho municipal de educação, conselho escolar e, até mesmo, a Câmara Municipal de vereadores, para que haja respaldo legal em confirmação daquilo que já está disposto em leis.

Por fim, este capítulo emancipou diversas discussões sobre a proposta de Inclusão dos saberes dos pescadores artesanais na prática escolar, sustentando-se em referências teóricas fundamentadas em pesquisas de grande relevância nesse contexto, tanto no município lócus desta pesquisa, quanto em outras regiões diversas do país. Assim, apesar de muitos estudos realizados acerca de diálogos e encontro de saberes, para a efetivação da interdisciplinaridade e transversalidade desse objeto de estudo, “Pedagogia do Manguê” é pioneiro neste processo metodológico na região do salgado paraense, especificamente no município de São Caetano de Odivelas.

CAPÍTULO II - MATERIAL E MÉTODO

Neste capítulo faremos um breve relato da situação geopolítica, socioeconômica, educacional e cultural do município de São Caetano de Odivelas/PA, assim como da comunidade de pescadores artesanais “São João dos Ramos”, pertencente ao referido município. Destacaremos, metodologicamente, todos os passos da pesquisa que resultou na construção deste estudo considerando problemáticas, objetivos e hipóteses que estruturam e sustentam a existência de mais um ganho social e acadêmico pela construção do conhecimento científico, sistematizado para fins de uso institucionais, pesquisas etc.

2.1 Conhecendo o município de São Caetano de Odivelas/PA

2.1.1 História do Município

O município de São Caetano de Odivelas no Estado do Pará é conhecido historicamente como a terra do peixe e do caranguejo, as práticas da pesca artesanal e a coleta de caranguejo são as principais atividades do lugar, a partir dessas práticas as manifestações culturais como o boi de máscara e o festival do caranguejo são bastantes evidentes na identidade etnocultural do município, a figura 1 abaixo é um monumento localizado em frente ao mercado municipal na sede de São Caetano, representa o coletor de caranguejo e o pescador artesanal de mãos dadas pelo desenvolvimento sustentável e relações antrópicas na reserva extrativista dos manguezais odivelenses.

Figura 1



Fonte: Arquivo de fotografias de Rondi Palha/ março de 2019.

No período da colonização do Brasil pelos portugueses, mais precisamente nas missões religiosas, os indígenas (tribo até então desconhecida) em fase de catequese, já habitavam as terras que hoje compreendem geograficamente o município de São Caetano de Odivelas, localizado na zona fisiográfica da região do Salgado do Grão-Pará. (IBGE, 2010)

Os fundamentos históricos desse município foram lançados na era colonial pelos jesuítas quando desbravaram a região, através do rio Mojuim (pertencente ao mesmo município). No local onde se encontra a atual sede municipal, fundaram uma fazenda denominada São Caetano, como afirma Palha (2018, p.13):

Este específico fato histórico, deve ser considerado e analisado, para um melhor entendimento da origem de São Caetano de Odivelas, que surgiu, a partir da instalação de uma fazenda para criação de gado, as margens do Rio Mojuim. A respectiva fazenda, foi criada, para dar subsídio ao Colégio existente na Cidade de Vigia.

Os Jesuítas fundaram uma fazenda denominada Odivelas, e colocaram sob a proteção de São Caetano da Divina Providência. Mais tarde, em 1755, a Fazenda recebeu o título de Freguesia com o nome de São Caetano de Odivelas em 1760, em seguida o Governo Português tomou posse dos os bens e documentos da referida fazenda que passou a administrá-la (CASTILHO, 1986). Alguns moradores mais antigos concordam que o nome São Caetano, constitui-se num topônimo devocional português, porém a palavra Odivelas, significa "Oh! Linda" ou Oh! "De velas" (MACIEL, 2009, p.34).

Após a expulsão dos Padres Jesuítas do Brasil, por força da "Lei" que "Dom José" promulgou a 03 de setembro de 1759, foi elaborado um minucioso inventário dos bens móveis e imóveis que foram confiscados pelo Governo Português (GOVONI SJ, 2009.p.3). O Pe. Ilário Govoni S.J (2009) descreve a Fazenda São Caetano no "Inventário Jesuítico do Pará": 14 Uma légua de terra em quadra, que pela medição do possuidor compreende toda a ilha; umas casas de madeiras com 6 cubículos, de 100 e 10 palmos, todas cobertas de telha; 30 casas ou ranchos de gente da fazenda; uma casa de forno muito grande com paiol para farinha; 7 fornos, 5 rodas de ralar mandioca, e todos os mais preparos para a feitura das farinhas; uma casa coberta de telhas com 3 teares para fazer pano; uma casa de ferraria com todo o necessário para ferreiro, e serralheiro (...) (GOVONI SJ, 2009, p.66).

Para Palha, (2018.p.14). "É possível compreender como o meio natural desempenhou um papel significativo na origem da sede do Município de São Caetano de Odivelas. Por isso, o rio Mojuim se destaca como um dos protagonistas na relação estabelecida entre Companhia do Coração de Jesus e a trajetória histórica do município assim como da vida dos seus

moradores”.

Em 1755, a localidade foi elevada à Freguesia com o nome de São Caetano de Odivelas e, em 1833, passou a fazer parte do território de Vigia de Nazaré, que na época já era legalmente considerado município. Em 1872, a sede da então freguesia recebeu predicado de Vila. Nessa ocasião, foi criado também o município, que se instalou em 1874, entretanto com a extinção sofrida em 1930, o seu território fora anexado aos dos municípios de Curuçá e de Vigia, onde desmembrou-se, três anos depois.

A emancipação político-administrativa do município de São Caetano de Odivelas deu-se definitivamente, em 1935. Os habitantes do lugar recebem o nome de “odivelenses”. Ficando, então, como gentílico: odivelese e a formação administrativa do Distrito criado seguiu com a denominação de São Caetano das Odivelas, em 1757. Foi levado então à categoria de vila com a denominação de São Caetano das Odivelas pela lei provincial nº 707, de 05-04-1872, e desmembrado do município de Vigia de Nazaré em 28-08-1874, somente 06 de julho de 1895 foi levado a categoria de município com o mesmo nome em conformidade com a Lei Estadual do Pará nº 324. (CASTILHO, 1986.p.39). A partir de 1935, São Caetano de Odivelas, conquistou sua independência política e constituiu-se como um município promissor na região nordeste do estado do Pará, é um município de identidade forte e de um povo que se caracteriza com o lugar como afirma Maciel, (2009, p.35).

Quem um dia passou pelo município de São Caetano de Odivelas teve a oportunidade de observar a forte ligação dos seus moradores com a geografia do lugar. Ao se rever a história do município, é possível compreender a partir de uma análise sistêmica, como o meio natural desempenhou um papel significativo na organização e na ordenação dos espaços pelos grupos humanos. Através dessa abordagem, o rio Mojuim se destaca como um dos protagonistas na relação estabelecida entre a sociedade e a natureza. A presença desse rio faz parte da trajetória histórica do município assim como da vida dos seus moradores.

A transformação mais substancial ocorreu nos últimos 50 anos com a construção da estrada, porém a maior dificuldade para a concretização dessa estrada foi a extensa área de manguezal que forma um verdadeiro cinturão em seu entorno. (MACIEL, 2009). A grande extensão de manguezal é constituído também pela sua proximidade com a foz do rio Pará, águas dos rios Tocantins e Amazonas, responsáveis pela grande quantidade de matéria orgânica em suspensão provindos desses rios, com a dinâmica das marés, essa matéria orgânica, é lançada para o Oceano Atlântico, fixando – se também na faixa litorânea, responsável pela formação de ricos manguezais que se estende para além das fronteiras do município de São Caetano de Odivelas/PA.

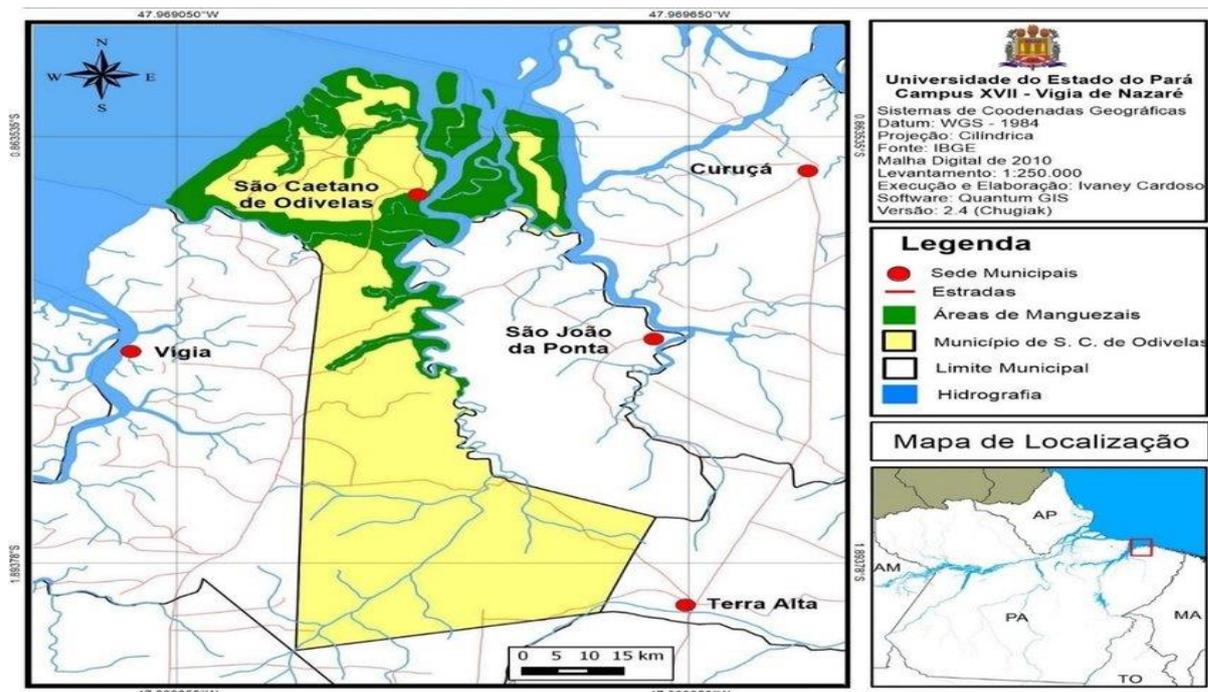
2.1.2 Localização Geográfica do Município de São Caetano de Odivelas/PA

São Caetano de Odivelas é um município Brasileiro do Estado do Pará localizado na Mesorregião do Nordeste Paraense e na Microrregião do Salgado, com uma distância de 93,3 Km aproximadamente, equivalente a 1 h 32 min de Belém, Capital do Estado, via BR-010/BR-316 e PA-140 a uma latitude 00°45'00" sul e 48°01'12" oeste, estando a uma altitude de 5 metros, com uma área territorial de 464,166 km², formada por campos, manguezais e floresta secundária. Ao Norte faz limite com o Oceano Atlântico, a Leste com os municípios de Curuçá, São João da Ponta e Terra Alta, ao Sul e Oeste com o Município de Vigia. Acerca disso, Fidellis (2013, p.4) alega que

Próximo ao município há três importantes rios, são eles: Mocajuba que serve de limite natural a leste com o município de Curuçá e São João da Ponta, Barreta com Vigia e Mojuim que margeia a sede municipal no sentido sul/norte e desemboca na baía de Tapari, o rio Mojuim é considerado o mais importante neste território porque forma toda a bacia hidrográfica do município

Na figura figura 2 abaixo, o mapa de localização do município de São Caetano de Odivelas/PA, destaca em cor verde uma área considerável de manguezais, o que representa uma rica biodiversidade do lugar.

Figura 2



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-Localizacao-do-Ecossistema-de-Manguezal-no-Municipio-de-Sao-Caetano-de_fig1_339667186.

São Caetano de Odivelas é um município Brasileiro do Estado do Pará localizado na Mesorregião do Nordeste Paraense e na Microrregião do Salgado, com uma distância de 93,3 Km aproximadamente, equivalente a 1 h 32 min de Belém, Capital do Estado, via BR-010/BR-316 e PA-140 a uma latitude 00°45'00" sul e 48°01'12" oeste, estando a uma altitude de 5 metros, com uma área territorial de 464,166 km², formada por campos, manguezais e floresta secundária. Ao Norte faz limite com o Oceano Atlântico, a Leste com os municípios de Curuçá, São João da Ponta e Terra Alta, ao Sul e Oeste com o Município de Vigia. Acerca disso, Fidellis (2013, p.4) alega que

Próximo ao município há três importantes rios, são eles: Mocajuba que serve de limite natural a leste com o município de Curuçá e São João da Ponta, Barreta com Vigia e Mojuim que margeia a sede municipal no sentido sul/norte e desemboca na baía de Tapari, o rio Mojuim é considerado o mais importante neste território porque forma toda a bacia hidrográfica do município

2.1.3 Dados populacionais, socioeconômicos, culturais e indicadores sociais

São Caetano de Odivelas/PA, registrado sob o código municipal nº 1507102, possui uma população estimada em 2019, de 18.050 habitantes, com densidade demográfica de 24 habitantes por km², IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal): 0,585, considerado baixo em relação a média nacional, (Programa das PNUD/2010), PIB (Produto Interno Bruto): R\$ 105 405,40 mil (IBGE, 2014) e PIB *per capita*: R\$ 7.471,70, ficando na posição 4949º a nível nacional em relação a outros municípios, no estado 118º e na região do salgado 5º colocado dentre os 11 município (IBGE, 2014). Em 2017, o salário médio mensal era de 2.0 salários mínimos.

Apesar de se tratar de um município localizado numa região de grande produção do pescado e da extração do caranguejo, São Caetano de Odivelas, é considerado um município pobre, como mostra os indicadores socioeconômicos, pois a relação de mercado da sua produção é desfavorável para o seu crescimento econômico, uma vez que não há comercialização interna, e a exportação é feita de sem planejamento e normativas, onde apenas os atravessadores que vem da capital do estado e de outros lugares são beneficiados com o maior lucro. O pescador e o coletor de caranguejo entregam aos atravessadores ou marreteiros, toda a sua produção por um valor bem abaixo do preço de mercado, causando ainda o encarecimento tanto do peixe quanto do caranguejo para a população do município, uma vez que a exportação em grande escala diminui significativamente a oferta desses alimentos para a população local.

Boa parte da população urbana tem vínculo com o poder público municipal, que contribui com a economia do município, com o fraco movimento turístico, a rede hoteleira e de supermercados não conseguem se desenvolver, mesmo com as manifestações culturais de destaque no Estado, como “os bois de máscara” a visitação no município é periódica, o que não dá conta de desenvolver o turismo e conseqüente geração de emprego e renda para a população. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 4.2%. Na comparação com os outros municípios do estado ocupava a posição 51 dos 144 municípios do Estado do Pará. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 1938 dos 5570 municípios brasileiros. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 50.5% da população nessas condições, o que colocava o município na posição 70 dos 144 municípios paraenses e na posição 1303 dos 5570 municípios que integram a nação brasileira (IBGE, 2018).

As principais atividades econômicas giram em torno da pesca artesanal, extração pesqueira do caranguejo-uçá, dinâmica do comércio local, funcionalismo público municipal, pesca esportiva e atividades culturais que atraem o turismo.

Em relação à vida cultural de São Caetano de Odivelas o destaque é a tradição dos bois de máscaras, como o Boi faceiro, Boi Tinga, Boi Búfalo Odivelense e a Vaca Velha. Grupos típicos da região que trazem na história a memória de pescadores que há muitos anos celebravam as datas festivas com a utilização de bois vivos trazidos de outras cidades. A tradição foi passando de geração em geração e com o tempo sofreu adaptações, como a substituição dos bois vivos por suas representações folclóricas – estruturas confeccionadas com arame, papelão e tecido – mantendo-se assim até os dias de hoje. Também foram incluídas nas manifestações locais as figuras dos pierrots, do vaqueiro e dos cabeçudos. Durante o ano ocorre apresentações isoladas dos bois de máscara, mas o mês de junho é quando as apresentações são mais constantes pelas ruas da cidade, além disso, São Caetano promove no mês de dezembro o festival do caranguejo, que atrai pessoas de toda a região do salgado paraense e de outros lugares (SÃO CAETANO, 2017).

2.1.4 Dados da Educação

O Sistema educacional do município de São Caetano de Odivelas/PA vem sofrendo transformações ao longo do tempo, tanto por iniciativa do poder público municipal como pelas mudanças obrigatórias direcionadas via Ministério da Educação (MEC). A Secretaria Municipal de Educação que hoje funciona em prédio próprio possui um estrutura técnica que atende todas as 35 unidades escolares localizadas na sede e interior do município, com mais de 20% dessas unidades em estado precário em sua estrutura física, mas que conta com um quadro de docentes qualificados a nível superior em sua maioria. A oferta do ensino fundamental do 6º ao 9º ano também está disponível em uma das duas escolas Estaduais na sede do município, na maioria das escolas rurais essa modalidade de ensino não tem oferta, sendo que boa parte dos alunos, principalmente de comunidades com fronteira com outros municípios, acabam migrando para continuar os estudos.

A estrutura educacional pode contar com todos os conselhos municipais que por meio de ações normativas tem atuação efetiva de acompanhamento e controle do exercício da gestão, O Plano de Cargo, Carreira e Remuneração - PCCR, ainda encontra-se em discordância com o Plano Nacional de Educação, Lei do Fundo de Desenvolvimento e Valorização da Educação Básica - FUNDEB e Lei Nacional do Piso Salarial para o

Magistério.

O Município de São Caetano de Odivelas oferta as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental de 9 anos e Educação de Jovens e Adultos (EJA), embora ainda não disponha de creche para atender a faixa etária de 0 a 2 anos, o Fundo Nacional de Educação (FNDE), em contrapartida com a Prefeitura Municipal, estão com a construção de uma estrutura de creche, padrão nacional ainda em andamento. Programas como o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), PNATE (Programa Nacional de Transporte Escolar) e Convênio de Transporte Escolar com a Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/PA garantem mensalmente merenda e transporte escolar, embora não seja de excelente qualidade, pois no caso da merenda escolar qualidade nutricional dos alimentos ainda deixam a desejar, o pouco recurso financeiro para este fim impossibilita a compra de gêneros alimentícios com maior valor nutricional. Já o transporte escolar, a quantidade de veículos para o transporte dos alunos é insuficiente para garantir melhor comodidade dos alunos no trajeto para a escola, o recurso destinado ao transporte escolar no município também não é suficiente para a contratação de mais veículos. Veja no quadro abaixo os dados do educacenso escolar de 2018:

MATRÍCULA ESCOLAR REALIZADA NO ANO DE 2018			
MODALIDADE DE ENSINO	ALUNOS MATRICULADOS EM SÃO CAETANO DE ODIVELAS/PA	ALUNOS MATRICULADOS NO ESTADO DO PARÁ	ALUNOS MATRICULADOS NO BRASIL
CRECHES	418	77.104	3.587.292
PRÉ-ESCOLA	531	237.073	5.157.892
FUND.ANOS INICIAIS	1.802	833.802	15.176.420
FUND. ANOS FINAIS	1.172	605.986	12.007.550
ENSINO MÉDIO	841	359.331	7.709.929
EJA	311	183.826	3.545.988
EDUCAÇÃO ESPECIAL	53	45.567	1.181.276
TOTAL	5.128	2.342.689	48.366.337

Quadro 1. Matrícula escolar realizada no município de São Caetano de Odivelas/PA no ano de 2018 (Fonte: Censo Escolar/INEP 2018 | Total de Escolas de Educação Básica: 35 | QEdU.org.br)

Mesmo considerando um avanço no ano de 2018, o nível de aprendizagem dos alunos regularmente matriculados nas escolas públicas do município de São Caetano de Odivelas ainda está muito abaixo da média nacional. Com base nos resultados da Prova Brasil 2019, é possível calcular a proporção de alunos com aprendizado adequado à sua etapa escolar: é a proporção de alunos que aprenderam o adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 5º ano na rede pública de ensino, dos 283 alunos, 78 demonstraram o aprendizado adequado, um percentual de 27%; até o 9º ano na rede pública de ensino dos 257 alunos, 15 demonstraram o aprendizado adequado, apenas 6%. Em Matemática a situação é ainda mais agravante: 21%

É a proporção de alunos que aprenderam o adequado na competência de resolução de problemas até o 5º ano na rede pública de ensino, dos 283 alunos, 58 demonstraram o aprendizado adequado. 0% é o percentual real de alunos que aprenderam o adequado na competência de resolução de problemas até o 9º ano na rede pública de ensino, dos 257 alunos, 1 demonstraram o aprendizado adequado (INEP, 2019).

QUADRO COMPARATIVO DE APRENDIZADO EM PORTUGUÊS E MATEMÁTICA				
BRASIL	Até o 5º ano		Até o 9º ano	
	PORT. 56%	MAT. 44%	PORT. 34%	MAT 15%
PARÁ	34%	20%	19%	5%
SÃO CAETANO	27%	21%	6%	0%
COLARES	32%	13%	12%	2%
CURUÇÁ	26%	9%	11%	2%
S. J. DA PONTA	13%	6%	8%	1%
VIGIA	32%	17%	10%	3%

Quadro 2. Quadro comparativo de índice de aprendizagem nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática no ensino fundamental do município de São Caetano de Odivelas/PA (Fonte: Prova Brasil 2019, Inep).

O Índice da Educação Básica (IDEB, 2019) nos anos iniciais da rede pública não atingiu a meta municipal e nem a meta nacional pré-estabelecida. Aprendizado: **4,90** (quanto maior a nota, maior o aprendizado); **Fluxo: 0,81** (a cada 100 alunos, 17 foram aprovados) **Ideb: 3,8** meta a ser alcançada em 2019 pelo município era de **4,3**.

Em comparação aos indicadores de 2017 para 2019, nas séries iniciais do ensino fundamental, dizemos que houve um considerável decréscimo no Ideb do município de São Caetano de Odivelas, isso significa que o processo educacional do município não consegue acompanhar a evolução dos indicadores do país. A média de reprovação e evasão escolar ainda são elevadas.

Na figura 3 abaixo, o Demonstrativo do Índice da Educação Básica (IDEB) anos iniciais do município de São Caetano de Odivelas/PA mostra que houve crescimento no índice de aprendizado nos anos de 2005 a 2011, em 2012 e 2013, a retomada de crescimento do índice de aprendizado nesta modalidade de ensino ocorreram a partir de 2014, mas infelizmente não atingiu a meta nacional estabelecida pelo controle nacional de aprendizagem. De 2014 a 2017 se manteve na média municipal, mesmo não atingindo a meta nacional, mas em 2019 voltou a sofrer queda e ficou abaixo da meta municipal.

Figura 3

EVOLUÇÃO DO IDEB



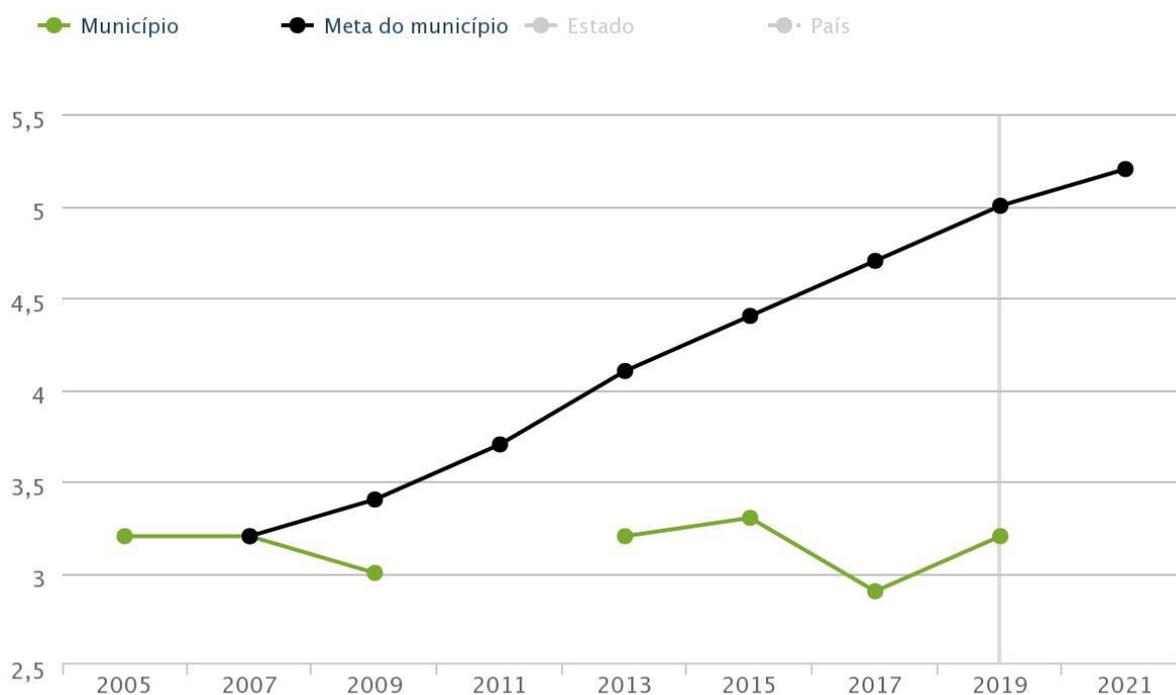
Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep, 2019.

Nos anos finais do ensino fundamental da rede pública não atingiu a meta nacional que é 6,0 apresentando, dessa forma, o seguinte cenário: **Aprendizado: 4,07, Fluxo: 0,79**, (a cada 100 alunos, 21 foram aprovados) **Ideb: 3,2**, meta a ser alcançada pelo município de São Caetano: **5,0** (INEP, 2019).

Apesar do crescimento nos indicadores educacionais nas séries finais do ensino fundamental do município de São Caetano de Odivelas/PA, infelizmente ainda está longe de atingir sua própria meta, significa dizer que as dificuldades existentes no índice de aprendizagem da maioria dos alunos, tais indicadores devem ser considerados problemas que precisam de ações ou projetos educacionais de caráter emergencial, que possam intervir para amenizar ou resolver esses baixos indicadores da educação municipal.

Na figura 4 abaixo é possível verificar o Demonstrativo do índice da Educação Básica (IDEB) anos finais do município de São Caetano de Odivelas/PA as constantes quedas nos índices de aprendizagem das séries finais do ensino fundamental, houve um crescimento muito tímido no ano de 2015, em 2017 houve uma queda considerável, já em 2019, houve um crescimento pequeno, mas mesmo assim, não atingiu as metas municipal e nacional, são dados bastante preocupante para a educação municipal.

Figura 4

EVOLUÇÃO DO IDEB

Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep, 2019)

Os dados demonstrados nas figuras 3 e 4, são retratos de um processo educacional que contribui significativamente para puxar o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) para baixo, assim como indica o fracasso escolar no município de São Caetano de Odivelas/PA, tais resultados podem está vinculados a falta de infraestrutura dos prédios escolares, falta de qualificação para boa parte dos professores da rede municipal, ausência de acompanhamento técnico- pedagógico principalmente nas escolas rurais, ausência de metodologias que envolva temas transversais e regionalizados na prática de ensino, entre outros problemas de cunho pedagógico, administrativo e financeiro.

2.1.5 Comunidade São João dos Ramos (Lócus da Pesquisa)

A comunidade de São João dos Ramos fica localizado na Ilha Araçateua à 5,3 km aproximadamente da sede do município de São Caetano de Odivelas/PA, criada como distrito do referido município pela lei estadual nº 2460, de 29-12-1961, é uma comunidade de pescadores fundada por volta de 1836. (ICMbio, 2014). Hoje com a melhor estrutura física entre as comunidades do município. Possui 176 domicílios, 144 famílias, uma população em 2019 de 379 habitantes entre homens, mulheres e crianças (SEMSA, 2019). O único acesso à

comunidade é via fluvial com embarcação de pequeno porte que faz “linha” somente às 8h00 da manhã com ponto de partida da sede do município no local conhecido popularmente como “Rampa” o retorno somente no dia seguinte nos horários de 6:00 e 7:00 horas da manhã no local conhecido como “Rampa da Igreja Santa Quitéria” a viagem fluvial dura aproximadamente 40 minutos.

Na comunidade de São João dos Ramos, não há circulação de carros, apesar da proximidade com a sede do município, o acesso fluvial não dispõe de transportes compatíveis para transportes de veículos automotores, as poucas motocicletas que circulam nas poucas ruas e travessas da comunidade, são mototaxistas que geralmente transportam passageiros que moram da comunidade São Miguel, que fica localizada as margens do rio mocajuba, divisa com o município de Curuçá, aproximadamente 2 km de São João dos Ramos.

Na figura 5 abaixo, observa-se a orla da Vila São João dos Ramos à margem do rio maruimpanema, na fotografia é possível identificar o cais de arrimo, a rampa de embarque e desembarque, alguns barcos de pequeno porte ancorados próximo ao cais, (geralmente são de transporte de passageiros e para uso da pesca), a igreja de Santa Quitéria, a recente antena de telefonia móvel que até o momento da pesquisa de campo, não estava ativada.

Figura 5



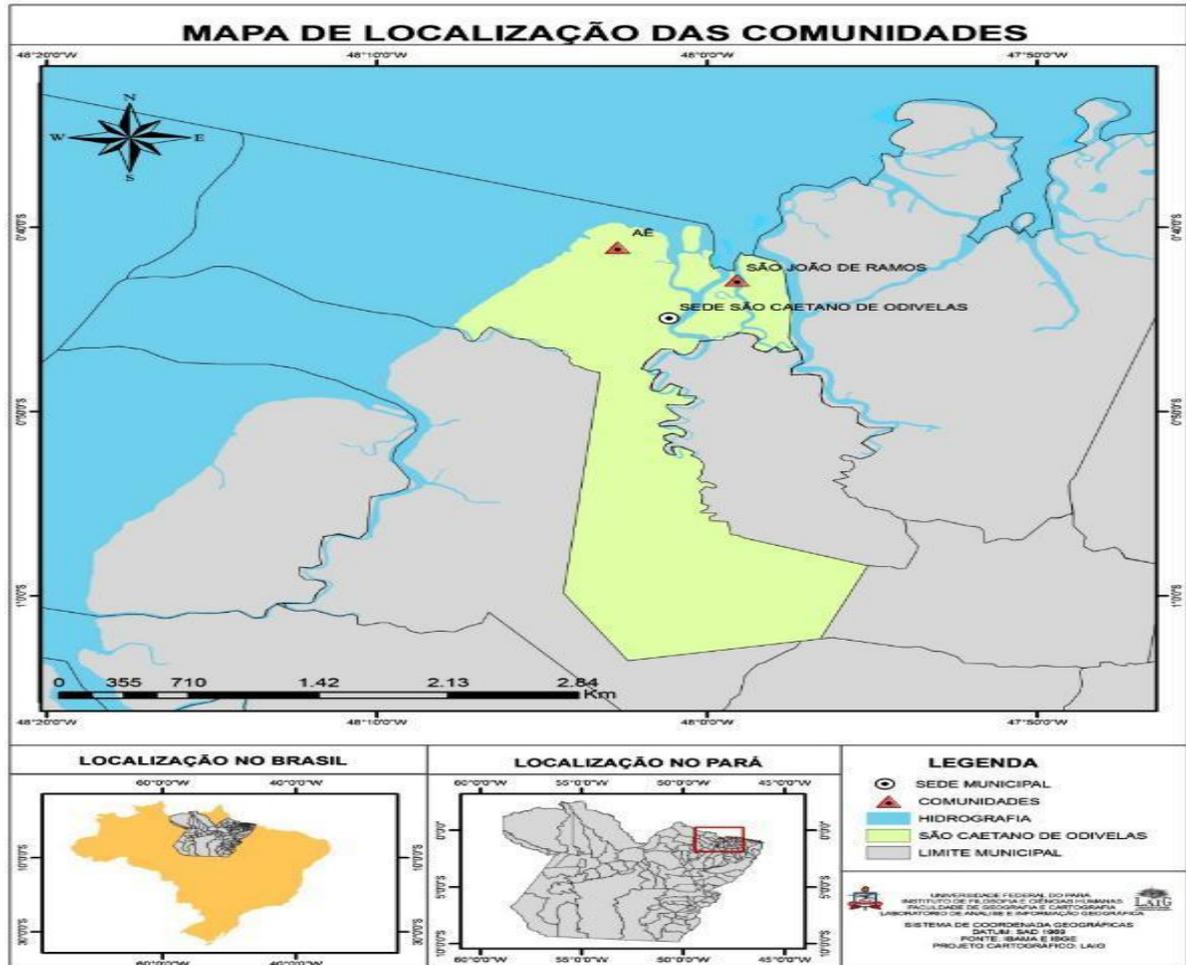
Fonte: Foto do arquivo pessoal do autor/março de 2019

São João dos Ramos é uma comunidade de pescadores artesanais que respira uma forte manifestação cultural através das danças dos “bois de máscara” entrelaçadas nos segredos que se esconde por trás da fantasia dos “Pirrôs”, “buchudos” e “cabeçudos” que conquistou sua identidade em todo o Estado do Pará e na Amazônia, por sua diversidade etnocultural associada entre a pesca, coleta de caranguejo, práticas e manifestações culturais, entre outras formas de sociabilidade que tornam a vida dos moradores dessa pequena Odivelas em grandes desafios entrelaçados com a política social, economia e sustentabilidade do lugar. E foi exatamente aguçando a memória do Sr. Cloves Chagas Rodrigues de 63 anos de idade, nativo da Comunidade de São João dos Ramos, pescador artesanal, líder e ancião do lugar, usando a sabedoria que ele buscou lá no fundo do palheiro da sua família tradicional uma história contada assim:

O que posso dizer sobre aqui é que o nome da ilha onde se encontra a comunidade de São João dos Ramos é chamada de “Araçateua” Este nome foi dado por dois pescadores que vieram fugidos pra cá na época da Revolução Cabana, por volta de 1836, abaixo do “igarapé da barreta” que liga ao rio Mojuim, inclusive este igarapé cortava a estrada do mangal (hoje) antes não havia estrada bem definida, eram chão batido com caminhos, eles entravam por Vigia, eram eles: Domingos Ramos e Leopoldo Chagas, vieram varando por esse igarapé da barreta até chegar aqui (Cloves Chagas Rodrigues, 2019).

A figura 6 apresenta o mapa de localização geográfica da comunidade de São João dos Ramos, observa-se na imagem que trata-se de um lugar localizado numa ilha litorânea da costa do Oceano atlântico.

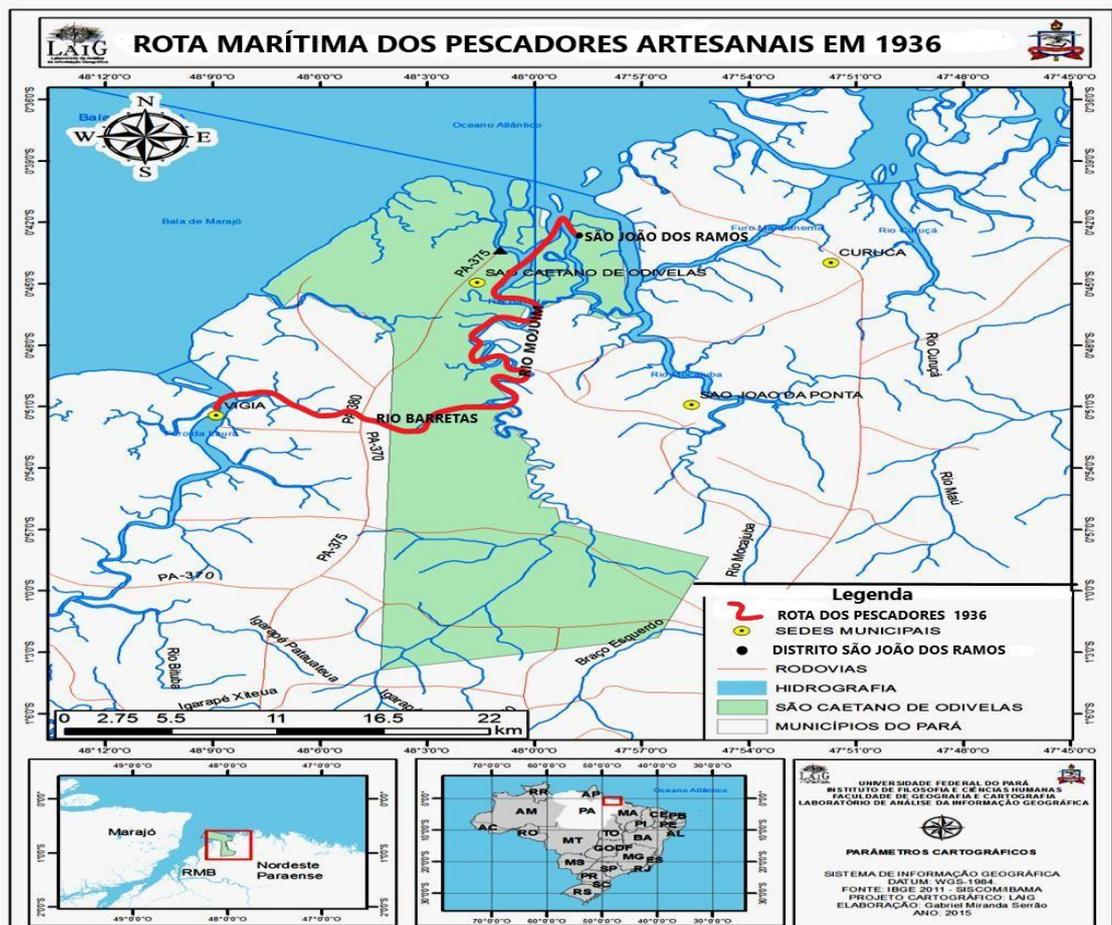
Figura 6



Fonte: <https://docplayer.com.br/109745869/>

Na narrativa, seu Cloves faz uma breve relato da sobre o surgimento da comunidade de São João dos Ramos, como seus primeiros moradores chegaram na localidade, percebe-se que ele cita uma geografia do lugar, que pela necessidade do desenvolvimento do município, foi transformada pelo homem, fica claro que existia uma interligação bem mais acentuada dessa comunidade relatada na narrativa com o município de Vigia/PA, a figura 7 abaixo, destaca em mapa a rota feita pelos pescadores artesanais de Vigia à São João dos Ramos por volta do ano de 1936, no trajeto destacado na cor vermelha, observa-se que o Rio Barretas, atravessa a PA 140 por dentro dos manguezais, atualmente este trajeto não existe mais, devido o assoreamento do rio e construção da rodovia que liga o município de São Caetano de Odivelas à Capital do Estado.

Figura 7



Fonte: Fonte: <https://docplayer.com.br/109745869>. Editado pelo autor.

os dois pescadores eram amigos e não parentes, na aventura de se esconder praticavam a pesca, eles pescavam “pelas mortas” e quando terminava as mortas a produção do pescado eles salgavam dentro da canoa que navegavam (canoa de bonde com cobertura de palha) lugar onde moravam, quando já tinha uma certa quantidade de peixe salgado eles iam até a cidade de Vigia para trocar com produtos alimentícios como a farinha, açúcar, café, tabaco, entre outros, por volta da terceira viagem, eles pararam num igarapé em frente onde hoje é a sede do clube odivelense, onde tem um pau grande, a maré estava grande neste dia, era pela manhã. Foram entrando no igarapé para pegar sombra do mato, e foi então que eles perceberam que haviam árvores diferentes das que são características do Mangue, então, foram limpando o igarapé e encontraram terra firme, por acharem um bonito lugar, limparam uma área e construíram um barraco coberto de palha, com estrado de pau a pique, e o peixe que eles salgavam na canoa, passou a ficar nesta cabana, e assim faziam a viagem deles, saíam quando a maré vazava e entravam quando a maré crescia, quando já tinha uma boa quantidade de peixe retornavam pra vigia onde suas esposas lhes aguardavam (Cloves Chagas Rodrigues, 2019).

Nesse fragmento narrativo, seu Cloves, faz a descrição da comunidade São João dos Ramos considerando aspectos naturais, apresenta um lugar próspero e com grande fartura de recursos naturais, valoriza o lugar como se fosse o melhor refúgio para aqueles que

provavelmente viviam em constantes fugas dos problemas sociais desencadeados em meados do século XIX. É notável também que faz uma exposição acerca das dinâmicas econômicas da época por meio da comercialização dos produtos extraídos da natureza por meio da troca em ambientes comerciais diversos. O retorno dos pescadores visitantes para a sua família depois de um longo período de aventuras nos rios e manguezais, levam consigo bem mais que peixes salgados, mas a notícia de ter encontrado uma terra ideal para desenvolver e preservar.

falaram então a elas que haviam descoberto um lugar que não era habitado, e que achavam que a terra era produtiva pra fazer roça, para plantio de mandioca, então fizeram o convite e trouxeram suas esposas para o lugar que haviam encontrado no meio dos manguezais, ao retornar construíram uma cabana maior, e a partir daí as mulheres começaram a plantar e eles continuaram a pesca, depois que acabou a revolução cabana, por volta de 1846, deixaram o lugar e foram morar em São João da Ponta, numa vila bastante habitada chamada de “Mariteua” , na época pertencia ao município de São Caetano de Odivelas, passaram uns três anos ou menos nesta vila, depois retornaram pra localidade que haviam feito a cabana e os plantios, desta vez, trouxeram outras pessoas com eles, que começaram a habitar o lugar (Cloves Chagas Rodrigues, 2019).

Na voz do narrador, as terras que compreendia o que é hoje São João dos Ramos, acabava de ser conquistada por pescadores do município de Vigia, quando resolvem habitar o lugar com suas famílias, o objetivo era trabalhar a terra em atividades agrícolas e começar um processo de sustentabilidade e sintonia com a natureza. Sem abandonar a prática da pescaria, os novos habitantes da Ilha Araçateua, tinham como propósito ficar no lugar até que terminasse a revolução popular denominada de Cabanagem, o que se percebe, é que a cultura de movências desses pescadores, os levava há diversos lugares da mesma região, num processo de exploração dos recursos naturais disponíveis e de fácil comercialização.

com a prática da agricultura e da pesca, pescavam com currais e tarrafas, assim outras famílias vieram de Mariteua com o intuito de povoar o lugar, como já haviam muitas casas em forma de vila, trouxeram da vila Mariteua a imagem Santa Quitéria, fizeram um barraco coberto de palha onde faziam seus cultos religiosos, assim decretaram como padroeira da localidade, como a maioria do povoado tinha vindo de São João da Ponta, e o líder da comunidade era chamado de Domingos Ramos, então uniram São João com Ramos, ficando batizada o nome da vila “São João dos Ramos” e o nome da Ilha foi em função da vegetação chamada araçá, daí Araçateua, e o rio que passa em frente a comunidade, em função da quantidade demasiada do mosquito maruim, assim ficando chamado de rio “Maruipanema” (Cloves Chagas Rodrigues, 2019).

Neste trecho da narrativa oral, seu Cloves relata o retorno dos pescadores artesanais

para a Ilha Araçateua, dessa vez, é o início da construção de uma vila que mais tarde se tornaria a Comunidade São João dos Ramos, com sua organização social, econômica, cultural e religiosa, percebe-se ainda na narrativa que os dois pescadores que encontraram e habitaram a ilha, estão representados atualmente pelas maiores famílias que habitam e interagem nos dias atuais na comunidade de pescadores São João Ramos.

2.2 Trilha Metodológica

2.2.1 Procedimentos Metodológicos

Para realizar essa investigação capaz de compreender os saberes e fazeres dos pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos, interior do município de São Caetano de Odivelas/PA, que habitam em ambientes de rios e manguezais na região do salgado paraense, levou-se em consideração os modos de vida desses pescadores, as trocas de saberes e fazeres, as práticas das pescarias, produção dos artefatos de pesca, histórias orais através das narrativas dos pescadores mais antigos da comunidade e outros fatores que culminam com o processo cultural que ali se manifesta e que suas significações assumem frente a outros lugares. Nesse sentido, vislumbrei aprofundar conhecimentos no campo das metodologias de pesquisa estudadas nas disciplinas do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, como assinala Duarte (2002, p. 140)

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.

Foi exatamente através da construção de um ponto de vista detalhado da realidade vivenciada na comunidade de São João dos Ramos que mergulhei no cotidiano dos pescadores artesanais desse lugar para a realização deste estudo etnográfico. Considerando a necessidade da pesquisa bibliográfica e empírica para garantir sustentação teórica, iniciei fazendo um cuidadoso mapeamento de dissertações realizadas na região do lócus da pesquisa e de outras regiões, teses, livros, capítulos em livros e artigos científicos sobre Interculturalidade, Pedagogia Decolonial, Pesca Artesanal, Encontro de saberes e fazeres, Sistema Educacional e suas legislações, histórias oral, tradição e tecnologia. Um referencial capaz de dar conta de dialogar com os saberes tradicionais do mangue odivelense, sem esquecer da contextualização

de eixos teóricos relacionados aos problemas sociais.

Depois da conclusão de todos os créditos obrigatórios do mestrado, sob proposição do meu orientador, iniciei imediatamente as leituras e fichamentos articulados ao objeto de estudo da investigação. Ainda no final do segundo semestre de 2018, iniciei a pesquisa de campo com algumas viagens à Comunidade São João dos Ramos, pelo fato de não ser nativo da região, esses primeiros contatos foram necessários para conhecer a comunidade com o olhar de pesquisador e aprofundar relações de amizade com os moradores.

A escolha dessa comunidades se justifica por se tratar de uma Ilha na Costa do Oceano Atlântico, região estuarina que por sua diversidade socioambiental caracteriza o lugar como referência regional das atividades pesqueiras e de coleta do caranguejo – uçá mais comercializável do estado do Pará, lugar de manifestações culturais que envolve toda a comunidade local e visitantes, identidade que foi construída também a partir das práticas da pesca artesanal e ainda, por se tratar de um distrito territorial do município de São Caetano de Odivelas, lugar de grande influência etnocultural e de impressionante biodiversidade marinha, pelo fato de ser uma ilha de pescadores artesanais recheada de ideias, saberes, fazeres, lugar de estranheza e novidades para um pesquisador de origem marajoara, região das águas doces e florestas onde os modos de vida das pessoas são outros.

Nesse sentido, o pesquisador que pretende trabalhar por dentro dos modos de vida de uma comunidade, principalmente aquela que apresenta realidades diferentes da sua, deve valorizar o senso comum “para a compreensão do social e procurar observar e interpretar aquilo que o sujeito já havia interpretado dentro do seu universo simbólico. É um estudo de significado da ‘vida diária’” (LIMA, 1996, p. 22).

O primeiro contato como pesquisador com a comunidade de São João dos Ramos e seus moradores, como iniciação da pesquisa de campo, ocorreu no dia 6 de dezembro do ano de 2018, saindo por volta das 8h da manhã da sede município em uma lancha pequena de “motor de popa” (voadeira), com uma velocidade maior do que a dos barcos de pequeno porte que trafegam para a comunidade diariamente. O trajeto durou cerca de 15 minutos, desde a saída até a chegada no lócus da pesquisa, foi como se eu nunca tivesse ido até a localidade, dessa vez os olhares eram outros, as pessoas, as paisagens, o tempo e o espaço foram vistos de forma diferente.

Além disso, o contato com a comunidade de pescadores artesanais superou qualquer visita informal que realizada, uma vez que esse novo olhar era óbvio e necessário para compreender como os moradores dessa comunidade interagem entre si e com os outros que por ali trafegam, como no meu caso, e buscam a compreensão do modo de vida, da estrutura física

das casas, das ruas e entre outros fatores. Também perceber não apenas as questões socioeconômicas e políticas desses pescadores artesanais em sua comunidade, mas a sua cultura em dimensões material e simbólica.

Lima (1996, p. 23) em diálogo com Malinowski (1953) apreende a cultura “como um todo integrado ou global do qual os elementos culturais singulares são as partes constitutivas”. Por isso, é preciso ver que a realidade “não é um esquema lógico coerente, mas antes, uma mistura em ebulição de princípios em conflito”. Já na compreensão de Geertz (1973, p. 15), “[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado”.

Foi um dia muito proveitoso, visitei a escola municipal, posto de saúde, “estaleiro’ de construção naval”, pequenos comércios locais, igrejas, associação de moradores, sede de associações esportivas e algumas casas dos pescadores mais antigos do lugar. Andei a pé toda a extensão habitada da comunidade e com permissão dos nativos pude tirar várias fotografias. Procurei me aproximar ao máximo das pessoas com o intuito de ganhar a confiança deles e construir ali um ambiente de amizade, de certa forma, preparei o caminho para as próximas visitas. Nesse entendimento, esta pesquisa buscou aproximações com o campo da etnografia. Segundo Carmen Mattos (2011, p. 49),

o pesquisador que se lança a uma investigação por esses caminhos, precisa preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura local, introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais, revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado.

Na figura 8 abaixo, observa-se que a maioria das residências da comunidade de São João dos Ramos são construídas em alvenaria e coberta com telhas de barro, travessa Miguel Arcanjo não há pavimentação asfáltica, observa-se também que não há pessoas transitando nas ruas, pois é uma comunidade com a maioria da sua população formada por pessoas idosas, a foto foi tirada no horário de 13:00 hs.

Figura 8



Fonte: Foto do arquivo pessoal do autor/maio de 2019.

Consultando referências bibliográficas que tratam especificamente sobre a etnografia, todas elas me apontaram algumas etapas importantes para o cumprimento de resultados fidedignos na pesquisa. Sobre essas etapas, Lüdke e André (1986, p. 39) sistematizam que

a exploração, que envolve as escolhas de campo e os sujeitos, bem como as primeiras observações e aproximações no e com o contexto da investigação, que corroboraram com os primeiros contatos que fiz com a comunidade. Em seguida, a decisão, que implica nas escolhas dos dados relevantes, das fontes e até dos instrumentos que como já foi tratado em parágrafo anterior, fiz um mapeamento preciso daquilo que foi útil e importante para assegurar teoricamente o estudo realizado. E por fim a descoberta, que consiste na explicação da realidade e na forma de situar as várias descobertas num contexto mais amplo.

Pude seguir essas etapas, interagindo espontaneamente com os moradores da comunidade, pois durante as visitas que fiz, procurei conhecer melhor suas histórias de vida. Desta feita, tive a facilidade de selecionar as pessoas a serem acompanhadas em seu cotidiano de trabalho, descanso e lazer, ou seja, os três pescadores que participaram da pesquisa com narrativas orais. Concomitante a isso, fiz um levantamento do número de moradores através de entrevista com a Agente Comunitária de Saúde (ACS) que trabalha especificamente na comunidade de São João dos Ramos.

Na terceira viagem que fiz à Comunidade, já bastante familiarizado com os moradores locais, Procurei selecionar algumas pessoas para coletar dados por meio de narrativas orais sobre questões referentes a saúde pública, saberes da prática da pesca artesanal e dados

educacionais, por isso, foi necessário entrevistar um pescador experiente do lugar que ainda está no exercício da pecaria, o coordenador pedagógico da escola municipal e a Agente Comunitária de Saúde. A Sr^a Ivanete Figueiredo Farias de 42 anos de idade, que exerce a função de agente comunitária de saúde na localidade há 19 anos, cuidando da saúde das pessoas de forma preventiva, visitando as casas, dando palestras, prestando informações relevantes sobre datas de vacinas, recebeu-me em sua residência e entre diversas conversas informais sobre a comunidade, perguntei: Quais informações poderia me dá a respeito do seu trabalho como profissional de saúde aqui na comunidade São João dos Ramos? Ela me respondeu com bastante clareza:

“Olha o que eu posso dizer é que a comunidade São João dos Ramos, possui este ano de 2019, 379 moradores, onde tem 32 crianças de 0 a 14 anos de idade, 137 adultos na faixa etária de 15 a 59 anos e 98 idosos a partir de 60 anos de idade, talvez pela quantidade de idosos a doença mais frequente por aqui é a hipertensão e diabetes, principalmente em adultos e idosos, já as crianças sofrem com eventuais viroses e rota- vírus, principalmente em mudança de clima, diarreia é muito difícil ter um caso, aqui na comunidade não tem criação de porcos e nem galinha, por aqui se tiver é mais ou menos 50 cães, já doenças endêmicas , tivemos um surto de chicungunha com 66 casos diagnosticados em 2017, levando uma idosa a evoluir a óbito, a proliferação de mosquito Aede Egiptil, talvez se deu por conta de acúmulo de lixo no mangue que cerca o vilarejo, a água que é consumida aqui pelos moradores é de poço artesiano e tem boa qualidade, segundo teste feito ano passado, existe um sistema de abastecimento de água aqui que todos os moradores recebem água encanada nas suas casas, aqui tem ao todo 176 casas, mas o número de famílias é de 144, boa parte das casas ficam fechadas e são usadas somente nas férias e no mês de junho na época da dança dos bois de máscara, em São João, a taxa de natalidade é muito baixa, pra você ter uma idéia em 2018, ano passado, nasceram apenas 3 crianças, este ano de 2019 nasceu 1 e ainda tem duas mulheres grávidas até o momento, minha preocupação é que a população daqui está ficando cada vez mais idosa, inclusive a escola daqui está até correndo risco de fechar as portas” (IVANETE FIGUEIREDO FARIAS, 2019).

Durante essa etapa, também pude investigar a renda familiar, os meios de transportes, os meios de comunicação que utilizam, a religião que professam, as atividades de lazer, entre outros aspectos de sociabilidade. O exercício da observação participante com conversas informais, entrevistas com roteiros abertos, como propõe a etnografia, auxiliaram-me com bastante relevância nessa fase de descoberta. Daí iniciei a escrita por meio da chamada “descrição densa” que incorporou a leitura e a interpretação que os moradores da comunidade de São João dos Ramos fazem de seu cotidiano de luta pela vida, interpretadas à luz de teorias etnoculturais.

2.2.2 Nos trilhos da Pesquisa

É uma pesquisa qualitativa. De acordo com Chizzotti (2006, p.77)

um estudo do comportamento humano e social que faz dele uma ciência específica, com metodologia própria, parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito participante e do sujeito-observador que também é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado, mas para que isso ocorra, precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos.

A comunidade distrital de São João dos Ramos, como lócus dessa pesquisa, é um campo aberto para o desenvolvimento de diversas pesquisas acadêmicas ao considerar sua diversidade socioambientais e etnoculturais. Neste sentido, foi necessária a minha familiarização com o objeto de estudo, na possibilidade de maximizar meus conhecimentos sobre o lugar, daí pode-se afirmar que é uma pesquisa exploratória (COLLIS; HUSSEY, 2005).

Ademais, é um estudo onde todos os fenômenos foram interpretados e analisados indutivamente, considerando fatores complexos e específicos de natureza social e cultural (FERNANDES, 2009). No decorrer das visitas exploratórias, foram consideradas informações relevantes ao conhecimento do lugar por nativos que não foram escolhidos para participação direta na pesquisa como os três pescadores artesanais, por exemplo, pois como a análise das narrativas estão concentradas apenas nos anciãos, os demais sujeitos tiveram participação indireta neste estudo, através de conversa informal e anotações no diário de campo. Por isso, Chizzotti (2006, p.26) afirma que “são fatos que vão se definindo e se delimitando na exploração dos contextos ecológico e social, onde se realiza a pesquisa; da observação reiterada e participante do objeto pesquisado, e dos contatos duradouros com informantes que conhecem esse objeto e emitem juízos sobre ele”.

2.2.3 Sujeitos da pesquisa

Depois de 5 visitas exploratórias ou convivência etnográfica na comunidade São João dos Ramos, já no ano de 2019, considerando as observações e contatos com os moradores locais, tinha que escolher os sujeitos que participariam diretamente da pesquisa. A princípio, pensei em escolher por faixa etária e categoria, considerando o pescador artesanal e representantes do poder público na comunidade, mas isso poderia tornar a análise do discurso complexa e extensa, para melhor delimitar os caminhos para alcançar o resultado. Diante disso,

optei pela narrativa oral, em que apenas três pescadores artesanais mais antigos da comunidade foram escolhidos para participar diretamente da pesquisa, para essa escolha levou-se em consideração os fatores de que são reconhecidos por todos os moradores da comunidade como: sábios, líderes, anciãos que participaram da construção etnocultural e identitária de São João dos Ramos através das suas práticas pesqueiras ao longo de muitos anos.

Mesmo já tendo contato com os três pescadores anciãos, fui até suas residências para um diálogo que pautou o convite deles para participarem diretamente da pesquisa como interlocutores de narrativa oral, com a aceitação deles, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), em anexo, contendo 9 itens que dispõem sobre princípios, éticos, morais e responsabilidades entre o pesquisador e o pesquisado. Esse termo foi lido e assinado por eles para garantir maior legitimidade à pesquisa e, ainda, esse documento, é parte do processo de Autorização de Pesquisa envolvendo seres humanos, recomendado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa- CONEP. Depois de esclarecer detalhadamente os objetivos da pesquisa, com todos trâmites legais devidamente organizados, tive o privilégio de poder contar com a participação relevante dos seguintes pescadores artesanais e anciãos da comunidade de São João dos Ramos:

Na figura 9, Seu Almerindo Figueiredo Pinheiro, de 81 anos de idade, pescador artesanal e interlocutor dessa pesquisa, é a imagem do pescador Odivelense.

Figura 9



Fonte: Foto do arquivo pessoal do autor/maio de 2019).

Seu Almerindo, como é conhecido, é natural do município de São Caetano de

Odivelas/PA, 81 anos de idade, nativo da Comunidade de São João dos Ramos, casado com dona Elza de Souza Pinheiro, de 77 anos, pai de 11 filhos, católico, exerce a prática da pesca desde os 14 anos de idade, atividade que aprendeu com seu pai, estudou apenas o antigo ginásio primário, alfabetizado, criou e formou todos os seus filhos trabalhando na captura e comercialização do pescado na região que compreende seu município e comunidade, hoje aposentado pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

A figura 10 abaixo, destaca a imagem de Cloves Chagas Rodrigues, de 63 anos de idade, grande pescador artesanal, habilidoso com a tarrafa, na foto mostra um dos pescados que capturou durante a prática da pescaria. Como interlocutor deste estudo, tem grande contribuição em suas narrativas orais e apoio durante os trabalhos de campo.

Figura 10



Fonte: Foto do Arquivo pessoal de Ray Nonato/Fevereiro de 2019.

Seu Cloves ou Cocó, como era conhecido na comunidade, se identificava como pescador artesanal, natural do município de São Caetano de Odivelas/PA, 63 anos de idade, nativo da Comunidade de São João dos Ramos, casado com dona Eremita Saldanha Rodrigues, 63 anos, pai de 9 filhos, católico, exerce a prática da pesca desde os 10 anos de idade, atividade que aprendeu com seu pai, estudou até o ensino médio, ainda iniciou uma faculdade de pedagogia mas acabou desistindo, criou e formou todos os seus filhos trabalhando como professor das séries iniciais pela Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), na captura

e comercialização do pescado. É aposentado como professor pelo mesmo órgão que exerceu por muito tempo a função docente.

A figura 11 mostra a imagem do pescador artesanal mais antigo da comunidade de São João dos Ramos, Lourenço Macedo Rodrigues, interlocutor dessa pesquisa, é também autor do termo ciência da pesca, quando em suas narrativas orais define os saberes da pesca como ciência. A foto retrata o momento da entrevista na cozinha da sua residência.

Figura 11



Fonte: Foto do Arquivo pessoal do autor/maio de 2019.

Seu Vavá, como todos o conhece em São João dos Ramos é pescador artesanal não praticante, natural do município de São Caetano de Odivelas/PA, 92 anos de idade, chegou aos 12 anos na Comunidade de São João dos Ramos, casado com a professora aposentada Isaura de Almeida Rodrigues, também de 92 anos, pai de 5 filhos, católico, iniciou a prática da pesca aos 16 anos de idade, atividade que aprendeu com seu pai, atualmente não exerce mais a atividade pesqueira, mas continua ensinando as ciências da pesca artesanal. é aposentado pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

2.2.4 Coleta de Dados

Durante as visitas etnográficas na comunidade de São João dos Ramos, por meio dos contatos feitos com o objeto da pesquisa, fui coletando os dados necessários e fundamentais para a construção desse estudo, como assinala Chizzotti (2006, p. 89), “(...) os dados são colhidos, iterativamente, num processo de idas e voltas, nas diversas etapas da pesquisa e na interação com seus sujeitos”. A princípio, tive dificuldades para a coleta de dados, pois ainda não havia definido com clareza os rumos metodológicos para atingir os objetivos da pesquisa, mas baseado nas dicas do meu orientador e leituras de referências semelhantes ao meu estudo, conseguir definir a coleta de dados utilizando os seguintes instrumentos:

- a) Observação Participante: ocorreu desde o primeiro contato com a comunidade para fins de trabalho de campo, utilizando câmera fotográfica, gravador de voz e diário de campo (caderno de anotações), com isso consegui fazer a descrição detalhada do lócus da pesquisa, que envolveu aspectos naturais e sociais.

Durante as visitas, como na maioria das vezes, viajei de barco de pequeno porte, as possibilidades de observação das dinâmicas das marés, dos tipos de vento, da vegetação, a estação do ano para os tipos de pescados capturados, as formas de sociabilidade das pessoas considerando cada período. Nessa fase, participei de eventos na comunidade, frequentei lanchonetes, bares, comércio, escola, posto de saúde, várias residências de moradores locais, cemitério e pontos de pesca e território de currais, nestes ambientes num olhar rasante, observei detalhadamente os fatores físicos e sociais, entrei em conversas de grupos de pessoas, participei de discussões de relevância política e econômica local, presenciei de discussões conflituosas sobre assuntos do cotidiano dos pescadores artesanais locais, que em todos os momentos optei por mediar os debates. Fiz centenas de registros fotográficos das ruas, barcos, orla da comunidade, igrejas, rios, manguezal, artefatos de pesca, escola e, principalmente, das pessoas que circulam diariamente na comunidade, todas as informações coletadas durante este período da observação culminou num relatório de campo bastante útil para a sistematização desta dissertação.

Para ter uma visão completa da comunidade de São João dos Ramos, nessa etapa de observação, por questões que envolvem situação espacial do vilarejo, utilizei como instrumento de registro fotográfico um Drone, que me proporcionou observar diversos fatores socioambientais da comunidade como desmatamento no seu entorno, assoreamento do rio maruipanema, acúmulo de lixo no manguezal. Por isso, foi uma espécie de georeferenciamento que produziu ortomozaicos de grande relevância e informações pertinentes ao objetivo da

pesquisa. O registro com Drone ocorreu da seguinte forma:

Equipamento utilizado: Veículo aéreo Não Tripulado (VANT ou Drone) multirrotor, modelo Phantom 4 Pro, da fabricante DJI. equipamento homologado pela ANATEL, registrado na ANAC, com seguro obrigatório de cobertura contra danos a terceiros, o R.E.T.A (Responsabilidades do Explorador ou Transportador Aéreo). O voo realizado na comunidade de São João dos Ramos, do meio de um dos campos de futebol da comunidade, foi solicitado ao DECEA (Departamento de Controle do Espaço Aéreo), através de sua plataforma online, para utilização do espaço aéreo. Para o planejamento dos voos foi utilizado o *software* Drone Deploy, cuja calibração é compatível com o modelo de VANT utilizado, otimizando as informações geradas e, conseqüentemente, a segurança do equipamento e seus operadores.

As condições meteoceanográficas locais foram acompanhadas pela versão profissional do aplicativo UAV Forecast, fornecendo previsões do tempo atualizadas em intervalos horários, indicando os níveis de segurança do voo com Drones, além do site Windy.com, tratando-se de mapeamento urbano e rural que considerou a janela de tempo (horário de inclinação do sol), e não considerou a variação das marés, foram realizados 2 voos consecutivos, cobrindo uma área de 160 ha, considerando a autonomia de bateria do equipamento os voos foram planejados de forma que o Drone estivesse sempre em linha de visada (VLOS).

Segundo os critérios da legislação, as imagens adquiridas pelo sensor embarcado foram processadas em *software* dedicado, e os produtos cartográficos gerados, incluindo o mosaico de ortofotos georreferenciado e o Modelo Digital de Elevação (MDE), foram exportados na extensão JPEG, compatível para abertura e visualização na maioria dos computadores. O pixel final na imagem (GSD – *Ground Sample Distance* no terreno) foi de 6,5 cm o que permitiu excelente qualidade das imagens, participaram comigo deste processo de observação espacial, a Prof^ª Dra. Yomara Pinheiro Pires, Coordenadora do Programa de Pós - Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia e Ana Emília Barbosa de Alencar, técnica da Empresa de georeferenciamento com Drones - GISDRONE. Essa atividade de campo foi realizada dia 3 de dezembro de 2019 as 12h40.

A figura 11 abaixo, mostra os preparativos para o início do processo de georeferenciamento e mapeamento com Drone da Vila São João dos Ramos, observa-se na foto que o plano de vôo foi executado do meio do campo de futebol da comunidade, com os equipamentos em mãos, eu e a Prof^ª Dra. Yomara Pinheiro Pires, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, participamos ativamente desta ação da pesquisa.

Figura 12



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Yomara Pires/dezembro de 2019.

a) Entrevista não-diretiva ou exploratória: Como já havia optado pela história oral como “carro chefe” deste estudo, era necessário coletar informações através das narrativas orais. Para isso, desprezei questionários fechados e busquei fazer entrevistas a partir de diálogos informais com a pessoa entrevistada, de forma amigável, com o devido respeito às informações prestadas, escutando atentamente a opinião do entrevistado, sem muitas interferências, valorizei todas as palavras ditas e em nenhum momento opus-me a qualquer discurso proferido durante as entrevistas, pois “ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade, possuir interesse e respeito pelos outros como pessoas, flexibilidade nas reações, capacidade de demonstrar simpatia pela opinião deles e acima de tudo ter a disposição de ficar calado e escutar”. (THOMPSON, 1998, p.254).

Durante o trabalho de campo, entrevistei várias pessoas com a finalidade de coletar dados necessários para melhor situar o lócus da pesquisa, é claro que as principais narrativas se concentraram nos três pescadores artesanais que já são anciãos da comunidade, a saber: Almerindo Figueiredo, Cloves Chagas e Lourenço Macedo. Com as outras pessoas as entrevistas não tiveram trâmites oficiais (Termo de Consentimento Livre esclarecido), pois a maioria ocorreu casualmente durante as viagens de idas e voltas para a comunidade, nas ruas, praça.

Já as entrevistas com os três interlocutores, apesar de se tratar de diálogo informal,

houve toda uma preparação para o momento, uma vez que ocorreram na casa dos entrevistados em horários marcados por eles e em dias diferentes. Algumas entrevistas feitas casualmente foram gravadas, outras, porém foram anotadas no diário de campo, já as entrevistas com os interlocutores principais foram gravadas observando todos os critérios pertinentes para a obtenção de um bom áudio para posterior transcrição.

b) História Oral de Vida: Coletar informações da ancestralidade, de eventos históricos do lugar, guardados na memória dos pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos foi minha opção para compreender os saberes tradicionais que foram passados de geração em geração, seja pela prática do dia-a-dia ou pelas histórias de vida contadas num processo de sociabilidade com os outros. Acerca disso, Chizzotti (2006, p.45) aponta que:

(...) é um instrumento de pesquisa que privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou vários informantes, pode ter a forma literária biográfica tradicional como memórias, crônicas ou retratos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria ou de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa.

Considerando a importância das narrativas orais, através da convivência com os moradores nas etapas da pesquisa, priorizei os três pescadores artesanais considerados homens sábios, líderes, portadores de muitas histórias sobre o lugar e as práticas de pesca artesanal na região. Pude, então, fazer várias entrevistas gravadas e não gravadas com esses interlocutores, que me concederam material importantíssimo para o bom andamento da pesquisa.

2.2.5 Detalhando a Pesquisa de Campo

A comunidade de São João dos Ramos, distrito rural do município de São Caetano de Odivelas/PA, localizada a aproximadamente 5 km de distância em linha reta da sede do município, uma Ilha na costa do Oceano Atlântico denominada Araçateua é meu campo de pesquisa para a construção da dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia - PPGEEA, vinculado à Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal, tendo como orientador o Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes. A pesquisa intitulada “Pedagogia do Mangue: Proposta de Inclusão de Saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar de São Caetano de Odivelas/PA”, de minha autoria passou inevitavelmente pela pesquisa de campo que durou 19 dias assim distribuídos: dezembro de 2018: 06, 14 e 20, janeiro de 2019: 17,18 e 19, fevereiro: 21 e 22, maio: 7, agosto: 14 e 15, setembro: 28,29 e 30, outubro: 01 e 2, novembro: 15 e 16, dezembro: 3.

No primeiro dia, 06 de dezembro de 2018, saí de voadeira por volta das 8 horas da manhã da sede do município de São Caetano de Odivelas, com destino à comunidade de São João dos Ramos, a viagem durou cerca de 15 minutos considerando a velocidade da embarcação que é superior a dos barcos de pequeno porte que trafegam diariamente para o mesmo destino.

Cheguei, então, à Comunidade com a máquina fotográfica registrei algumas imagens da orla, da igreja católica que fica no entorno de uma pequena praça, a única que existe no vilarejo, bem no centro da praça possui um monumento que representa a imagem da Santa Quitéria. Segundo os moradores é a padroeira da localidade, além das fotografias, fiz diversas anotações no diário de campo, como não é comum nesse período pessoas de fora da comunidade realizar atividades como essa, algumas pessoas que passavam pelas ruas me perguntavam se eu estava fazendo algum trabalho para a prefeitura, outras perguntavam se era algum trabalho encomendado pela justiça, ou se era serviço jornalístico, eu então explicava para todos que perguntavam que se tratava de um trabalho de pesquisa acadêmica.

Antes da iniciação da pesquisa de campo, já tinha ido algumas vezes à comunidade, geralmente em eventos promovidos pela prefeitura. Nesse período fiz algumas amizades na localidade, assim esse primeiro momento da pesquisa não me causou tanta estranheza no que concerne a minha aceitabilidade pelos moradores do lugar. Procurei o presidente da associação dos moradores para me apresentar e solicitar licença para desenvolver a pesquisa in lócus, mas ele não se encontrava, estava viajando.

Por isso, visitei a escola que estava em fase final das suas atividades letivas, fui bem recebido pela comunidade escolar, tivemos um bom momento de conversas, mas nesse momento apenas falei da pesquisa, mas não realizei entrevistas, tirei algumas fotografias e fiz anotações no diário de campo. Passei o dia todo andando pela comunidade, conhecendo melhor os espaços e as pessoas, aproximando-me para constituir uma relação de amizade e confiabilidade. No final do dia retornei para a sede do município trazendo as primeiras informações coletadas em campo.

No dia 14 de dezembro de 2018, uma semana depois da minha primeira visita exploratória, retornei à comunidade lócus da pesquisa. Desta vez, resolvi ir de barco, viagem que durou cerca de 40 minutos, novamente saímos às 8 horas da manhã, foi um dia chuvoso, mas não atrapalhou nosso trabalho. Durante o percurso conversei com o comandante da embarcação, observei muito bem a paisagem como a cor da água, a mata ciliar que é formada por manguezais, observei também o comportamento dos outros passageiros, que em sua maioria eram nativos da comunidade, fiz fotografias e anotações, não realizei entrevistas, apesar de

ainda ser desconhecido pela maioria dos moradores, procurava me aproximar o máximo possível das pessoas, sem constrangê-las.

Antes das 9 da manhã chegamos na comunidade, a hora do desembarque foi marcada por pessoas que carregavam os produtos que haviam comprado na cidade, como alimentos, eletrodomésticos, materiais de construção. Durante toda a manhã o porto de embarque e desembarque da comunidade é movimentado pelas pessoas que chegam e saem do vilarejo, observei também na chegada um ponto de mototáxi que transportam passageiros dentro da comunidade e com mais intensidade para a comunidade Ilha São Miguel, que faz limite com São João dos Ramos. Este dia foi dedicado para visita na casa dos pescadores artesanais da comunidade, com o propósito de conhecer e fazer amizades com eles, foi então que comecei a aprender muitas coisas relacionadas a pesca na região do salgado, considerando a natureza como fator determinante para a prática da pescaria. Ouvi muitas histórias, apresentaram-me artefatos de pesca como redes de malha, tarrafas, espinhel, materiais para construção de currais etc.

Fiz bastante anotações e fotografias, não realizei entrevistas e nem filmagens, minha ânsia em conhecer mais e mais sobre esse impressionante mundo de relações do homem com a natureza. Neste dia pude conhecer também alguns pescadores que coletam caranguejo, nem tanto como os moradores da Comunidade Ilha São Miguel que priorizam essa prática para o sustento da família, mas segundo eles nem sempre conseguem pegar uma quantidade de peixe suficiente para manter a economia familiar, com isso complementam com a venda do caranguejo. Depois de fazer novas amizades, conhecer e conviver o dia todo na comunidade São João dos Ramos, no fim da tarde retornei para a sede do município, agora numa lancha alugada, pois o último barco retornou para a cidade às 14 horas.

No mês de janeiro de 2019, retornei ao meu campo de pesquisa. Foram três dias de convivência na comunidade, os dias 17, 18 e 19 foram cruciais para intensificar as relações de amizade e confiabilidade, eu precisava a cada visita me tornar mais conhecido e poder observar com mais detalhe, não apenas as paisagens do vilarejo, dos rios e das matas, mas também o comportamento das pessoas, como elas vivem em seu dia-a-dia, o que fazem durante o dia e parte da noite, como se sociabilizam entre si e com as outras pessoas.

Nestes dias fiquei alojado na casa do seu Cloves Chagas, mais conhecido como seu Cocó pelos moradores. Pela aproximação que tenho com seu filho que é vereador do município e representante político da comunidade, ganhei hospedagem e alimentação como cortesia do seu Cloves que é considerado uma grande liderança na comunidade. Ele foi um dos fundadores e presidente da associação dos moradores, é pescador artesanal a vida toda e me ajudou muito

nesses dias de socialização.

Observei que os pescadores saem para pescar de linha, tarrafa e malhadeiras durante boa parte do dia, alguns saem pela madrugada e retornam apenas depois das 9 da manhã, outros, porém, acompanham as marés de enchentes e vazantes para despescar seus currais. Nesse intervalo de tempo produzem seus currais, costuram suas redes de malha, organizam seus espinheis. Durante o dia todo vivendo em função da prática da pesca, algumas mulheres acompanham seus esposos nas atividades pesqueiras, outras fazem apenas os fazeres domésticos, a noite é bastante silenciosa, os moradores dormem cedo e quase não se vê pessoas transitando pelas ruas. Foram três dias de muito aprendizado e novas experiências, dia 19 retornei à sede do município e no dia seguinte organizei o diário de campo com as anotações, passei as fotografias para o computador e iniciei a digitalização do relatório de campo com todas as informações coletadas in lócus.

Nos dias 21 e 22 de fevereiro de 2019, estive novamente na comunidade São João dos Ramos, dando continuidade na etapa de observação e através da convivência com os pescadores, participando da prática de pescaria, acompanhando reparos nas canoas de pesca, da confecção das “panagens” para cercar os currais, do tecimento das várias malhas das redes de pesca, o estrovamento dos anzóis no espinhel, entre outras atividades, escutando muitas histórias e piadas proferidas pelos pescadores. Esses dois dias de convivência com os moradores da comunidade teve como finalidade estreitar os laços de amizade e compreender com olhar de pesquisador seus modos de trabalhar, comunicar-se, promover momentos de lazer e outros modos de vida nessa ilha cercada de manguezais, aproveitei os momentos e tirei algumas fotografias e anotações daquilo que considerei importante e útil e provável material para a sistematização deste estudo.

Os meses de março e abril não visitei a comunidade, nesse período organizei as referências bibliográficas pertinentes ao objeto da pesquisa, realizei leituras e fichamentos de artigos, dissertações e livros.

Já era quase 8h da manhã do dia 07 de maio de 2019, quando cheguei no “Porto da Rampa” na cidade de São Caetano de Odivelas, era hora de voltar ao campo de pesquisa depois de dois meses de ausência. Como o acesso à comunidade é só através de via fluvial, os barcos que fazem o trajeto cidade/comunidade tem como ponto de partida “a rampa”, onde já haviam dezenas de pessoas esperando a saída do barco de pequeno porte, nesta manhã nublada com ânsia de chuva e maré baixa, “largamos os cabos” exatamente às 8h da manhã, no barco de nome “Saldanha” o comandante era um “velho pescador” chamado pelo nome de Ademar Ferreira Saldanha, conhecido como “ticeira” ele me disse que a viagem duraria cerca de 40

minutos e que não havia maresia no trajeto, que navegaríamos pelo rio Mojuim sentido norte, depois entraríamos num pequeno córrego que neste período é navegável mesmo com a água baixa, nos meses de setembro e outubro não é possível pegar este “atalho”, então é necessário contornar a ponta da “Ilha do macaca” que separa o rio Mojuim do rio Maruipanema, foi exatamente o que aconteceu, mas ainda durante a viagem conheci o Sr. Sílvio Pinheiro Nazaré de 54 anos de idade, natural de São Caetano de Odivelas e nativo da Comunidade de São João dos Ramos, conhecido como “Maradona” que na ocasião era passageiro, que em meio a tantas conversas com “Maradona” perguntei se ele era pescador, ele então, me respondeu assim:

“Meu amigo, sou pescador desde criança, meu pai me levava pra pescar quase todo santo dia, conheço essa região toda aqui, mas fui pra Belém, passei uma temporada por lá, estudei um curso de técnico em eletricista, voltei pra cá, trabalho na prefeitura de São Caetano muitos anos já, mas sempre nessa vida, de eletricista, de pescador, desço no mangue de vez enquanto pra tirar uns caranguejos, vou levando a vida, é o jeito né? (risos), aqui antes era muito farto de tudo que era peixe, eu lembro que quando nós ia dispescar o curral, nosso barquinho vinha cheio, era tainha, bagre, pescada, até mero a gente pegava, gurijuba só da purruda, agora já ficou mais difícil, muita gente pescando, ninguém mais tem respeito pela natureza, tá vendo aquela ilha ali fora? Há uns 20 anos atrás ela não existia, tinha só um banco de areia pequeno, ali perto era muito bom de peixe, agora vê como a natureza muda as coisas, eu me lembro que era pouco movimento de gente por aqui, as pessoas eram mais humildes e o comércio acontecia mais pela troca de mercadoria, tinha muito marreteiro nessa época, hoje tu vê o movimento, quando que tinha tudo isso que tu vê hoje?, muita coisa mudou de 20 ou 30 anos pra cá” (SÍLVIO PINHEIRO NAZARÉ, 2019).

Mesmo com o barulho do motor a diesel que impulsionava o barco, a conversa com “Maradona” era bastante proveitosa, pois era nítido perceber sua sabedoria sobre o lugar e as práticas de pesca. Em um determinado momento da viagem ele mostrou que naqueles dias a água estava muito suja em função dos sedimentos da mata ciliar por causa das constantes chuvas na região, inclusive disse que naquele ano de 2019, foi um ano de muitas chuvas, diferente de muitos anos anteriores, que a água escura e suja não era bom para a prática da pesca, disse ainda que pelo volume de água das chuvas, muitas espécies de peixe da água salgada se distanciam do litoral, dificultando ainda mais a captura de peixes típicos da região, mas que algumas espécies de peixe da água doce, como a piaba por exemplo era bastante frequente nesta época. Aproveitei o momento da boa prosa, perguntei sobre seu entendimento em relação às dinâmicas de marés, ele me disse que poderia falar muito do que aprendeu com seu pai e com outros pescadores da sua comunidade:

“Olha, o vento, ele tem três qualidades: o terral, que bate do sul, o foral que

vem de fora, muitos diz também que é vento maral, que vem do mar, do oceano, e o vento pontal ou ponteiro, como queira falar, que vem do leste, estes ventos eles são fácil de perceber até pelo balanço das copas dos mangueiros, já as marés são diferentes, tem as marés de mortas, que acontece de acordo com a lua, as marés de mortas é sempre no quarto minguante e no quarto crescente, mas vou te explicar melhor, no mês temos dois quartos: um minguante e um crescente, temos também duas luas, que é lua nova e lua cheia, a cada 28 dias no mês ela faz esse ciclo: lua nova, lua cheia, lua quarto minguante, lua quarto crescente, entendeu? Dentro do ciclo da maré, a cada 24 horas ela faz dois ciclos, um a cada doze horas, vou te explicar: o primeiro ciclo acontece com a enchente e com a vazante, o início da enchente é a preamar, o final da vazante é a baixa mar, vamos supor: a enchente dura 6 horas e a vazante 6 horas também, aqui por exemplo: a baixa mar começa as 6:00 h da manhã e se estende até meio dia, as 12:00 horas, período em que começa a preamar, se tu prestar atenção em 24 horas a maré enche e vaza duas vezes, com isso temos duas preamar e duas baixa mar, os horários de enchente e vazante das marés, depende de região pra região, em São João dos Ramos, no tempo de lua nova e lua cheia, a primeira preamar do dia ocorre por volta das 9:00 horas da manhã, mas pode sofrer variação quando o lançante é grande, o último lançante de março que é a maior maré, a primeira preamar inicia mais de 9:30 h da manhã, aí a cada dia durante as luas os horários da primeira preamar vão alterando sempre em meia hora até completar o ciclo de 14 dias de lua nova e lua cheia. A mesma coisa acontece nas marés de mortas, se tua olhar pra água agora vai ver que ela tá grossa, barrenta, e com mais correnteza, né? Pode ver, essa é a maré de lance, que são de dois jeitos, maré de lance de luar e maré de lance de escuro, no lance de escuro é de lua, mas a lua não aparece. Aí eu sempre digo: para a pesca de linha de mão é melhor marés mortas, serve muito pras pescas esportivas, na linha também é bom também lance de escuro, já pra pesca de curral é melhor quando está entre marés de lance e marés de mortas, aqui pra nós, os ventos fortes são em setembro, outubro e novembro, sempre no ciclo das luas novas e luas cheias, aí tu quer ver vento, não é bom arriscar a pesca muito fora, muita maresia. Nas marés de mortas é muito bom pra pegar pescada, robalo, bagre, tainha, pratiuira, e outros peixes, já nas marés de lance, o que dá muito é piaba. Agora, mesmo nas marés de mortas já é difícil a pesca do cação, gurijuba e mero, esses peixes estão sumindo” (SÍLVIO PINHEIRO NAZARÉ, 2019).

A sintonia existente entre o homem e a natureza para a garantia da sobrevivência e a sua inter-relação me impressionou pela gama de saberes dos pescadores dessa região observada nas palavras de “maradona”, é óbvio que tais saberes são de suma importância para quem vive no mangue e no mar. Já quase nos aproximando da Comunidade São João dos Ramos, o seu Raimundo que conduzia a embarcação anunciou que o preço da passagem era R\$ 4,00 (quatro reais) e que poderíamos pagar quando o barco ancorasse no porto. Foi uma viagem produtiva assim como as anteriores, mas a cada leitura e viagens pelo mesmo trajeto se aguçava ainda mais o olhar e a ânsia em apreciar as belezas da natureza dos rios contando mangues, das garças sobrevoando os barcos dos pescadores, dos guarás caçando caranguejos, produzindo no olhar do pesquisador um contraste nas cores verde e vermelho entre os galhos e folhas dos

manguezais.

Cheguei então por volta de 8h45 da manhã, o tempo estava fechado, céu um pouco escuro com a presença de nuvens carregadas, vento de aproximadamente 15 Km/h, era uma manhã com clima de inverno amazônico, desembarquei em uma rampa de concreto de aproximadamente uns 65 metros de comprimento, bem parecida com a rampa do embarque na cidade de São Caetano. Nessa rampa havia alguns pescadores que acabavam de chegar do curral e preparavam uns peixes para fazer o “avoado”, observei também a presença de crianças pescando com linha de mão ali mesmo na rampa de embarque e desembarque de pessoas, saberes, fazeres, acreditares, sonhos e desafios.

Na subida da rampa foi possível ver bem em frente à Igreja de Santa Quitéria, um grupo de pescadores que conversavam e tomavam um mingau de milho branco enquanto aguardavam o momento de ir despescar o curral, fui até eles, dei o bom dia e tive o cumprimento de todos que estavam por ali, aproveitei para também tomar o mingau e reiterar as boas amizades com os nativos da comunidade, que apesar de alguns problemas é bem estruturada para o que acostumamos ver em outras localidades ribeirinhas, em frente à igreja uma praça bem organizada com bancos, piso pavimentado, a rua da orla da vila também pavimentada com “bloquetes” acompanhada em quase toda sua extensão por um cais de arrimo todo em concreto, no centro da praça da igreja a imagem da Santa Quitéria, padroeira de São João dos Ramos, simboliza a predominância da fé católica no lugar.

Ainda com as mochilas nas costas precisava de um lugar para pernoitar, como de costume, nas visitas anteriores, fui até a casa do seu Cloves que imediatamente me acolheu muito bem com sorriso estampado no rosto me hospedou novamente. Em seguida saí para visitar as pessoas e ver o que poderia ter mudado no espaço físico da comunidade, foi então que percorri as 4 ruas e 5 travessas que formam o vilarejo, a primeira rua é a da orla chamada de rua Santa Quitéria, a segunda: rua Rodrigo dos Santos Rodrigues, a terceira: Rodrigues dos Santos, a quarta Lourenço Rodrigues, rua Miguel Arcanjo. As travessas são: Ramiro Otávio, Miguel Arcanjo, 22 de maio, Miguel Monteiro e Vivaldo Rodrigues.

A pavimentação das ruas e travessas é de aproximadamente 30% do total existente na comunidade, quase não se vê a presença de lixo nas ruas, todas as casas são em alvenaria, boa parte das casas estão fechadas, pois são ocupadas apenas em períodos de férias e feriados prolongados. Os proprietários são geralmente parentes dos moradores da vila, bem no centro do vilarejo, tem um campo de futebol, onde os moradores praticam atividades esportivas e de lazer, no seu entorno foi possível ver que continuam funcionando alguns mercadinhos que vendem gêneros alimentícios, panificadoras, posto de saúde, escola municipal, associação de

moradores, prédio sede de clube de futebol de tradição centenária.

Foi possível observar também a presença de muitas pessoas idosas tanto nas janelas das casas, como transitando pelas ruas, é possível ver também os artefatos de pesca nos quintais e nas frentes das casas. Quanto ao solo é predominante arenoso, toda a ilha é cercada por manguezal, local em que muitos moradores retiram o caranguejo para comer e vender principalmente na cidade, depois de muito caminhar pelo vilarejo de São João dos Ramos, procurei a agente comunitária de saúde para conversar um pouco sobre a situação do sistema de saúde no local, uma vez que ela visita todos os domicílios e conhece todos os seus moradores. Ivanete Figueiredo Farias de 42 anos de idade, recebeu-me em sua residência na companhia de sua mãe, ofereceu-me uma xícara de café e me falou com bastante precisão da situação da saúde pública na comunidade.

Depois de uma longa conversa com a Ivanete, segui para a Escola Municipal “Serafim Pinto Cardoso”, lá encontrei o professor Edinaldo Silva Soares de 51 anos de idade, que no cargo de diretor responde oficialmente pela escola da comunidade, compõe o quadro de efetivos da Prefeitura de São Caetano de Odivelas, lotado na Secretaria Municipal de Educação, contabiliza mais de 30 anos de carreira no exercício do magistério, nativo de São João dos Ramos, Prof. Edinaldo me informou que a escola da comunidade tem 109 alunos, sendo 63 da comunidade vizinha, “Ilha São Miguel”, e 46 do vilarejo, a escola funciona em dois turnos, manhã e tarde, conta com 9 professores e 6 servidores de serviços gerais incluindo o secretário da escola, o ensino fundamental menor é dividido em turmas multisseriadas, já as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental são seriadas e não há distorção idade- série e desistência.

Nessa análise, o aproveitamento escolar é satisfatório, mas a escola tem problemas de infraestrutura, segundo o professor a escola não desenvolve atividades com a comunidade, somente no mês de junho realizam uma quadra junina, em que falam sobre a questão de proteção do meio ambiente e como cuidar do lixo. Nas disciplinas de ciências e língua portuguesa, os conteúdos programáticos trabalhados nas disciplinas, levam em consideração o planejamento feito durante o início do ano letivo por meio de proposta curricular definida pela equipe técnica pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, disse ainda que a contextualização dos conteúdos com a realidade da comunidade e do lugar é praticamente inexistente, os professores seguem com predominância o conteúdo pré-estabelecido.

Já quase 13h nos despedimos dos profissionais da educação e retornamos para a casa do seu Clovis, onde havia me oferecido além da hospedagem a alimentação. Após o almoço, por volta das 14h caiu uma forte chuva que entrou pela noite, mas nada que pudesse atrapalhar a pesquisa de campo, aproveitando o tempo e o bom café da tarde conversamos com o seu

Clovis que me contou na cozinha da sua casa sobre a história de São João dos Ramos, comunidade de pescadores artesanais, que construiu sua identidade por meio da prática pesqueira. Eu, então, ouvindo atentamente a história contada, observei que seu Cloves parecia viajar no passado e dizer contar com muito entusiasmo a história da sua gente e do seu lugar.

Depois da boa conversa com o seu Cloves, a chuva já havia diminuído, aí voltei para rua, andei bastante, conhecendo mais de perto o lugar, trocando prosas com algumas pessoas e tirando fotografias. Durante a noite, como de costume vi pouco movimento de pessoas transitando pelas ruas, como era um dia de semana normal, não houve qualquer tipo de manifestação cultural, na localidade existem alguns bares, mas o funcionamento é apenas nos finais de semana, é um lugar calmo e silencioso durante a noite. Por volta das 6h da manhã retornei à sede do município de São Caetano de Odivelas.

Em cumprimento ao agendamento de retorno à comunidade para continuar a pesquisa de campo e socializar com seus moradores numa perspectiva de um trabalho etnográfico que consiste em conviver, observar e descrever a cultura de um povo em suas interações sociais, ideias, habilidades, saberes, fazes e acreditar. Baseado nesses fatores de grande relevância para a construção do conhecimento sistematizado e coletivo, na condição de pesquisador, no dia 14 de agosto de 2019, quarta-feira, já no final do quarto crescente retomei a pesquisa de campo na comunidade de São João dos Ramos, já era 14h quando sai do porto “rampa” da Sede do município com destino ao referido campo de pesquisa.

Nesta hora encontrei um jovem dentre os 9 passageiros em um barco de pequeno porte, que com o mesmo destino que se identificou como professor da escola de música da comunidade de São João dos Ramos, conhecido como “Valdez” o professor que já havia me visto outras vezes na comunidade me indagou sobre o objetivo das minhas constantes visitas à comunidade, respondi então a ele que há quase 9 meses estava desenvolvendo uma pesquisa acadêmica com os pescadores artesanais da comunidade, que neste dia, procurava um antigo pescador chamado de Almerindo Figueiredo, ele então disse que conhecia o seu Almerindo, que de fato era umas das referências em domínio dos saberes da pesca artesanal no lugar.

Para além disso, disse que poderia me levar até a casa do referido pescador, entre muitas conversas durante a viagem que durou pouco mais de 45 minutos pelo rio Mojuim e depois rio Maruipanema, onde em suas margens se localiza a comunidade destino. O professor Valdez relatou que tem a maior alegria em ensinar os filhos e netos dos pescadores a tocar instrumento de assopro, considerando que suas aulas contribuem significativamente para a formação humana das crianças, adolescentes e jovens da comunidade, disse ainda que a escola de música é de iniciativa da Associação dos Amigos de São João dos Ramos e as aulas funcionam

diariamente nas dependências do prédio desse da associação.

Faltavam 5 minutos para as três horas da tarde quando chegamos na comunidade de São João dos Ramos. Ao desembarcarmos, observamos que havia mudança na praça que fica em frente à igreja católica, pois a imagem da Santa Quitéria não estava mais no local, perguntei então o que houve com a imagem. O próprio professor Valdez disse que a imagem seria substituída por outra, pois a que estava na praça não agradou os moradores que resolveram mandar construir outra imagem e que, em breve, estaria no lugar da que foi retirada.

É importante ressaltar que ele não disse qual o motivo que levou os moradores a não gostarem da antiga imagem, mas disse que queriam uma imagem mais bonita, falou ainda que a praça da igreja é a única da comunidade que em pouco tempo passaria por uma reforma. Quando estivesse tudo pronto, colocariam a nova imagem de Santa Quitéria que é a padroeira da localidade.

Em sua motocicleta que estava num ponto de mototáxi, logo na subida da rampa, Valdez me levou até a residência do seu Almerindo, mas infelizmente ele não se encontrava, segundo informações de uma senhora que possui um pequena lanchonete em frente à casa dele e ao lado da Escola Municipal, disse que o pescador estava pra Belém, capital do Estado do Pará, havia ido fazer tratamento de saúde de rotina e que retornava provavelmente apenas na semana seguinte. Não foi dessa vez que falei com o sábio pescador, pedi então que o professor me levasse até a residência do seu Cloves, que em breve seria escolhido para participar como interlocutor direto da pesquisa junto com o seu Almerindo e outro pescador que ainda estava por escolher.

Ao chegar na residência do seu Cloves, como de práxis fui recebido muito bem, com a mesma alegria de sempre, convidou-me para entrar e tomar um café, sentamos então à mesa da sua casa, onde sua esposa já havia organizado como de costume, todos os dias às 15h30 o café da tarde é evento infalível, num cenário doméstico, bem arrumado, xícaras de porcelana, garrafa térmica com café preto, pães fabricados na panificadora da comunidade e algumas torradas, uma cozinha bem típica da família ribeirinha.

Nesse ambiente, para quem senta na lateral esquerda da mesa se depara logo de imediato com uma fotografia de aproximadamente 40x20 cm. Em um quadro de moldura em madeira de designer antigo, era a fotografia do Pai do seu Cloves que no rodapé da fotografia mencionava que se tratava de uma figura ilustre da comunidade. Ali estampava-se a memória de um pescador que se tornou político de 6 mandatos de vereador no município de São Caetano de Odivelas/PA. Durante o café, o seu Cloves ao ser questionado sobre a atuação do seu pai já falecido, disse-me que aquele homem naquela foto foi um dos grandes responsáveis pela

continuidade da construção e organização social da comunidade de São João dos Ramos, pois, segundo ele, além de atuar na prática da pesca artesanal, ainda se dedicava em representar politicamente sua comunidade, assim como todas que compõem o município em âmbito geral.

Além disso, relatou que naquela época, décadas de 70 e 80, os políticos eram honestos e prestavam conta de suas práticas ao povo, disse ainda que nos seus primeiros mandatos, o vereador não tinha salário e que precisava ir ao rio todos os dias para garantir o sustento da família, mas que jamais deixou de participar de uma única reunião na câmara de vereadores, argumentou que sua conduta responsável e de dedicação foram cruciais para se manter por tanto tempo como vereador, tanto é prova disso que morreu ainda no mandato de presidente da Câmara.

A comunidade São João dos Ramos, nas palavras do seu Cloves, sempre foi construída e reconstruída por homens de respeito e valor, disse que esses valores e sabedorias dos antepassados foram passados de geração para geração, muito diferente do que ocorreu e como ocorre até hoje na comunidade Ilha São Miguel que é separada apenas por um igarapé de São João dos Ramos, para ele não apenas os saberes da pesca foram importantes para se construir uma comunidade organizada como é hoje, mas os valores da família e a honestidade, a vontade de querer crescer e vencer na vida.

Era notória a emoção que seu Cloves sentia ao falar do seu pai e da construção da comunidade. Entre tantas conversas nesta tarde, perguntei para o seu Cloves sobre a possibilidade de continuarmos a pesquisa tendo ele como um dos participantes, ele então respondeu entusiasmado que seria um grande prazer fazer parte desta história, onde se procura valorizar a memória e o saber do pescador artesanal, além disso, disse que chegou a concluir o ensino médio, mas não continuou seus estudos em função de ter que conduzir a liderança da comunidade juntamente com outros membros e nativos do lugar, em sua fala disse que sua contribuição para essa pesquisa ajudaria na construção de conhecimentos que poderiam ser perdidos com o passar do tempo e as gerações futuras jamais poderiam entender suas próprias origens.

Depois do bom café, agradei pela hospitalidade, marcamos para as 17h30min mais uma entrevista com o seu Cloves, depois que voltássemos das visita a alguns membros da comunidade, o objetivo era buscar ainda mais aproximação com os moradores da comunidade, estabelecer ali uma relação de amizade, em que pudéssemos ganhar a confiança das pessoas e poder realizar a pesquisa de forma mais segura e confiável. Saí então andando com a mochila nas costas por várias ruas da comunidade de São João dos Ramos, em uma tarde típica de início de verão amazônico, fim de maré de mortas, algumas pessoas sentadas nas frentes de suas casas,

outros porém olhavam pela janela, poucas pessoas transitavam pelas ruas, aliás, na comunidade, não é comum as pessoas ficarem andando nas ruas, as atividades do dia-a-dia, como: tecer o pari para a construção do curral, costurar uma rede de malha, preparar os artefatos de pesca, entre outras atividades, ocupam o tempo da maioria dos moradores de São João dos Ramos.

É nítido ver a presença de redes de pesca de diversos tamanhos nos quintais das casas, pois em sua maioria não são murados ou cercados, as casas em sua maioria não possuem grades de segurança que possam inibir a entrada de “pessoas estranhas”. É importante destacar que o índice de violência e furtos na comunidade são quase inexistentes, os poucos conflitos que ocorrem isoladamente são em função da ingestão de bebidas alcólicas em finais de semana. Na comunidade tem dois bares que vendem cervejas, vinhos e bebidas destiladas como conhaque e cachaça. Observando as ruas e casas da comunidade, foi fácil perceber que as características da vila logo na sua entrada, próximo da igreja, apresentam sinais da modernidade, como praça bem organizada, ruas pavimentadas, cais de arrimo com orla bem definida, antena de telefonia móvel, sinal de internet e de telefone, embora precário; mercadinhos de venda de produtos de gêneros alimentícios, panificadora, bares, campo de futebol, acesso portuário da comunidade e de propriedade privada, as casas em alvenaria e estilosas com arquitetura recentes, dentre as quais estão inúmeras casas fechadas que são de propriedade de pessoas que moram na capital do Estado e que só ocupam essas casas em período de férias ou feriados prolongados, além disso, ainda se pode contar neste “centro da vila”, o posto de saúde, a escola municipal de ensino fundamental, etc.

Já na segunda metade da vila, percebe-se outra realidade, uma vila típica de pescadores artesanais, com traços mais antigos, ruas não pavimentadas, quintais grandes, casas de barro cobertas com telhas de barro antigas, modelo de construção dos anos 60 e 70, ausência das características da modernidade. Próximo desse ambiente tem uma pequena capela da Igreja Católica e o cemitério que fica um pouco afastado das casas, cerca de 500 metros aproximadamente. No percurso, não detectei lixo espalhados pelas ruas, parece haver uma conscientização da comunidade em relação à coleta do lixo e destino; no quintal de algumas casas foi possível perceber galhos de árvores, folhas, pedaços de madeira amontoados para a queima. Na beira do rio, em frente à vila, estão concentrados os barcos de pesca, de transporte de passageiros que viajam diariamente para a cidade e de transporte dos alunos do ensino médio que todos os dias letivos viajam para as escolas estaduais localizadas na sede do município, esses alunos estudam no turno da tarde e da noite.

Os moradores da comunidade de São João dos Ramos, os pescadores especificamente, priorizam a pesca do peixe através do curral, rede de malha, pesca de linha de mão, pesca de

vara e pesca de camarão no puçá. Ademais, não têm o hábito de coletar o caranguejo no mangue, que já é uma prática predominante da comunidade vizinha, a Ilha São Miguel, por isso, não se percebe a presença de pessoas transportando caranguejo nas ruas de São João dos Ramos. Durante meu trajeto pelas ruas, também percebi que a comunidade está localizada numa área de terra firme cercada por manguezais de todos os lados, nessa terra firme, além das “plantas de estimação” presentes nos quintais das casas, na comunidade existe um pequeno bosque de árvores de características latifoliada que os moradores preservam com muito carinho por concluir que aquela mata é a principal responsável pela manutenção do lençol freático de água doce existente na comunidade.

Por volta das 17h, retornei para a residência do seu Cloves, pois ele já me aguardava para a entrevista. foi uma conversa que envolveu a experiência, a prática, o saber, os conhecimentos guardados na memória do seu Cloves, narrados de forma espontânea, considerando a legislação defendida pelo Conselho de ética sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Apresentei ao entrevistado o Termo de Consentimento Livre esclarecido - TCLE, que depois de lido e assinado concedeu a entrevista gravada.

No sábado pela manhã do dia 15 de agosto de 2019, primeiro dia de lua cheia e início de maré de lance, por volta das 6h da manhã já caminhava pela orla da comunidade, mas nesse horário apenas alguns pescadores artesanais chegavam do rio, principalmente aqueles que desenvolvem a pesca de rede de malha, ainda se ouvia as cantigas de galo, o vento ponteiro (que vem do leste) ainda frio, balançava os galhos das centenárias mangueiras que sobream quase toda a orla da comunidade e ainda se punha a despertar os pássaros que livremente voavam em direção ao rio Maruipanema em busca de alimentos, por trás dos manguezais e nos fundos da Vila de São João dos Ramos, o sol nascia trazendo mais um dia de trabalho, de esperança, de construção e reconstrução da vida.

Uma hora mais tarde, os pescadores se reuniam, como de costume, em frente à igreja de Santa Quitéria para conversar, aproximei-me e, assim como das outras vezes em que estivemos na comunidade, cumprimentei todos e ainda tomei um mingau de milho que o seu Eliseu vende todos os dias pela manhã no mesmo local. Ali os pescadores esperam o horário das marés, para ir despescar os currais, fazer tapagem de igarapés, pescar de vara, de linha de mão, de rede de malha e pescar camarão com o puçá. Fiquei por ali até por volta de 10h da manhã observando essa relação do pescador artesanal com o tempo das marés e outras formas de sociabilidade.

Pude observar também que os barcos que transportam passageiros para a sede do município de São Caetano de Odivelas/PA iniciam suas viagens a partir das 6h da manhã, sendo que de hora em hora, até as 9 horas da manhã, ainda tem barco viajando para a cidade.

Diariamente, os moradores da comunidade São João dos Ramos vão à sede do município para fazer compras, resolver assuntos pessoais em bancos, prefeitura, correios, cartório, visitar parentes, e outras atividades do seu cotidiano, os horários do retorno iniciam a partir das 13 horas e se estendem até as 16 horas, depois desse horário, não há mais embarcações desse tipo para a comunidade ou vice-versa, o preço da passagem é de R\$ 4.00.

Ainda pela manhã, continuei caminhando pelas ruas estreitas e com as casas um pouco desalinhadas, quase não encontrei a presença de cães e gatos pelas ruas, mas a minha presença provocava bastante curiosidade nas pessoas que ainda não me conheciam. Em certos momentos parei pra conversar com alguns moradores que estavam nas janelas das suas casas, e outros nos seus quintais, sempre com o objetivo de aproximação com os moradores, as perguntas sobre o que eu estava fazendo ali eram frequentes, quando falava do que se tratava, alguns se propunham a participar com informações sobre a história do lugar e seu cotidiano. Por volta das 14h, retornei para a orla da comunidade, onde fica localizado um antigo prédio que há mais de 20 anos funcionava uma escola estadual, em frente dele encontrei um pescador que estava organizando algumas varas e paris com o intuito de sair para a beira do rio e iniciar o acento do curral, o seu Benedito Favacho de Almeida de 58 anos, conhecido como “Benzito”, nativo da comunidade de São João dos Ramos.

Na conversa por ali, contou-me que desenvolve a atividade de “pescador curralista”, desde seus 10 anos de idade quando já pescava com seu pai, falou das dificuldades que o pescador enfrenta todos os dias para adquirir o sustento da família, enfatizou também que a experiência da prática da pesca é fundamental para ter sucesso na captura dos peixes. Segundo ele, é pertinente conhecer bem a natureza e suas surpresas, que os ventos são importantes para trazer os peixes pra dentro dos rios e entrar nos currais principalmente; também disse que o pescador precisa ter muito cuidado com os fortes ventos e os constantes raios, para ele “a briga dos ventos é que faz cair raios nos rios” e que além da atividade como pescador, ele por muito tempo construiu currais para outros pescadores, em algumas vezes ele faz com seu próprio material e em outros momentos entra apenas com a mão de obra. Neste dia, ele ia sentar um curral dele mesmo, pois no mesmo lugar do que ele havia construído há 7 meses e que já não prestava mais para a captura de peixes, uma vez que se encontrava bastante deteriorado.

Os materiais para a construção do curral são transportados até o ponto de pesca através de uma pequena canoa de madeira com um “motor de rabeta”, são diversas viagens para transportar todo o material para o local onde o curral será assentado, pois a pequena canoa não tem capacidade de suportar o peso de todo material necessário de um curral. Como o seu Benzito já estava com pressa para transportar as partes do seu curral e aproveitar a maré para

tal atividade naquele momento, despedi-me dele e continuei a pesquisa de campo.

Na rua Santa Quitéria, cerca de aproximadamente 500 metros da rampa de desembarque na comunidade, no sentido que dá acesso a outra comunidade, a “Ilha São Miguel”, encontrei o senhor Sócrates, conhecido pela comunidade como “moreno”. Ele também é capataz da Colônia dos Pescadores Z4 de São Caetano de Odivelas/PA, representa a colônia na Comunidade de São João dos Ramos, em um barracão em madeira, coberto com telhas de barro de fabricação antiga, sem paredes, com pedaços de madeiras espalhadas naquele espaço, havia no local também uma embarcação de pequeno porte coberta com uma lona, a embarcação estava em construção, já em fase de acabamento, tratava-se de um “estaleiro”, lugar onde se constrói barcos para atividades pesqueiras e de transporte de passageiros.

Numa conversa informal sem gravação, somente com algumas anotações no diário de campo, seu Sócrates falou sobre sua habilidade em construir barcos para a prática da pesca artesanal, além dessa atividade, ele também é pescador desde seus 12 anos de idade, disse que aprendeu a pescar e a fazer barcos de pesca com seu pai e sempre viveu na comunidade de São João dos Ramos. Hoje defende a preservação dos ambientes pesqueiros no entorno da sua comunidade e, por isso, participou do início da criação da RESEX “MOCAPAJUBA”, a reserva extrativista de correspondente ao município de São Caetano de Odivelas, pois se houver reconhecimento e credibilidade por parte dos moradores do lugar e dos próprios pescadores, a Resex pode trazer grandes benefícios para o desenvolvimento sustentável do local.

Mas, para que isso aconteça, é necessário a participação do pescador nas atividades desenvolvidas pelo ICMBio, em parceria com a Colônia dos pescadores Z-4 e outras associações, inclusive dos piloteiros que convivem diretamente com as pessoas que praticam a pesca esportiva nos rios de São Caetano, pois se as pessoas que são nativos do lugar não tirarem o pensamento negativo sobre a atuação da Resex, os problemas que envolvem impactos na pesca artesanal por ação da pesca industrial nas proximidades do litoral paraense, podem trazer prejuízos irreparáveis para as gerações futuras.

Observei que o seu Sócrates se comporta como uma espécie de liderança na comunidade, mas que enfrenta resistência pelo fato de não integrar diretamente as famílias tradicionais que constituem a comunidade de São João dos Ramos. Pois bem, já era tarde, despedi-me do carpinteiro naval e pescador artesanal, finalizei os trabalhos de pesquisa de campo neste dia, e no dia seguinte às 6h da manhã embarquei de volta para a sede do município.

Dia 28 de setembro de 2019, manhã de sábado, por volta de 7h30 quando retornei para mais uma visita na comunidade de São João dos Ramos, com o objetivo de continuar a pesquisa de caráter etnográfico, iniciei esse dia de muito sol de vento ponteiro, aquele que vem do leste,

a maré era de lance e estava bom para a pesca de curral, procurei então novamente a residência do seu Cloves, minha base para hospedagem e descanso. Desta vez, passei cinco dias na comunidade, o objetivo como sempre de convivência com os moradores e observar a rotina do cotidiano na Ilha Araçateua.

Logo no primeiro dia, fui até a residência do seu Almerindo Figueiredo, que na última visita à comunidade, não se encontrava, mas dessa vez consegui falar com ele que me recebeu muito bem, expliquei a ele que lhe procurava para convidá-lo a participar como interlocutor da pesquisa, já que era um dos pescadores mais respeitado do lugar. Ele, então, achou muito interessante e imediatamente aceitou participar, mas que pela sua idade, tinha algumas regras na sua casa, pois o horário do almoço dele era 11h horas da manhã e tinha um descanso até por volta das 13h. Por esse motivo, pediu para que eu retornasse à sua casa a partir das 14h daquele sábado ensolarado, ficou então marcado nosso encontro para o horário estabelecido.

Como ainda havia um tempo de quase duas horas para o intervalo do almoço, fui procurar o presidente da associação dos amigos da comunidade de São João dos Ramos, que trabalha como técnico de enfermagem no posto de saúde da comunidade, o senhor João Bosco Trindade, que também é professor, mas que atua somente na área da saúde e preside a Associação local. Ele recebeu-me em sua residência com atenção e hospitalidade, falei do objetivo do nosso trabalho que tem cunho acadêmico, ele entendeu e se colocou à disposição para contribuir no que fosse útil.

Em sua fala que não gravamos, disse que a Associação dos Amigos de São João dos Ramos é uma entidade sem fins lucrativos que tem por objetivo contribuir para a organização social da comunidade, tratando com seus associados de assuntos que sejam relevantes para o bom convívio dos moradores local e dos visitantes, disse que hoje São João dos Ramos, talvez não seja considerada uma vila de Pescadores, mas uma comunidade de anciãos que passaram a vida toda descobrindo os enigmas da natureza para desenvolver a prática da pesca e dela criar e formar todos os seus filhos, por isso São João dos Ramos seja considerada por muitos como “terra de doutores”. Para ele, a sabedoria da prática da pesca está na memória desses senhores que se apaixonaram pelo lugar onde vivem muitos anos e que jamais abandonaram suas raízes. João Bosco diz que a sabedoria da pesca em São João dos Ramos não foi transmitida para as futuras gerações em sua essência, pois os filhos dos pescadores do lugar, procuraram outros saberes, os saberes da academia, segundo ele, São João dos Ramos é apenas lugar de visitação e (re)visitação aos velhos pais pescadores que ora aposentados, ainda sentem a imensa vontade de despontar os rios e mostrar na prática aqueles ensinamentos que herdaram de seus pais.

No decorrer da conversa, João Bosco nos mostrou uma pasta com documentos que

comprovam a autorização do uso das terras da Ilha Araçateua pelos moradores. Por se tratar de uma Ilha localizada em área marítima, a Superintendência do Patrimônio da União concedeu para cada morador um pequeno lote de terra para que tenha uso exclusivamente para extrativismo sustentável. Segundo João Bosco, os poucos pescadores existentes na comunidade, são “curralistas” e que no entendimento dele, esses currais são configurados como “uma extensão dos lotes dos moradores, amparados na lei, com isso, entende – se que as práticas de pesca em São João dos Ramos é sinônimo de territorialidade e conflitos históricos nos assentos dos currais. Durante a sua fala, fez uma um breve comentário sobre a comunidade vizinha, Ilha São Miguel, em comparação a São João dos Ramos, disse que na comunidade Ilha São Miguel, tem quase o dobro de moradores existentes em São João dos Ramos, mas que a forma de viver dessa comunidade é muito diferente, lá eles são exclusivamente coletores de caranguejo do mangue, pouco desenvolvem a prática da pesca de currais ou outras formas de pescar o peixe, com isso, passam muito tempo no mangue e se acomodam, para ele, jovens e adultos não tem vontade de sair de lá, e que se tornaram um povo desorganizado, sem perspectivas de desenvolvimento, sem preocupações na educação para as crianças e jovens, pois segundo ele, por mais que seja dividido apenas por um igarapé, lá a realidade é outra, “a ilha dos caranguejeiros tá longe de se transformar em terra de doutores” como se transformou São João dos Ramos, afirma João Bosco que “ a necessidade socioeconômica impedem os moradores da São Miguel a sair da ilha”. Considerou também que devido tantas divergências entre as duas comunidades, há um certo distanciamento nas relações de sociabilidade entre tais, inclusive nas decisões políticas são totalmente divergentes e que esse problema se arrasta por longas datas produzindo determinados preconceitos entre os moradores das duas comunidades.

Às 14h, retornamos à residência do seu Almerindo, ele já nos aguardava na mesa da cozinha da sua casa, onde depois de muita conversa sobre a história da pesca artesanal na região, seguindo todos os tramites que antecedem a entrevista, gravei sua narrativa que durou quase meia hora. Fiz bastante anotações no diário de campo e fotografei momentos que considere importantes.

No dia seguinte, fui até a residência do terceiro interlocutor da pesquisa, o seu Lourenço Macedo Rodrigues, conhecido por “Vavá”, que me recebeu muito bem, assim como para os outros interlocutores, falei dos objetivos da pesquisa e convidei para participar, ele imediatamente aceitou e assim gravamos uma entrevista que durou mais de 40 minutos, fiz muitas anotações no diário de campo e fotografias. O período que correspondeu 28 de setembro a 02 de outubro de 2019, foram de grande proveito para a pesquisa e de muito aprendizado como pesquisador, pois conviver com a comunidade é realmente se sentir parte dela.

Nesses cinco dias, procurei me aproximar bastante dos três interlocutores, passei grande parte do tempo indo em suas casas e participando do seu dia-a-dia. Explorei bastante suas experiências baseadas nos discursos, que foram analisados e discutidos no próximo capítulo dessa dissertação. Além disso, continuei socializando com os outros moradores, onde me tornei bastante conhecido e amigo da comunidade. No dia 02 de novembro de 2019, retornei para a sede do município, com bastante material para enriquecer o relatório de campo.

No dia 15 de novembro de 2019, semana de lua cheia e marés de lance, retornamos para a Comunidade de São João dos Ramos, pouco antes das 9h da manhã chegamos na comunidade para continuar as entrevistas com seu Cloves, Almerindo e Vavá. Tive que refazer algumas entrevistas com o seu Vavá, pois em determinado momento das entrevistas anteriores, não consegui atingir o objetivo daquilo que considerava importante para a pesquisa, mas com muita paciência, registrei o máximo de informações pertinentes com ele, o que quase não ocorreu com os demais, neste dia, pude fazer as últimas entrevistas que ocorreram da melhor forma possível atingindo minhas expectativas.

No dia seguinte, fizemos um encontro de saberes, envolvendo Professores, alunos do ensino fundamental maior e pescadores artesanais da comunidade, incluindo os três participantes da pesquisa, sob minha orientação, baseado nos objetivos da pesquisa, conseguimos realizar uma oficina de produção de conhecimentos interdisciplinares, foi a amostra de uma aula que envolveu temas transversais a partir dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais. O resultado será discutido no próximo capítulo.

A última visita da pesquisa de campo ocorreu no dia 3 de dezembro de 2019, que culminou com o mapeamento e georreferenciamento da comunidade, realizada com Drone de alta tecnologia. Neste dia, a Coordenadora do Programa de Mestrado, Prof^a Dr^a Yomara, a Operadora e técnica da Empresa Gisdrone, Sr^a Ana Alencar e eu como pesquisador, finalizamos a pesquisa de campo com essa atividade que contribuiu bastante para essa pesquisa, o resultado desse mapeamento será discutido no próximo capítulo em conformidade com o discurso narrados nas entrevistas.

Após um ano de muito trabalho considerando as visitas periódicas no campo de pesquisa, consegui coletar materiais suficientes para sistematizar este estudo, além disso, houve uma relação de ensino e aprendizado envolvendo-me e os moradores que socializaram suas experiências comigo. A relação de amizade e o reconhecimento da comunidade pela seriedade do nosso estudo, gerou expectativas em todos aqueles que participaram diretamente e indiretamente da pesquisa de campo, considerando este efeito, propus-me a continuar realizando outros estudos nesta comunidade que me recebeu com respeito e carinho.

CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, abordaremos os resultados esperados e inesperados desta pesquisa, além da discussão sobre a inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais do município de São Caetano de Odivelas/PA, utilizando como ferramenta, neste contexto, “Malhas de saberes” instrumento construído pelo COLINS – Colaboratório de Interculturalidades, Inclusão de Saberes e Inovação Social, que relaciona em quadro sinótico os saberes de comunidades tradicionais, como os pescadores, com os conceitos e teorias advindos da ciência, proporcionando diálogo de saberes a partir de narrativas de histórias orais e memórias dos anciãos da comunidade de São João dos Ramos, região distrital do município pesquisado. A partir deste diálogo é que será construída a pedagogia do mangue como uma metodologia de ensino interdisciplinar e transversal como viável para inclusão na proposta da prática de ensino a priori no sistema educacional da comunidade, assim como sua importância para a valorização do processo intercultural local.

3.1 Resultados

O objetivo geral da pesquisa foi se consolidando na medida em que os objetivos específicos foram sendo contemplados durante o cumprimento das etapas realizadas metodologicamente em um roteiro pré-estabelecido e orientado para a obtenção de resultado preciso e fidedigno. Em nenhum momento, houve a intenção de prever o resultado que aqui se apresenta, ele foi se construindo paulatinamente no decorrer dos trabalhos de campo, leituras da bibliografia compatível com o estudo e da própria análise das narrativas orais.

Apesar das constantes dúvidas sobre a possibilidade de inclusão dos saberes tradicionais na proposta curricular das escolas municipais do município pesquisado, o decorrer das etapas da pesquisa foi mostrando possibilidades reais de um resultado semelhante ao que se projetou hipoteticamente para a realização da presente pesquisa. Assim, a inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais nas escolas pode se tornar uma grande ferramenta de utilização da pedagogia das interações interculturais construídas e preservadas nas práticas e nas memórias dos povos que vivem e moram nos manguezais que neste contexto denominamos de “Pedagogia do Mangue”.

O diálogo de saberes e fazeres dos pescadores artesanais a partir das narrativas orais e a leitura etnográfica do mangue odivelense, são possíveis de contextualização com os temas

transversais disponíveis nos PCN's (Planos Curriculares Nacionais) e BNCC (Base Nacional Comum Curricular). A Inclusão desses saberes e fazeres no ambiente escolar, numa proposta de transformação em temas transversais como: ética, meio ambiente e pluralidade cultural, é de certa forma uma pedagogia advinda do mangue com toda a sua identidade cultural e etnosaberes, capaz de formar cidadãos críticos e conhecedores do seu próprio lugar, numa perspectiva de sintonia com a natureza e sensibilização no sentido da proteção e conservação da biodiversidade.

a) Resultados esperados

Considerando as etapas que culminaram para a construção deste estudo, os resultados foram satisfatórios, pois ficou evidente a possibilidade de inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais na prática escolar de São Caetano de Odivelas, tais saberes e fazeres podem integrar-se metodologicamente de forma transversal e interdisciplinar através de diálogo de saberes tanto no ambiente escolar, quanto no campo de vivência da comunidade.

Os saberes e fazeres dos pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas, configuram-se no contexto escolar como temas transversais que envolvem a Ética por meio dos diálogos e solidariedade, neste tema os valores atribuídos a pessoa humana, a responsabilidade nas atribuições das práticas diárias, o reconhecimento do outro como importante para a socialização das idéias e dos saberes e o reconhecimento do valor familiar como tradição herdada de gerações passadas, podem integrar-se de forma precisa e coesa na proposta curricular escolar.

A Pluralidade Cultural é identificada nos saberes e fazeres dos pescadores artesanais a partir da diversidade cultural, do etnosaber, da identidade local, das práticas laborais nas atividades pesqueiras, do conhecimento da geografia local, das dinâmicas das marés, etc. Neste tema transversal também é possível dialogar em sala de aula sobre os bois de máscara, que surgiram a partir de saberes dos pescadores e outras manifestações culturais presentes no município de São Caetano de Odivelas.

Tratar Meio Ambiente no contexto da transversalidade é um tema bastante bastante recorrente no saber e no fazer do pescador artesanal de Odivelas, pois as dinâmicas de marés, a diversidade da fauna e flora que caracterizam os manguezais, as formas de manejo florestal, a existência e funcionamento da Resex Mocapajuba, o processo de sustentabilidade através do estrativismo dos rios e mangues, são subtemas que abrem grandes leques educacionais que podem contribuir significativamente para o processo de ensino e aprendizagem, o diálogo

entre o saber do pescador e o conhecimento letrado promovem temas transversais como esse, numa proposta curricular notavelmente regionalizada.

Para assegurar a legitimidade desse resultado, seus fundamentos estão concentrados no levantamento bibliográfico como sustentação teórica, na pesquisa de campo que de forma qualitativa que agregou a observação participante e a entrevista com pescadores artesanais. Por esses caminhos, tornaram-se claros os resultados obtidos em cada uma das etapas; a relação entre tais foi de grande importância para se entender o objeto pesquisado em observância aos seus objetivos. Desse modo, na discussão que envolve as narrativas, os resultados se consolidam de forma significativa para a conclusão deste trabalho científico.

Na revisão bibliográfica, autores como: (Fernandes, 2016), (Mato, 2012), Fernandes, D.S, 2015), entre outros citados e referenciados neste estudo, sustentaram com muita precisão e veemência a importância do saber local para a construção da sua identidade, baseados em fatores interculturais, modos de vida e práticas cotidianas, em que esses valores são fundamentais para a formação humana considerando suas raízes etnoeducacionais. Não resta dúvida que, em quase todos os argumentos aqui levantados em dissertações, livros, teses e legislações vigentes no país no que tange às bases curriculares para as escolas públicas, a possibilidade da inclusão de saberes tradicionais, independente da categoria social como temas transversais e interdisciplinares, alinha-se perfeitamente com o que hipoteticamente foi estabelecido neste contexto.

Durante a pesquisa não houveram dúvidas acerca da aplicabilidade desses saberes nas escolas, pois o reconhecimento da importância do saber local no contexto educacional é uma forma real de valorização da cultura tradicional a partir dos encontros de “diálogos de saberes” sustentados teoricamente nesse estudo. Assim, as teorias argumentativas tratadas e discutidas neste evento caminharam paralelamente com os objetivos da pesquisa. Outros fatores que trouxeram grande contribuições para a proposição de inclusão dos saberes tradicionais na prática escolar, foram as leis educacionais como a Constituição Federal (CF) de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº 9394 de 1996, que garantem temas transversais e interdisciplinares no contexto escolar a partir de saberes tradicionais. Com isso, não houve necessidade de convencimento para a aceitação de inclusão desses saberes, pois já são obrigatórios, mas pouco utilizados na prática de ensino e aprendizagem.

Ainda no levantamento bibliográfico, detectaram-se inúmeras pesquisas realizadas no mesmo município ou região do lócus desse estudo, porém, nenhuma tratou sobre a inclusão dos saberes tradicionais no processo educacional letrado. Nesse viés, apesar de algumas pesquisas apresentarem semelhanças no campo de discussões que tratam sobre interculturalidade e saberes do mangue, ainda assim, não direcionam seus argumentos para o campo da educação em uma proposta interdisciplinar, como é o caso desta pesquisa, considerando essa análise e o objeto da pesquisa, como já era esperado, pedagogia do mangue é uma investigação inédita até o momento na região estuarina do salgado paraense.

Na pesquisa de campo, a princípio na observação participante, todos os momentos de relação com a comunidade pesquisada, principalmente o contato físico com o vilarejo e sociabilidade com seus nativos, foram favoráveis para entender como se processava os saberes que se pesquisava no local, tanto naquilo que se observava na prática como nas narrativas durante as entrevistas. Os dados socioeconômicos e populacionais, demográficos etc. correspondem perfeitamente com o que se estabeleceu na formulação da problemática da pesquisa, com isso se tornou ainda mais convincente a proposta de inclusão dos saberes locais na formação educacional dos alunos regularmente matriculados no ensino fundamental anos finais deste município.

As narrativas orais coletadas nas entrevistas, como por exemplo as que relatam as ciências da pesca, o conhecimentos das dinâmicas das marés, a interlocução da prática pesqueira com a natureza, as habilidades na confecção dos artefatos de pesca, as estratégias utilizadas para a captura do pescado, domínio do espaço pesqueiro, etc. Confirmam exatamente o que já se previa, sobre as habilidades e amplo conhecimento da prática pesqueira e inter-relação com os fatores bióticos e abióticos dos rios e manguezais. Nestas narrativas que discutiremos ainda nesta seção, é possível identificar conhecimentos provindos da ancestralidade que continuam vivos nas memórias de seus presentes anciãos, pois a relação que se estabelece no cotidiano dos pescadores mais velhos e mais novos ocorre através de uma pedagogia que envolve ensino e aprendizagem sustentada em culturas e modos identitários que vão passando de geração em geração.

Esses saberes e fazeres, tão aguardados para análise neste estudo, estavam ali, explícitos em cada detalhe da comunidade, nas falas dos moradores, nos designers dos pequenos barcos e canoas de pesca, nos artefatos, nas ciências da pesca, nas manifestações culturais e religiosas, nos hábitos alimentares etc. Realmente o trabalho de campo foi a confirmação daquilo que já se imaginava antes mesmo do contato com essa realidade. O grande diferencial nisso tudo é o sentir da realidade, o cheiro das vivências, o sentir-se parte daquele meio físico e psicológico

do ambiente pesquisado.

Todos os dados coletados durante a pesquisa de campo se correlacionam na sistematização desta dissertação – as teorias levantadas na primeira seção, a pesquisa de campo desenvolvida e detalhada metodologicamente na segunda seção e a exposição desses resultados tratados nesta seção – todas as questões argumentativas tratadas nessas três partes do estudo correspondem descritivamente com o objeto e objetivos da pesquisa, o que de forma indireta confirma hipoteticamente a existência de saberes e fazeres dos pescadores artesanais como pedagogia viável para integrar-se como conteúdo escolar nos anos finais do ensino fundamental.

b) Resultados inesperados

No início do desenvolvimento desta pesquisa, pretendia-se direcionar a coleta de dados para compor seus elementos, por meio de questionários semiestruturados com alunos e professores do ensino fundamental do município de São Caetano de Odivelas, com o objetivo de saber sobre a aceitabilidade deles em relação ao aprendizado que envolvesse saberes e fazeres dos pescadores artesanais do município que estudam. Além disso, não havia delimitação da pesquisa, tratava-se de um estudo em São Caetano de Odivelas em âmbito geral, o que envolveria todas as comunidades tradicionais existentes no município.

Pensou-se inclusive fazer pesquisa de campo em todas as comunidades de pescadores artesanais que estivessem localizadas às margens do rio Mojuim, principal rio do município. Para focar no objeto do estudo, precisava-se também entrevistar os pescadores artesanais, mas não havia uma quantidade definida de pescadores a serem entrevistados, com isso, as complexidades de como começar a executar o trabalho de campo ficavam cada vez mais visíveis. Assim, pensou-se em escolher um grupo de alunos e outro de pescadores para se trabalhar com as entrevistas.

Mas, ao considerar-se as possibilidades de delimitações da pesquisa baseada nas observações do orientador, foi escolhida apenas a comunidade de São João dos Ramos, localizada na Ilha Araçateua, região distrital de São Caetano de Odivelas, como é uma comunidade de pescadores artesanais e de poucos coletores de caranguejo, seria um excelente lugar para explorar o objeto da pesquisa. Apesar disso, mesmo delimitando o campo de investigação, a estratégia de entrevistar alunos e professores ainda estava no planejamento de campo.

Durante o período de observação, contato com os moradores da comunidade e

conversas principalmente com os pescadores mais velhos e experientes da comunidade, percebeu-se que desenvolver esse estudo a partir de narrativas orais dos pescadores teria melhor compreensão do objeto da pesquisa e um resultado mais consistente. A partir desse interesse, desprezaram-se as entrevistas com os alunos, assim como os questionários, optando-se, definitivamente, pelas narrativas orais de apenas três pescadores artesanais considerados líderes e anciãos da comunidade, sendo através dessas narrativas que discutiremos a inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais nas escolas públicas municipais do lócus da pesquisa.

3.1.2 Discussão

Para incluir os saberes e fazeres dos pescadores artesanais como proposta de conteúdo curricular a nível transversal e interdisciplinar na prática escolar, é necessário conhecer esses saberes e fazeres por intermédio de pesquisa acadêmica. Considerando esse entendimento, foi proposta a Pedagogia do Mangue como inter-relação de conhecimentos tradicionais provenientes das práticas pesqueiras na região nordeste do estado do Pará, especificamente na Comunidade de São João dos Ramos no município de São Caetano de Odivelas.

Pedagogia do Mangue neste contexto é a transformação do saber e fazer do pescador artesanal de São Caetano em Temas transversais e interdisciplinar, atentando principalmente para Ética que envolve diálogo e solidariedade, Meio Ambiente que trata diretamente dos ciclos da natureza que envolve principalmente a antropização dos manguezais e suas peculiaridades, a Pluralidade Cultural que busca dialogar com a diversidade étnica, identidade, práticas diárias de trabalho, saberes locais etc.

Nesta discussão, faz-se uma análise nas narrativas orais de três pescadores artesanais do lócus da pesquisa, estes sujeitos são pescadores há mais de 50 anos e possuem uma vasta experiência no processo de ensino e aprendizagem das suas habilidades em ambientes pesqueiros. Os modos de vida, as experiências vivenciadas na prática da pesca artesanal e os conhecimentos repassados de geração em geração têm grande importância para a compreensão da realidade, como sustenta Fernandes (2005). “Se por um lado as narrativas orais de histórias de vida são importantes para a releitura da realidade, não é menos verdade que devemos ‘arrumar’ as versões orais para melhor compreendê-las” (FERNANDES, 2005 p.157). Neste contexto, busca-se conhecer os conhecimentos tradicionais capazes de integrar encontros e diálogos de saberes frente ao sistema educacional sistematizado utilizando-se da narratologia como ciência empírica, como ferramenta de discussão, para isso utilizaram-se as malhas de

saberes para sistematizar as narrativas dos pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos.

As malhas de saberes são utilizadas como ferramenta de discussão das narrativas orais dos pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos, como propósito de relacionar e discutir os saberes e fazeres com os temas transversais e interdisciplinares, tais discussões objetivam concluir a inclusão e valorização desses saberes do mangue em pedagogia educacional como proposição do currículo escolar do município pesquisado. Para Silva (2020, p. 94)

Este instrumento metodológico é oriundo do grupo de pesquisas Colaboratório de Interculturalidades, Inclusão de Saberes e Inovação Social (COLINS/UFGA), elaborado a partir de proposição do coordenador do grupo, Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes, e se constitui em uma tecnologia social que inclui no discurso científico o saber da tradição oral, em perspectiva de diálogo e inclusão de saberes.

A malhas de saberes estão subdivididas em 5 partes: temas, narrador, fragmentos, conceitos e figuras. Os temas estão diretamente ligados aos fragmentos narrados pelos interlocutores da pesquisa, os conceitos garantem a sustentação teórica dentro da análise das narrativas e as figuras dentro das malhas de saberes, não representam meramente ilustrações dos temas abordados, mas estão sintonizadas com as narrativas orais, participam ativamente do ambiente da pesquisa, são partes das escrituras científicas que dialogam com os fatos vividos, narrados e escritos, que segundo Fernandes & Fernandes (2019, p.74), afirmam que:

Este caminhar do uso da fotografia se faz até hoje a partir da tensão causada pela possibilidade desta integrar a escritura acadêmica, não mais como mero instrumento ou ilustração, mas como outra escritura, não excludente, mas em diálogo com a escrita, e que consiga visibilizar de que forma as subjetividades são objetivadas.

3.1.3 Modos de vida no mangue: memórias dos pescadores artesanais da comunidade São João dos Ramos em narrativas

Viver em regiões estuarinas brasileiras, especificamente na costa do nordeste paraense, é poder contar com recursos naturais de grandes diversidades etnoculturais e biológicas, é, além disso, conviver com o dia a dia na prática extrativista dos recursos de origem marinha e dos manguezais. Neste rico bioma, as relações antrópicas com o meio ambiente ocorrem através do trabalho, das manifestações culturais e religiosas, da sociabilidade entre seus moradores e com visitantes, nos diálogos e nas interações de saberes e fazeres. Na comunidade de São João dos Ramos, que é parte integrante da Reserva Extrativista de Marinha – MOCAPAJUBA, que possui a maioria dos pescadores artesanais filiados à Colônia de Pescadores Z-4, essas características são bem visíveis.

Considerando as características etnoculturais dessa comunidade, baseada em suas histórias, nos saberes da prática pesqueira, muitas vezes demonstradas na captura diária do pescado para a sustentabilidade local e quando se aguça as memórias dos antigos pescadores sobre a preservação desses saberes ao longo dos anos que atravessam gerações, é possível entender que realmente há um processo de ensino e aprendizagem que ocorre involuntariamente neste ambiente de conhecimentos não científicos mas também não desprezíveis. Na história de vida narrada por três pescadores artesanais dessa comunidade, compreende-se uma pedagogia de ensinamentos de práticas e valores ilhados nas memórias daqueles que pretendem imortalizar a sabedoria tradicional ensinando e aprendendo, pois o tempo se encarregou de construir tantos conhecimentos capazes de (re)construir a história. “Tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história” (DELGADO, 2006, p.10).

Os saberes e fazeres dos pescadores artesanais da comunidade São João dos Ramos como de qualquer outra categoria ou comunidade não surgiram aleatoriamente ou através de cursos preparatórios para se tornar pescador, eles ocorrem ao longo da história, dia após dia, buscando interagir com o passado, presente e com previsões futuras. Procurar saber sobre os tempos passados é fazer uma extraordinária viagem na tentativa de alcançar o infinito, ainda que sua grandeza apresente variedades de situações que permitem entendimento de situações adversas (LOWENTHAL, 1981, p. 73). Com isso, a valorização dos saberes locais a partir das memórias convertidas em histórias orais traduzem uma realidade de natureza clássica, é de certa forma alicerçar esses conhecimentos por meio das suas raízes.

Para melhor discutir a inclusão dos saberes dos pescadores artesanais, é fundamental

também mergulhar na história narrada, procurando sempre encontrar as origens dos saberes e como eles foram sendo passados e (re)passados de geração em geração, procurando articular com as práticas do tempo presente. A inclusão dos saberes tradicionais, configurados nas práticas e nas memórias dos pescadores artesanais no ambiente escolar a partir deste contexto, perpassa não apenas pela observação do seu espaço de atuação, mas também pelo discurso oral vivo que discutiremos através das malhas de saberes.

Nas malhas de saberes abaixo, é possível analisar os discursos dos três pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos, a partir dos seus aprendizados sobre a prática da pesca, em uma relação de convivência familiar e com o meio de interação, pois é a partir dessas narrativas orais que vamos ter a possibilidade de sistematizar esses saberes locais, considerar suas histórias contadas como fonte de informações fidedignas e valoráveis para a (re)construção do conhecimento e inclusão no espaço escolar, pois “Se as fontes orais podem de fato transmitir informações fidedigna, tratá-la simplesmente como um documento a mais, é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado” (THOMPSON, 1998, p.274).

Os temas descritos nas malhas de saberes estão diretamente relacionados com os temas transversais como: Ética, Meio Ambiente e Pluralidade Cultural, pois as narrativas dos interlocutores da pesquisa possuem ligação direta com esses temas, que sugerem uma pedagogia escolar proveniente do mangue odivelense. Considerando a Pedagogia do Mangue como proposta de inclusão dos saberes dos pescadores na escola, os temas transversais serão utilizados como forma metodológica de integrar tais saberes ao processo de ensino e aprendizagem.

Como já determinado na BNCC- Base Nacional Comum Curricular e provenientes dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, para que os alunos possam ter acesso a uma formação integral, as instituições de ensino devem incluir em suas propostas pedagógicas os temas transversais como ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho, consumo, Pluralidade e Cultura. Neste contexto, priorizamos discutir nessas narrativas Ética, Meio Ambiente e Pluralidade Cultural, Não se trata de modificação do currículo escolar, mas de uma proposta de inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais no âmbito escolar. O mais interessante é que os saberes e fazeres integralizados em temas transversais não estão relacionados a uma ou outra disciplina específica, eles são objetos de aprendizagem em diferentes áreas, num processo interdisciplinar o que contribui significativamente para a formação regionalizada e integral dos alunos.

TEMAS	NARRADOR	FRAGMENTOS	CONCEITOS	FIGURAS
<p>1. A APRENDIZAGEM NA PESCA ARTESANAL</p>	<p>Seu Cloves - Cloves Chagas Rodrigues²</p>	<p>“Oh, a minha vida como pescador, ela começou bem... bem cedo, bem cedo mermo! Acredito <u>que</u> nos anos (que) eu estava com uns 10 anos, ou 11, a gente já... realizava pescaria, <u>eh</u>, como se diz, artesanal aqui... com meu pai, né. A gente trabalha muito tempo aí em curral, né, tive essa oportunidade de conhecer como é que se constrói o curral, né, que se faz o curral, como é que a gente adquire o material pra, eh, fazer</p>	<p>SABERES NA EDUCAÇÃO</p> <p>“... é preciso agregar a cognição à experiência vivida pelo sujeito, embora a ciência clássica a tenha tomado como emaranhado de valores sem importância para os problemas que se empenha em responder, relegando-a ao que chamou de</p>	<p>Figura 13 Pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas/PA, socializando durante a prática pesqueira, um processo de ensino e aprendizagem no mangue.</p>
		<p>o curral. Então nós sempre trabalhamos assim, OU em curral, OU com a rede, né, não de arrastão, mas rede de bubuia, e também com o espinhel ou linha de mão, né, quando se trata aí pra... das morta a gente pesca com linha de mão”.</p>	<p>impressões do senso comum” Voss (2009, p. 258)</p>	

² Cloves Chagas Rodrigues, 63 anos, pescador artesanal da comunidade de São João dos Ramos, vasta experiência em construção de currais (tipo de armadilhas para captura de peixes), considerado um dos líderes da comunidade.

<p>2. OS SABERES DA PESCA ARTESANAL</p>	<p>Seu Almerindo Almerindo Figueiredo Pinheiro³</p>	<p>“A pesca maior que eu sabia era a REDE, essa pesca de ANZOL e o curral foi as três pescaria que eu aprendi a fazer, foi... foi os três meio de pescaria foi esses três, o curral, a rede e... o... o... o puxar camarão também que eu pescava muito, de arrastar camarão na beira. Agora, pra fora, MARAJÓ, pra esse meio como o pessoal saía pescando, eu nunca fui, né, mas essa nossa vida daqui DE DENTRO tudo eu aprendi a fazer”</p>	<p>SABERES TRADICIONAIS DO PESCADOR ARTESANAL</p> <p>“O ensinar, nessa perspectiva, proporciona compreender a complexidade do sujeito inserido na sociedade, estimula o processo cognitivo e criativo, devido a representação no contexto social e a valorização do conhecimento que os alunos trazem consigo, proporcionando uma troca de saber”. Dantas (2013. p. 58)</p>	<p>Figura 14–</p> <p>Seu Almerindo ensinando como fazer um curral, desenhando na areia do quintal da sua casa, uma metodologia didática da pedagogia do mangue.</p>
---	---	---	---	--

³ Almerindo Figueiredo Pinheiro, 81 anos, pescador artesanal, conhecedor de vários tipos de pescarias artesanais e das dinâmicas das marés.

<p>3. A CIÊNCIA DA PESCA DE CURRAL</p>	<p>SEU VAVÁ Lourenço Macedo Rodrigues⁴</p>	<p>“Bom, eh, a ciência da pesca, eh, ela é esse saber marcar o curral, que eu aprendi, aí eu... eu mesmo marcava os meu curral e os dos meus colegas, Oh, eh, o curral tem uma ciência em marcar, primeiro a gente vê a beira lá da/ a correnteza, como é que ela trabalha a enchente e a vazante, ah, ah, a ciência é saber a posição da correnteza, se ela só tem/ só ocorre de vazante, então ela tem quer armada pra pescar vazante, se ela só ocorre de enchente, tem que ser armada pra pescar só em enchente, e se o curral/ como eu tenho um curral ali, a maré corre de enchente e corre de vazante, a gente marca o curral pra pescar as duas maré. Então, essa é uma ciência muito na hora que marca o curral, o cara tem que ter a ciência”.</p>	<p>TRADIÇÃO ORAL; - SABER E CONHECIMENTO EM POVOS TRADICIONAIS;</p> <p>“Sendo relativo a uma localidade, de outro modo nada impede que este saber possa e deva estar em diálogo com o conhecimento mais universal e científico”.</p> <p>Fernandes, D.S; Fernandes, (2011, p. 132)</p>	<p>Figura 15- Seu Vavá narrando a ciência de marcar currais de pesca na cozinha da sua casa e um curral de sua propriedade à margem do rio maruipanema marcado sob seus ensinamentos.</p>
--	--	--	---	--

Quadro 3. Malha de Saberes 1 – Sistematização de Saberes e fazeres dos pescadores artesanais da Comunidade de São João dos Ramos (Fonte: autoral).

No primeiro tema da “Malha de saberes”⁵ 1, que trata sobre a aprendizagem na pesca artesanal, temos o narrador Cloves Chagas Rodrigues (seu Cloves) de 63 anos, que na história contada em entrevista, entre tantas memórias e experiências. No fragmento em malha, relata que aprendeu a prática da pesca artesanal com seus pais no dia a dia em busca da sustentabilidade. Neste sentido, o processo de ensino e aprendizagem que ocorre involuntariamente nesses ambientes pesqueiros e no processo de socialização dessas práticas

⁴ Lourenço Macedo Rodrigues, 92 anos, pescador artesanal desde os 6 anos de idade, devido a sua idade não pratica mais a atividade pesqueira, mas é um grande conhecedor da ciência de marcar currais e da pesca com a linha de mão.

⁵ As “Malhas de Saberes” como ferramenta para a análise do discurso das narrativas orais foram criadas pelo Colaboratório de Interculturalidades, Inclusão de Saberes e Inovação Social - COLINS, vinculado ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia - PPGEEA/UFPA, proporcionando diálogo de saberes a partir de narrativas de histórias orais e memórias dos anciãos da comunidade de São João dos Ramos, região distrital do município de São Caetano de Odivelas/PA. A partir deste diálogo é que será construída a pedagogia do mangue como uma metodologia de ensino interdisciplinar e transversal para a prática escolar como viável para inclusão na proposta curricular a priori no sistema educacional da comunidade, assim como sua importância para a valorização do processo intercultural local.

pode ser considerado como metodologia tradicional de uma educação valorativa que conserva as tradições herdadas no decorrer das gerações.

Nesta narrativa, pode-se relacionar ao tema transversal ética: pois trata especificamente de valores, que podem ser transformadas em ações promovidas na escola, ajudando o aluno entender o significado de alteridade, respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade. A partir do compartilhamento do saber, das práticas existentes nos manguezais e no mundo pesqueiro, o aluno será capaz de compreender que o conhecimento é construído ou tecido ao longo do tempo e das experiências vivenciadas e socializadas num ambiente cordial e ético.

Considerando todas as narrativas dessa malha de saberes, são visíveis as possibilidades de se trabalhar pedagogicamente em sala de aula sobre as diversas faces das condutas humanas e o verdadeiro papel da escola na formação da cidadania. Trabalhar o tema ética correlacionando aos saberes tradicionais, é a garantia de uma proposta de trabalho que resulte no desenvolvimento da autonomia moral do aluno e o reconhecimento dos princípios fundamentais da dignidade da pessoa humana.

Esses saberes produzidos em uma pedagogia caracterizada pela bioculturalidade do lugar se propõe nesse contexto a ganhar espaço entre as ciências sistematizadas, como no ambiente escolar por meio interdisciplinar e transversal, mesmo que enfrente resistências como afirma Voss (2009, p. 258) “é preciso agregar a cognição à experiência vivida pelo sujeito, embora a ciência clássica a tenha tomado como emaranhado de valores sem importância para os problemas que se empenha em responder, relegando-a ao que chamou de impressões do senso comum”. Assim, a inclusão desses saberes tradicionais nas escolas quebra o paradigma de que os saberes locais são inferiorizados a partir do discurso de “senso comum”.

Observa-se, na narrativa de seu Cloves, que o aprendizado que adquiriu sobre a prática da pesca artesiana a partir, principalmente dos ensinamentos de seu pai, está totalmente agregado a valores e tradições, pois o saber adquirido em construir currais, por exemplo, passou por uma metodologia de ensino que ansiou e anseia por um aprendizado capaz de garantir a sustentabilidade local e que são de grande importância para as gerações futuras.

Em uma análise de valorização do saber local como os saberes do seu Cloves e de outros pescadores para a formação humana em uma relação de ensino e aprendizagem, percebe-se que ela ocorre espontaneamente nesses ambientes de manguezais sem qualquer intencionalidade didática, em que Voss (2009, p. 259) tem raciocínio paralelo, quando “a importância da comunidade na vida e na formação humana, onde as estruturas bio-culturais são incorporadas, sem que se pense, isto é, não há nisso, uma intencionalidade como na escola”. Por isso, há a importância de incluir esses saberes nas escolas, configurando-se

através de diálogo de saberes das ciências em uma pedagogia intencionalmente focada na formação do sujeito crítico e reflexivo no seu espaço de vivências.

A figura 13 na sequência, a imagem de dois pescadores em seu barco de pesca, ancorados à margem do rio Mojuim, especificamente no ponto de pesca ou pesqueiro conhecido como “macaca” momento de diálogo entre eles, um processo de troca de saberes, momento em que aguardam para despescar as redes de pesca.

Figura 13



Fonte: Arquivo pessoal do autor/ agosto de 2019.

O tema 2 da malha de saberes 1, que trata sobre os saberes da pesca artesanal, traz como protagonista da narrativa oral Almerindo Figueiredo Pinheiro (Seu Almerindo) de 81 anos, que, no fragmento da sua fala, demonstra um vasto saber sobre diversos tipos de pescaria e que tem conhecimento apenas dos ambientes pesqueiros que corresponde às ilhas próximas à comunidade de São João dos Ramos. A pesca com redes de malha⁶, curral⁷, pesca de anzol com

⁶ Redes de pesca são artefatos ou aparelhos para pescar, construídos principalmente com panos de rede, geralmente de fibras relativamente delgadas e com malha que considere o tamanho e espécies dos peixes ou mariscos que se pretendem capturar com elas.

⁷ O curral é um tipo de armadilha que utiliza o princípio do aprisionamento, ou seja, o peixe não consegue sair depois que chega ao seu interior, constituídos de varas de madeira, panagens ou pari de tala de inajá ou telas de náilon, redes e cabos de amarração, construídos em regiões de mar tranquilo e de baixa declividade, são divididos em espia, sala, chiqueiro e chiqueiro de matar. No município de São Caetano de Odivelas/PA, os formatos mais comuns são: curral de centro, curral enfia, curral cachimbo e curral piquiá. As madeiras mais utilizadas são: de mangue (*Rhizophora mangle* e *imbiriba* *Eschweilera ovata*); têm duração de cerca de 7

linha de mão⁸ e a pesca de camarão são saberes presentes na vida toda do seu Almerindo, um pescador que valorizou a sabedoria tradicional para sustentar sua família através da relação antrópica com os ambientes pesqueiros da Ilha Araçateua e seus arredores. Embora ele não tenha conhecimentos da pesca fora do seu raio de atuação, assegura que no seu território sabe tudo sobre a prática pesca.

Tais saberes tradicionais podem compor conteúdos didáticos a serem trabalhados em sala de aula com alunos nos anos finais do ensino fundamental. Neste sentido, esses saberes em diálogo com a ciência letrada serão incorporados como conteúdos transversais, pois, além da grande contribuição para a preservação das atividades tradicionais locais, transformam-se em indispensáveis elementos educacionais para a formação humana em observância às suas identidades culturais. Embora seu Almerindo não tenha estudado na escola sobre como pescar, seu maior conhecimento foi adquirido no seu modo de vida com as práticas de trabalho nos rios e manguezais.

Seu Almerindo bem que poderia atuar na sala de aula como mestre dos saberes tradicionais, como sugere José Jorge de Carvalho, em encontro de saberes, mas, como o objetivo da Pedagogia do Mangue não é apenas a inclusão da presença física nos ambientes escolares para diálogos com a ciência letrada, é necessário que o professor em um processo de contextualização desses saberes dominados por seu Almerindo seja democratizado e valorizado, como reitera Dantas (2013, p. 58): “O ensinar, nessa perspectiva, proporciona compreender a complexidade do sujeito inserido na sociedade, estimula o processo cognitivo e criativo, devido a representar o contexto social e a valorizar o conhecimento que os alunos trazem consigo, proporcionando uma troca de saber”. Embora a autora Vanda Maria Dantas não discorra em sua obra sobre a inclusão dos saberes tradicionais como temas transversais e interdisciplinares, como é o caso deste contexto, busca explorar esses conhecimentos tradicionais através da presença em caráter discente desses detentores dos saberes locais.

A construção de conhecimentos sistematizados a partir do diálogo com saberes tradicionais, especificamente de pescadores artesanais, adotando as narrativas e as memórias de práticas pouco utilizadas pelos pescadores atuais, pode configurar também o (re)enraizamento das tradições pesqueiras e suas características identitárias que atravessam centenas e milhares de anos, mesmo sofrendo fragmentações e reconfigurações pela

meses, atualmente para se construir um curral pequeno custa em torno de R\$ 3.000,00 (três mil reais).

⁸ É um artefato ou aparelho de pesca muito usado na captura de peixes do fundo, em pontos de pesca nos rios, bancos de areia, igarapés, ou em furos rasos. Geralmente são linhas plásticas ou náilons com anzóis tecidos em uma de suas extremidades, tendo uma extensão de aproximadamente 40 cm que abriga uma poita de chumbo que serve de ancoragem ou fixação no solo, no anzol são fígadas iscas feitas de sardinhas, camarão, lula etc.

influência das tecnologias existentes na modernidade. A importância de ouvir, registrar, socializar e analisar a voz do passado, como sustenta Paul Thompson, pode representar a imortalidade dos saberes locais e a garantia da manutenção da cultura para o tempo presente e para as gerações futuras.

Todos os tipos de pescaria praticadas por seu Almerindo ao longo de sua vida foram cruciais para criar seus 11 filhos, formá-los em um processo de ética e valores humanos, considerando suas tradições, pois os momentos em que seus filhos socializavam fora do ambiente escolar tornavam-se alunos de uma metodologia de saberes do mangue ensinadas em um processo contínuo de aprendizagem que passa de pai pra filho, uma espécie de “educação hereditária adquirida”. Mas é lógico que a provável ausência de conteúdos escolares que poderiam ter reforçado a formação identitária dos seus filhos no mundo letrado abriu uma lacuna na formação desses sujeitos, forçando-os, de certa forma, a buscar novas formas de sobrevivência em outros ambientes.

Com isso, a inclusão dos saberes tradicionais nas escolas de ensino fundamental, a priori no município de São Caetano de Odivelas/PA, deve levar em consideração as peculiaridades da sabedoria local como sustenta Dantas (2013, p. 55):

É primordial que as informações sobre as habilidades e competências das comunidades ribeirinhas trabalhadas na escola envolvam reflexão, tanto individual como coletiva, pois é esse exercício que permitirá a homens e mulheres se reconhecerem como sujeitos do seu contexto social e cultural, e, com essa certeza, poderão ser capazes de construir relações mais saudáveis e positivas no ambiente em que estão inseridos.

Considerando a narrativa do seu Almerindo, o aprender e o ensinar estão além das fronteiras escolares. Esta relação ocorre em diversos ambientes, mas os valores do que se ensina e do que se aprende estão presentes na essência do conhecimento, por isso, o saber tradicional dos pescadores artesanais baseia-se fundamentalmente nas interações com a biodiversidade do ambiente e suas práticas cotidianas. Na figura 14 a seguir, o pescador artesanal, Sr. Almerindo, ensina como fazer um curral para capturar peixes, desenhando na areia o formato do curral é a clara demonstração da pedagogia do mangue como metodologia de inclusão em sala de aula, por meio dos temas transversais como meio ambiente e pluralidade cultural por exemplo, é possível a contextualização desse saber fazer, uma proposta de interação com o aluno que vive o dia a dia essa realidade.

Figura 14



Fonte: Arquivo pessoal do autor/agosto de 2019).

No tema 3 da malha de saberes 1, que trata da ciência da pesca de curral, o pescador narrador dos saberes, Lourenço Macedo Rodrigues (seu Vavá) de 92 anos, no fragmento exposto nesta malha, fala sobre a ciência de marcar currais de pesca. Para ele, construir e colocar currais na água sem qualquer conhecimento é perda de tempo, pois existe uma série de técnicas que denomina de “ciência de marcar curral”⁹.

É notória, na fala do seu Vavá, a importância do saber e das estratégias para ser bem-sucedido na captura dos peixes. Além disso, trata esses saberes como pouco conhecidos na região, desta forma, seu principal destaque, quando ainda pescava, era marcar os currais no momento de colocá-lo na água. Atualmente, ele tenta passar esses conhecimentos para outras pessoas, embora muitos não acreditem no que ele fala, além desses conhecimentos sobre marcar currais, seu Vavá possui ampla sabedoria em outras formas de pesca que prefere denominar de ciências da pesca.

O conceito estabelecido para as práticas de pesca artesanal por seu Vavá como ciência da pesca pode ser entendido neste contexto como uma autovalorização dessas práticas frente ao descaso dos saberes locais para a sistematização da ciência letrada moderna, o que leva a entender que, apesar de ser um saber local que seu Vavá aprendeu há dezenas de anos, possui grande importância nos dias atuais e no futuro, considerando a escassez evolutiva na captura de

⁹ A ciência de marcar curral é um saber do pescador artesanal Lourenço Macedo Rodrigues (seu Vavá) de 92 anos. Segundo ele, ao construir o curral na beira do rio, é necessário observar durante uma ou duas horas de tempo por onde a correnteza passa, onde ela é mais forte, geralmente a correnteza é mais forte onde o rio é mais fundo, assim a enfiada do curral não pode ser tão pequena, pois existem pontos na beira do rio que são secos, e o depósito do curral precisa atingir a correnteza, depois que já estiver certa de que a correnteza passa por ali. Assim, o segundo passo é marcar o curral, enfiar a muruada de acordo com a correnteza da água, a medida da boca do curral tem que ser perfeita, nada pode sair torto, todos os compartimentos do curral devem seguir um alinhamento só, no momento em que se vai amarrar os cintados nos moirões, é preciso ter cuidado para não tirar as muruadas dos quadros, se sair dos quadros, não pega um peixe, principalmente das enfias que acompanham a correnteza previamente observada, se fizer isso, com bastante atenção, pode assentar curral em qualquer beira de rios, que vai pegar peixes. Para ele, são poucos pescadores, hoje, que sabem marcar um curral, pois não se interessam em aprender, acham que essas ciências são bobagens.

peixes nas regiões estuarinas. Esse saber narrativo da ciência de marcar o curral tem grande valor identitário local que pode configurar-se em conhecimentos sistematizados nas escolas, podendo, inclusive, preservar esses saberes pelas práticas atuais por meio de diálogo de saberes, como assegura Fernandes, (2011, p. 132) que “Sendo relativo a uma localidade, de outro modo nada impede que este saber possa e deva estar em diálogo com o conhecimento mais universal e científico”.

É neste entendimento que se abrem as alas da educação sistematizada para a inclusão dos saberes dos pescadores artesanais. São muitas ciências tradicionais armazenadas nas memórias e nas práticas da pesca, que ainda se encontram camufladas para o olhar dos condutores educacionais letrados. O fragmento da narrativa do seu Vavá faz um convite para que o mundo científico e os saberes locais dialoguem de igual para igual, em um processo de relações e encontro de saberes.

É valioso ressaltar nesse contexto que os saberes da pesca ou as ciências narradas por seu Vavá não provoca interesses para o mundo científico tecnológicos, físicos ou matemáticos, pois são saberes resultantes de todo um processo de vivências sociais e antropização nos ambientes de atuação. Neste sentido, busca integrar-se no mundo letrado por via interdisciplinar e transversal na área correspondente à das humanidades, como considera Fernandes (2011, p. 135), em que o “‘saber’ está mais afinado com as práticas das ciências humanas e sociais, marcadamente em contexto de pesquisas etnográficas e socioambientais”.

A narrativa em discussão, além de aguçar a possibilidade de encontro de saberes científicos e saberes tradicionais, ainda nos mostra como o pescador artesanal vive diretamente em sintonia com a natureza, que todas suas ações estão relacionadas com as dinâmicas naturais. Por isso, suas habilidades em observar o meio ambiente em tempo e espaço pode se considerar como um saber bionatural, em que todas as suas práticas dependem dos fatores biológicos e naturais para a manutenção da vida e suas interações com o meio.

A figura 15 abaixo, delinea o momento da narrativa oral, onde a transmissão dos saberes do mangue estão ocorrendo por meio de um diálogo entre o pesquisador e o pescador artesanal, nesta fotografia, Seu Vavá, na mesa da cozinha da sua residência, lugar onde gosta de conversar, me fala sobre as ciências da pesca, que são as estratégias que um pescador deve ter para conseguir capturar o pescado de forma mais precisa.

Figura 15



Fonte: Arquivo pessoal do autor/agosto de 2019.

TEMAS	NARRADOR	FRAGMENTOS	CONCEITOS	FIGURAS
4. A comunidade São João dos Ramos	Seu Almerindo Almerindo Figueiredo Pinheiro	<p>“Eh... o começo dessa vila foi o seguinte: foi um casal que veio da Vigia e se agradou daqui da ilha e trouxe a família pra cá. Dessa família, gerou os sete filhos que... eles... criaram, eh... desses sete filhos, foi dividido a vila em sete partilha, né... dessas partilha era de LauRINda, ClaRINda, QuiTÉria, IsaBEL, FranCISco, DOmingos e Lourenço. Lourenço era o último filho do casal. Inclusive, Lourenço era meu bisavô... [certo] e segundo a história que eles contavam,</p>	<p>COMUNIDADE DE PESCADORES ARTESANAIS</p> <p>“Nas primeiras décadas do século XX, a atividade pesqueira, antes vinculada à pequena produção assumiu, em algumas regiões, uma escala comercial de grande importância, como é o caso da pesca da sardinha por barcos que usavam uma grande rede de cerco”. Diegues (1999, p. 362)</p>	<p>Imagem 16 - Ortomosaico do vilarejo da Comunidade de São João dos Ramos no município de São Caetano de Odivelas/PA. Na Imagem 17, os focos de desmatamento</p>

		<p>era porque... eh... eles chegou, encontrou/ essa ilha aí era devoluta e ele se agradou e construiu a casa dele aí dentro dessa/ nessa casa que ele construiu, aí foi que foi gerando a família... e a família que gerou esses sete filhos, aí foi formando a vila”</p>		<p>no mangue estão circulados em vermelho, o lixão a céu aberto está circulado na cor azul.</p>
<p>5 - A Experiência do pescador artesanal por meio do saber e do fazer.</p>	<p>Seu Cloves Cloves Chagas Rodrigues</p>	<p>“BEM lá nesse igarapé, eu levantei... porque eu senti o CHEIRO da sardinha, o pituí da sardinha. O vento que tava batendo de lá eu senti, né. Eu levantei, fiquei olhando aquilo... (EI) leva nessa direção aqui, pode levar nessa direção... aí o cara olhou (...) / um bateu pro outro (OLHA, ele conhece. Ele sentiu alguma coisa) Eu escutei ele falar, né. Tá, aí quando chegou mais próximo assim, eu disse AMORTECE o motor, para mais a... a velocidade da lancha aí... baixa mais a velocidade do motor. Aí ele foi, baixou todinho. Quando eu olhei assim, a bichinha chega vinha NEGRA assim... escuro, né, mas aparecia claro mermo... no fundo do ar fala, salito... do jeito que é aqui (...) FUAAA (...) mermo</p>	<p>Interculturalidade e o saber tradicional do pescador artesanal.</p> <p>“estão pautados em diferentes formas de pensar, mas que podem ter pontos de contato, dada a natureza unitária das necessidades biofisiológicas humanas, mas que originam diversas soluções culturais, dado o caráter amplo e multifacetado das ações humanas na natureza, pelo viés da adaptabilidade das culturas”.</p> <p>Fernandes (2016, p. 57)</p>	<p>Figura 18 - Pescadores artesanais num processo intercultural de socialização do saber ao tratar peixe na rampa da comunidade de São João dos Ramos, uma espécie de ritual preparativo do avoadado.</p>

		o cardume que vinha, não pude nem embarcar de TÃO cheia que ficou a tarrafa”		
6. Pontos de pesca, pesqueiros ou ambientes pesqueiros.	Seu Cloves Cloves Chagas Rodrigues	“olha, aqui mesmo por perto da nossa comunidade, não precisa ir tão longe, o peixe vem pra perto, antes vinha mais, hoje devido muito curral ta secando e a comidia não entra, mas nos pesqueiros ainda dá alguns nas mortas, são 14 pesqueiros nas proximidades de São João dos Ramos que são: Macaca, Araçateua, Cavalos, Itapeua, Boto, Marinheiro, Sardinha, Ilha das onças (cú da onça), Nanã, Taperebá, Santana, Furo grande, Tapari e Mutucal”.	Saberes e patrimônios pesqueiros. a par dessa concepção tridimensional do espaço, há de se considerar o mar como <i>locus</i> privilegiado da reprodução social do pescador artesanal, onde a apropriação dos recursos pesqueiros se dá de forma indivisa. Embora essa apropriação não seja homogênea – realizando-se mediante o trabalho dos grupos pesqueiros – é possível configurar o mar como espaço de propriedade comum dos pescadores artesanais, do qual extraem sua sobrevivência, ainda que marcada por disputas, tensões e conflitos. Cunha (2003, p.71).	Figura 19 - Localização geográfica dos principais pesqueiros do município de São Caetano de Odivelas/PA. Imagem 6.2 - Figura 20 - Ortomosaico em escala de altura que identifica foco de assoreamento no rio maruipanema em frente a comunidade São João dos Ramos, distrito do município de São Caetano de Odivelas/PA.

Quadro 4: Malha de Saberes 2 – Comunidade tradicional, interculturalidade e etnossaberes na pesca e ambientes pesqueiros (Fonte: autoral).

A malha de saberes 2, a qual discute, neste contexto, comunidade tradicional como território de sociabilidade, construção de saberes, organização social, pluralidade cultural etc., enfatiza a interculturalidade e etnosaberes na pesca a partir dos saberes estratégicos dos pescadores para a captura do pescado e o domínio do território pelas demarcações dos ambientes pesqueiros. Os fragmentos retirados das narrativas orais dos pescadores locais

possibilitam uma análise endocultural dos pescadores artesanais do município de São Caetano de Odivelas por meio dos saberes e fazeres, fazendo sempre a inter-relação de uma pedagogia própria do lugar com processo de ensino e aprendizagem das ciências sociais letradas.

Nessa malha de saberes é possível a interligação das narrativas com o tema transversal *pluralidade cultural*, pois os saberes dos pescadores na prática da pesca e do ambiente que mora dá embasamento pedagógico para se trabalhar em sala de aula, dialogando interdisciplinarmente com o aluno a possibilidade do bem viver, o entendimento de que é preciso reconhecer a comunidade em que vive como plural e democrática, respeitando os diferentes grupos e culturas existentes no lugar.

Em sala de aula, as narrativas do saber do pescador, possibilita ao aluno compreender a diversidade cultural do seu lugar por meio das manifestações culturais como o boi de máscara e o festival do caranguejo, por exemplo, pode-se discutir também dentro dessas narrativas as características culturais e identitárias da sua comunidade, considerando questões relacionadas ao preconceito e discriminação, mas também reconhecer a riqueza do seu lugar representada pela diversidade etnocultural como patrimônio sociocultural.

Ainda retirar dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais neste tema apresentado nessa malha, que a escola deve ser o local de diálogo entre saberes, onde há a necessidade de aprender a conviver, veenciando a própria cultura e respeitando outras formas de expressão cultural. As narrativas dos três interlocutores são ferramentas pedagógicas para a elaboração de aulas interdisciplinares que podem instigar os alunos a despertar pelo interesse em conhecer mais profundamente sobre seu lugar.

O tema 4 da malha de saberes 2, que trata da comunidade São João dos Ramos¹⁰ como comunidade tradicional de pescadores artesanais, busca compreender, na narrativa oral do seu Almerindo, diversos fatores que ao longo do tempo transformaram este lugar em um território de relações socioeconômicas, políticas, religiosas e culturais. No fragmento narrado, seu Almerindo destaca muito bem uma ocupação mais recente da Ilha Araçateua, em relação à história de fundação do lugar datado de 1836, em sua fala cita diversos nomes de pessoas que (re)habitaram e reconstituíram uma comunidade de pescadores artesanais de forma mais organizada do ponto de vista da territorialidade¹¹, por intermédio das demarcações das terras que compreendem a Ilha Araçateua. Além disso, convida-nos a entender que algo muito

¹⁰ A comunidade de São João dos Ramos fica localizada na Ilha Araçateua à 5,3 km, aproximadamente, da sede do município de São Caetano de Odivelas/PA, criada como distrito do referido município pela lei estadual nº 2460, de 29-12-1961, é uma comunidade de pescadores fundada por volta de 1836 em função da Revolução Cabana.

¹¹ Territorialidade é um princípio de direito que permite estabelecer ou delimitar uma determinada área geográfica.

interessante do ponto de vista da sustentabilidade atraiu essas pessoas para ali morar, desenvolver-se social, política, econômica e culturalmente, um lugar escolhido pelas famílias citadas na narrativa do seu Almerindo incluindo seu bisavô, para prosperar e socializar-se por ali em sintonia com a natureza marinha.

Quando seu Almerindo fala que houve um certo agrado da família pelo lugar que compreende hoje a comunidade São João dos Ramos, faz-nos refletir sobre eventos de grande interesse econômico na época para famílias que viviam da pesca. Nesse contexto, Diegues (1999, p. 362) traz à tona que “Nas primeiras décadas do século XX, a atividade pesqueira, antes vinculada à pequena produção assumiu, em algumas regiões, uma escala comercial de grande importância, como é o caso da pesca da sardinha por barcos que usavam uma grande rede de cerco”. Essa dinâmica econômica provavelmente atingiu a região estuarina do salgado paraense onde se situa a comunidade em discussão, pois é uma região propícia para a captura de sardinhas em grande quantidade em determinada época do ano. Isso e outros fatores da biodiversidade local, talvez, tenham atraído a ocupação das terras araçateuenses.

A partir dessa análise, podemos afirmar que a formação da comunidade de São João dos Ramos está diretamente ligada a fatores econômicos e ambientais, que no decorrer dos anos foi se transformando num lugar de relações socioantropológicas e alvo de estudos para produção de conhecimentos científicos a partir das discussões centradas nas ciências sociais, em que, segundo Diegues, “aparece a preocupação em analisar as comunidades de pescadores como distintas das demais comunidades rurais que praticam a agricultura”. Nesta perspectiva, baseado nas características identitárias do lugar, nas palavras narradas por seu Almerindo, chama-se para discussão uma pedagogia ancorada nos saberes e fazeres dos pescadores dessa comunidade que, por meio da situação espacial, passe a incluir-se no processo de ensino e aprendizagem nas escolas, não apenas com objetivos do conhecimento geográfico, mas interdisciplinarizado.

São João dos Ramos, hoje como reconhecidamente lugar de pescadores artesanais, é um grande laboratório aberto de pesquisas científicas, que objetivam contribuir para discussões acadêmicas e acima de tudo construir alternativas viáveis de desenvolvimento local, na perspectiva de melhorias na vida das pessoas que moram e comunicam-se entre si e com os outros nesses ambientes. Considerando as narrativas do seu Almerindo sobre a comunidade, e na argumentação científica de Diegues (1999, p. 370), possui características que envolve fundamentalmente a vida marítima dos seus moradores

Entre as principais características responsáveis pela diversidade das

sociedades marítimas estão a valorização positiva ou negativa do mar, o modo de organização econômica e social, o lugar reservado às atividades pesqueiras na economia, o modo de integração das comunidades litorâneas na sociedade mais ampla e o caráter simbólico das relações com o mar.

Hoje, a comunidade possui uma organização social que pode até servir de exemplo para as demais no seu entorno. Como é um lugar cercado por manguezais, rios e mar, com limite territorial controlado, o processo de educação ambiental e sensibilização dos seus moradores em relação à preservação é uma forma de diálogo de saberes que ocorre entre escola e comunidade pesqueira ou extrativista sem qualquer intenção de inclusão nas discussões da prática de ensino em sala de aula. Mesmo assim, ainda é possível visualizar focos de armazenamento de lixo a céu aberto e pontos de desmatamento no anel de manguezal do vilarejo. No ortomosaico¹² capturado pelo Drone¹³, durante a pesquisa de campo, destacam-se tais problemas existentes e possíveis de serem solucionados na comunidade.

A partir desse estudo de observação do lugar pesquisado, a escola tem o papel fundamental de contextualizar a realidade ambiental, por meio do tema transversal meio ambiente, onde pode-se discutir o processo de antropização dos manguezais em seus diversos entendimentos, compreendendo que a relação dos seus moradores com os recursos naturais disponíveis nesse ambiente, devem concentrar-se prioritariamente para a sustentabilidade e qualidade de vida das pessoas. Nesse entendimento, a formação do sujeito que mora e vive dos manguezais precisa está diretamente sintonizada com a conscientização da preservação do seu bioma.

A figura 16 em seguida, é um Ortomozaico do vilarejo da comunidade São João dos Ramos, construído a partir do mapeamento aéreo, utilizando-se para este fim, um drone multirrotor, modelo Phantom 4 Pro, da fabricante DJI, este equipamento está devidamente registrado na Agência Nacional de Aviação Civil – ANAC, os Vôos para a captação das imagens ocorreram em 3 de dezembro de 2019, com a autorização do DECEA- Departamento de Controle do Espaço Aéreo. Observa-se na fotografia uma vila totalmente cercada por rio e manguezais.

¹² Ortomomosaico é um conjunto de diversas fotos como se fosse um quebra-cabeça montado a partir das ortofotos que forma a foto-alvo, geralmente utilizadas em representação cartográfica, permitindo uma visualização completa da área mapeada com os drones.

¹³ Drone é um veículo aéreo não tripulado (VANT ou Drone), modelo utilizado para captura da imagem: multirrotor, modelo Phantom 4 Pro, da fabricante DJI.

Figura 16



Fonte: Arquivo pessoal do autor/Dezembro de 2019.

Com a inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais e dos estudos de observação das áreas de manguezais das comunidades, a escola deve discutir pedagogicamente com os alunos, sobre o processo de devastação e desequilíbrio ambiental existentes em áreas de mangues, de posse da interdisciplinaridade é um tema de grande relevância para sensibilizar os moradores desse ambiente sobre a importância de evitar a prática de danos ambientais nestes habitat's.

A aplicação dos temas transversais nas escolas, a partir da realidade local, podem contribuir significativamente para a diminuição das práticas antrópicas de devastação das áreas de manguezais, pois mesmo que esse processo ocorra de forma lenta, existe uma certeza de que a maioria dos alunos contemplados com essa formação são passíveis de transformação do seu meio ambiente. Neste sentido, mostrar a realidade sob a ótica da responsabilidade ambiental e dialogar sobre esses temas tão relevantes para a comunidade é sem dúvida uma forma de valorizar e incluir os acontecimentos cotidianos do lugar no espaço escolar.

A figura 17 abaixo pode se configurar como recurso pedagógico de grande valia para o delinear das aulas interdisciplinares na escola, a fotografia capturada por

Drone, identificam focos de desmatamento no meio do manguezal da comunidade de São João dos Ramos, observa-se nessa imagem aérea, círculos vermelhos, indicando que ocorrem ações de devastação dessa floresta. O círculo amarelo, mostra um lixão a céu aberto no entorno da vila e muito próximo dos habitats dos caranguejos, com as constantes chuvas, os riscos de contaminação dos caranguejos pelo acúmulo de lixo é inevitável, o que pode ocasionar problemas de saúde para a população que se alimenta dos recursos naturais advindos dos manguezais.

Figura 17



Fonte: arquivo pessoal do autor/ /dezembro de 2019.

O tema 5 desta malha de saber 2, considerando a narrativa oral do Seu Cloves, discorre nessa análise e discussão sobre a experiência do pescador artesanal por meio do saber e do fazer, neste contexto a interculturalidade e etnosaberes, caracterizados na vida cotidiana e nas habilidades das práticas pesqueiras, tendem a fortalecer a inclusão desses saberes nas ciências sistematizadas do conhecimento. No fragmento da narrativa, Seu Cloves conta uma história verídica quando capturou uma quantidade significativa de sardinhas em um igarapé, próximo da comunidade de São João dos Ramos, usando-se da habilidade de conhecedor do tempo e do espaço do ambiente pesqueiro, sentindo pelo cheiro do vento e pelo movimento e cor da água.

Na ocasião, ele decifrou um cardume de sardinhas a uma considerável distância e, como também possui a prática da pesca com tarrafa¹⁴, lançou-a sobre o cardume que já previa estar naquele local, obtendo sucesso pela quantidade pescada.

Olhar e ver para o pescador artesanal experiente tem diferenças, pois simplesmente olhar a natureza, sem senti-la, incorporá-la, tornar-se parte dela, não se pode ter uma visão profunda do que existe imerso na sua biodiversidade, mas quando se propõe a ver, sem dúvidas, se tem uma visão privilegiada e dominante do espaço. Para isso, é necessário um profundo aprendizado dos saberes locais que perpassa pelos fatores interculturais, os quais, para Fernandes (2016, p. 57), “estão pautados em diferentes formas de pensar, mas que podem ter pontos de contato, dada a natureza unitária das necessidades biofisiológicas humanas, mas que originam diversas soluções culturais, dado o caráter amplo e multifacetado das ações humanas na natureza, pelo viés da adaptabilidade das culturas”, esse pensamento explica de forma racional a habilidade do seu Cloves no momento em que previa a presença das sardinhas camufladas no seu habitat.

A impressionante habilidade atribuída à experiência do seu Cloves é um saber herdado ao longo da sua convivência com a prática da pesca, sua relação com o meio ambiente e socialização com os demais sujeitos pescadores do seu raio de atuação. Outro elemento importantíssimo para a aquisição de saberes como este são as experiências contadas pelos pescadores mais velhos que ainda guardam na memória uma vasta sabedoria até então não considerada pela prática da pesca moderna. Tais saberes tradicionais neste processo de transmissão durante o cotidiano precisam ser valorizados e inclusos em uma discussão mais ampla na sociedade que, a princípio, sugere-se nos espaços didáticos escolares.

Na narrativa, seu Cloves fala que outras pessoas que estavam com ele no local da pescaria com tarrafa se assustaram com a previsão feita por ele, pois talvez jamais poderiam compreender um saber existente no âmago da identidade cultural do pescador experiente e sábio, mas que, por meio de diálogos e compartilhamento de saberes, podem ser transmitidos para o outro, seja pela convivência ou por meio da prática do dia a dia, da vida nos rios e manguezais. A experiência de um sábio pescador em seu ambiente de atuação tem muito a ver com a identidade do lugar, com a geografia, com o constante contato com aquele ambiente etc. Essas características estão inteiramente ligadas a sua cultura local, mesmo que ela seja composta de outras culturas em um processo de crioulização, sustentada por Fernandes (2016,

¹⁴ Tarrafa é uma rede de pesca circular com pequenos pesos distribuídos em torno de toda a circunferência da malha. Ela é arremessada geralmente com as mãos, de tal maneira que se abra o máximo possível antes de cair na água. Ao entrar em contato com a água, a rede afunda imediatamente bloqueando a saída dos peixes.

p. 59), quando afirma que “se existe a necessidade de se afirmar a identidade raiz, pautada em visão atávica da cultura de origem, existe também as culturas compósitas, oriundas de um processo contínuo de criouliização¹⁵”.

Considerando esses argumentos, pode-se considerar que os saberes e fazeres dos pescadores artesanais, demonstrados na narrativa do seu Cloves e dos outros pescadores participantes deste estudo científico, podem ser discutidos em sala de aula, em um processo de contextualização dos conteúdos gerais da base curricular com a realidade local, sem a necessidade disciplinar na discussão desses saberes. Nesse contexto, o professor precisa considerar o espaço onde está inserida a escola e, a partir daí, se apropriar da interculturalidade e dos etnosaberes presentes no conteúdo de origem tradicional para a obtenção do sucesso da prática de ensino e aprendizagem.

Na figura 18 a seguir, pode-se observar pescadores artesanais em um processo intercultural e de socialização do saber. Pois no mesmo instante em que chegam da pescaria, alí mesmo na rampa de desembarque da comunidade de São João dos Ramos, preparam o peixe como uma espécie de ritual para o grande ¹⁶avuado.

Figura 18



Fonte: Arquivo pessoal do autor/ março de 2019.

¹⁵ Segundo Glissant, autor martinicano criador do mesmo, criouliização implica processo de desterritorialização, desaculturação e resignificação sofridos pelas várias etnias negras, vindas nos navios negreiros e lançadas às plantações como escravos, com línguas e hábitos diferentes, sendo estas etnias despojadas de todos os elementos de suas práticas e saberes cotidianos, e principalmente de sua língua (FERNANDES, 2016, p. 59).

¹⁶ Comer peixe assado no chão com farinha de mandioca, pimenta, sal e limão, onde muitos pescadores de forma coletiva se alimentam sem uso de utensílios de cozinha, geralmente comem muito rápido.

Pontos de pesca, pesqueiros ou ambientes pesqueiros são o 6º tema a ser discutido dentro da malha de saberes 2, baseado principalmente no fragmento narrado por seu Cloves, em que, por intermédio da convivência com os ambientes pesqueiros, discrimina os principais locais para a prática da pescaria nas marés de mortas¹⁷, nestes ambientes apenas a pesca com linha de mão são recomendadas. Além da pesca artesanal, esses pesqueiros são muito frequentados pela pesca esportiva. A descoberta desses pesqueiros ao longo de muitos anos contou com a sabedoria do pescador artesanal, em sintonia com a natureza, pela observação do espaço e tempo que envolve as dinâmicas de marés. Nessa perspectiva, foi possível catalogar os pontos mais frequentados pelos cardumes de diversas espécies em São Caetano de Odivelas/PA.

No mapa abaixo, seu Cloves aponta os principais pesqueiros, como: Macaca, Araçateua, Cavalos, Itapeua, Boto, Marinheiro, Sardinha, Ilha das Onças (cú da onça), Nanã, Taperebá, Santana, Furo Grande, Tapari e Mutucal. Esses lugares estratégicos para a prática da pesca com linha de mão tornaram-se territórios conflituosos entre pescadores artesanais nativos e pescadores esportistas, pois a prática da pesca esportiva na região ganhou força nos últimos anos devido à geração de emprego alternativo por meio da categoria de piloteiros¹⁸. Apesar do consentimento das comunidades pesqueiras em relação à exploração desses pesqueiros por pessoas que não moram nestes lugares, os pesqueiros existentes, principalmente nessa região que compreende as proximidades com a sede do município de São Caetano e com a Comunidade de São João dos Ramos, são considerados como patrimônio pesqueiro local, os quais resistem às influências da modernidade.

Neste contexto, os pesqueiros podem ser dialogados nas escolas como conteúdo transversal e interdisciplinar, explorando diversos fatores que envolve cultura, saberes locais, sustentabilidade, territorialidade, conflitos etc. Além disso, é importante frisar que as áreas que compreendem os pesqueiros são ambientes de ocupação tradicional dos pescadores artesanais, em que Cunha (2003, p. 71) sustenta que

a par dessa concepção tridimensional do espaço, há de se considerar o mar como locus privilegiado da reprodução social do pescador artesanal, onde a apropriação dos recursos pesqueiros se dá de forma indivisa. Embora essa apropriação não seja homogênea – realizando-se mediante o trabalho dos grupos pesqueiros – é possível configurar o mar como espaço de propriedade comum dos pescadores artesanais, do qual extraem sua sobrevivência, ainda

¹⁷ Maré com menor amplitude que ocorre quando a Lua está em quadratura com o Sol, isto é, durante o quarto crescente e o quarto minguante, nesse período a água fica mais clara.

¹⁸ Piloteiros são motoristas de lanchas de pequeno porte com motor de popa, tipo voadeira, na maioria dos casos de sua propriedade, que por conhecerem os pesqueiros, levam pescadores esportistas e turistas para praticarem a pesca nas marés de mortas, o serviço prestado são cobrados em forma de diárias.

que marcada por disputas, tensões e conflitos.

No trecho narrado por seu Cloves, disponível nessa malha de saberes, ainda se percebe a preocupação do pescador com a diminuição da produção de pescado nos pontos de pesca e em outros lugares próximos a comunidade. Na concepção dele, isso tem relação com a intensificação da pesca esportiva no local, mas que o maior problema está relacionado ao assoreamento dos rios que separam as ilhas litorâneas onde se inclui a ilha Araçateua. Para seu Cloves, o aumento de assentos de currais nas margens das ilhas provoca a formação de bancos de areia na “boca” dos rios, impedindo dessa forma a entrada de sardinhas e mexilhões, tipos de mariscos que atraem peixes de diversas espécies. Esse entendimento do pescador reafirma a análise de Cunha (2003, p. 72), ao assegurar que “no contexto da relação sociedade-natureza, típica do universo dos caiçaras¹⁹, é possível evidenciar mecanismos de ordem natural”. De fato, seu Cloves pode ter razão na sua fala, pois no ortomosaico (imagem abaixo) realizado em 3 de dezembro de 2019, durante etapa de observação da pesquisa de campo deste estudo, é visível o assoreamento de grande parte do rio Maruimpanema que passa na frente da comunidade de São João dos Ramos.

A discussão sob a análise dos discursos expostos na narrativa do seu Cloves não se configura, neste contexto, em detalhar geograficamente os pontos de pesca existentes no entorno da comunidade de São João dos Ramos, mas busca aprofundar-se em uma discussão de caráter pedagógico do saber local, abrindo-se possibilidades de interação com o mundo letrado por meio de temas transversais, confrontando a visão eurocêntrica e desprezível do saber tradicional, como sustenta Cunha (2003, p. 74), ao discorrer teoricamente

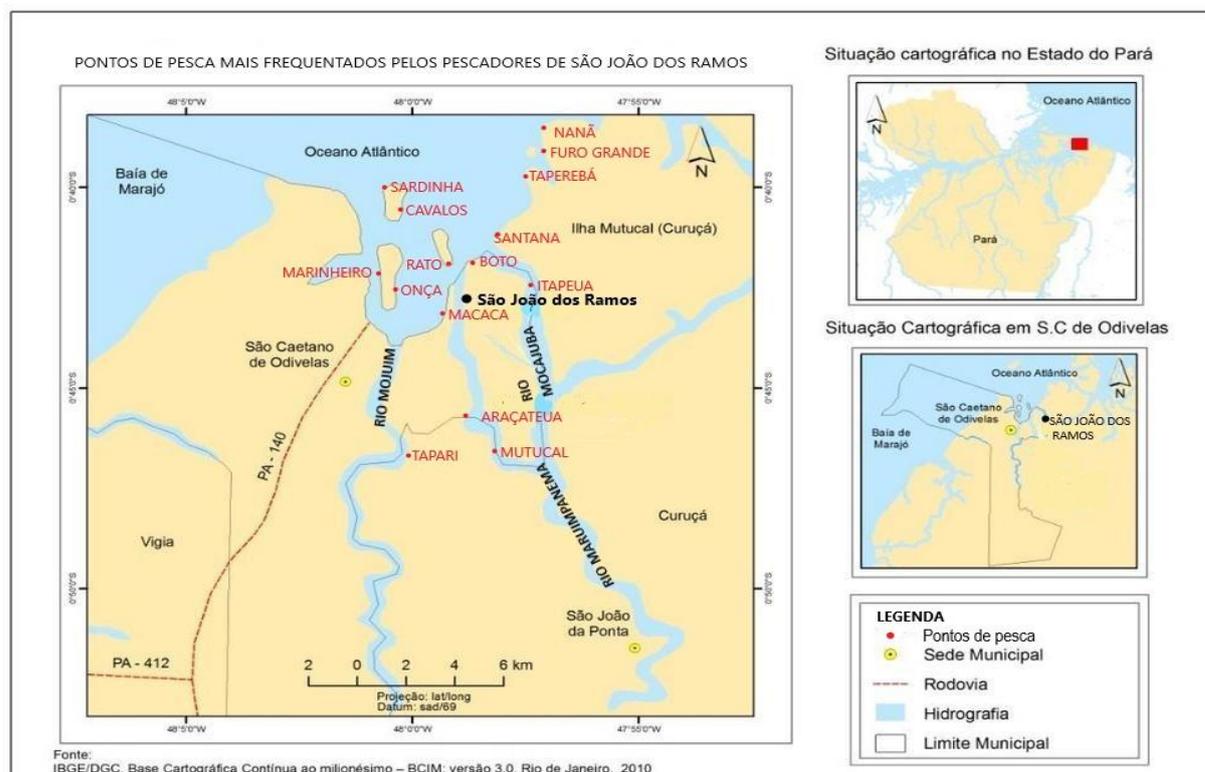
que [o que] se pretende realçar aqui é que, afora o valor em si dos saberes patrimoniais, eles não podem ser vistos como expressões congeladas – meras representações do passado. Tal maneira de pensar se insere na lógica ocidental, que elege a si própria, de modo absoluto, como a única expressão da razão – a medida de todas as coisas –, atribuindo às outras formas societárias um pensamento pré-lógico, inferior e irracional.

A figura 19 abaixo, é um mapa do município de São Caetano de Odivelas, que identifica os pontos de pesca ou pesqueiros (palavras na cor vermelha), são os mais frequentados pelos pescadores artesanais da comunidade de São João dos Ramos, são tidos

¹⁹ Habitantes tradicionais do litoral das regiões Sudeste e Sul do Brasil, formados a partir da miscigenação entre índios, brancos e negros e que têm, em sua cultura, a pesca artesanal, a agricultura, a caça, o extrativismo vegetal, o artesanato e, mais recentemente, o ecoturismo. Na região do nordeste do Pará, conhecida como salgado paraense, caiçaras são os pescadores artesanais.

como patrimônio natural dos moradores desse município, apesar de servir como fonte de sustentabilidade local, esses pontos são bastantes frequentados por pescadores profissionais na prática da pesca esportiva, tipo de ação que pode ser favorável para o turismo local, mas trazem incômodos aos pescadores artesanais, pois reclamam da falta de conscientização de grande parte daqueles que vem de fora pescar, não seguem as normas de preservação e acabam prejudicando os pescadores que vivem do lugar.

Figura 19

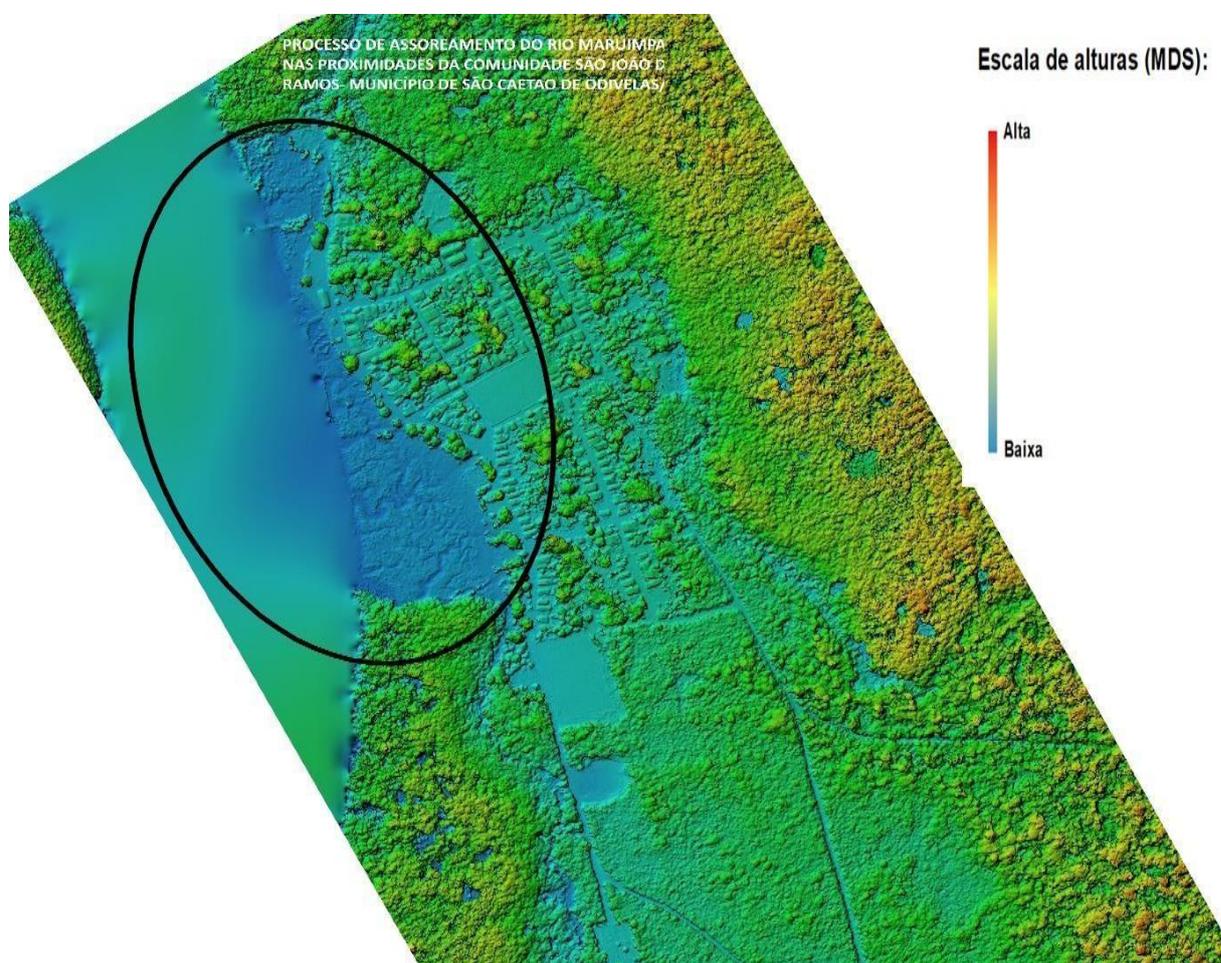


Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+pol%C3%8Dtico+de+s%C3%83o+caetano+de+odivelas/Edita+do+autor/+em+outubro+de+2019>.

Para assentar o curral, os pescadores artesanais utilizam pedras ou sacos com areia para evitar que os peixes escapem do depósito (um dos compartimentos do curral) isso provoca acúmulo de sedimentos e formação de bancos de areia nas proximidades desses currais, o rio maruimpanema que passa em frente a Vila de São João dos Ramos, vem sofrendo essa ação antrópica por décadas com isso, é possível entender que o rio está secando a cada ano, segundo alguns pescadores da localidade, diversas espécies de peixes não são mais pescados nesse rio, pois acreditam que o volume de água não é suficiente para a entrada de tais espécies nesse rio.

A figura 20 a seguir, é um ortomosaico em escala de altura que identifica foco de assoreamento no rio Marupanema em frente à comunidade São João dos Ramos, observa-se na região envolvida por um círculo de cor preta, que o leito do rio está mais próximo da superfície. distrito do município de São Caetano de Odivelas/PA. Esta imagem foi construída a partir de mapeamento aéreo com drone multirrotor, modelo Phantom 4 Pro, da fabricante DJI, equipamento registrado na Agência Nacional de Aviação Civil- ANAC. Vôo realizado em 03 de dezembro de 2019 com autorização do DECEA - Departamento de Controle do Espaço Aéreo, Editado pelo autor/dezembro de 2019.

Figura 20



Fonte: arquivo pessoal do autor/ dezembro de 2019.

TEMAS	NARRADOR	FRAGMENTOS	CONCEITOS	IMAGENS
7. Encontro do saber do pescador artesanal com o saber científico letrado	SEU VAVÁ Lourenço Macedo Rodrigues	<p>“quando o peixe esbarra, ele não se afoba, quanto mais o peixe esbarra malmente no anzol, lá no fundo, ele enterra, ele não pega, ele deixa, ele bate a segunda vez, a terceira vez ele bate, ele não vê ferrar, o peixe grande é (manhoso), ele faz isso, peixe mais graúdo. Aí ele/ da terceira porrada ele vê que não ferra, ele agarra, COME a isca só dum porrada, quando ele come, aí quando o cara ferra, aí/ É DIFÍCIL ele errar o peixe, o peixe come pra valer aí ele só faz escorar (RISOS) (...) agora ele num passa a ciência/ o pescador tem isso, ele/ as ciência melhor ele não conta, é tipo a onça, né, ela ensinou tudo pro gato, mas ela não ensinou descer de cabeça pra baixo, que ele não é besta (RISOS) então o pescador é assim”.</p>	<p>Encontro de Saberes</p> <p>La propuesta del Encuentro de Saberes y sus experiencias hasta ahora pioneras no pretenden para nada convertirse en una fórmula. Lo fundamental es suscitar distintas posibilidades de inclusiones pedagógicas dentro de un espacio epistémicamente diverso y anclado a los saberes locales tradicionales. De Carvalho (2013, p. 145)</p>	<p>Figura 21-</p> <p>Crianças pescando siri na rampa da comunidade de São João dos Ramos, uma prática do cotidiano que indetificamente o lugar em um processo de transmissão do saber local.</p>
8 - Diálogo com saberes do mangue e sua contribuição para as ciências sociais.	Seu Almerindo Almerindo Figueiredo Pinheiro	<p>“a safra era de MAIO a JULHO, que dava muito peixe aqui pra gente. NA ÉPOCA, a gente botava o curral, a gente pegava quatrocentos, quinhentos quilos de peixe por maré. Huje em dia, quando o cara pega cinco quilo de peixe, ele acha que tá pegando muito. Já teve ÉPOCA deu me ver no meio de muito peixe. Xaréu, quando dava, era oitocentos, seiscentos quilos de xaréu que a gente tirava do curral, enchia um bate/ eu tinha um batelão que era um casco grande a gente chamava batelão pegava</p>	<p>Diálogo entre saberes.</p> <p>aprendí en la práctica sobre diferencias, tensiones y relaciones entre oralidad y escritura, como también sobre modalidades de aprendizaje situado y en la práctica. También aprendí a escuchar y a tratar de co-construir formas concretas de trabajo en</p>	<p>Figura 22 –</p> <p>Seu Almerindo no momento de entrevista, narrando experiências vividas na prática da pesca artesanal.</p>

		uns mil e duzentos quilos de peixe, teve vez da gente encher ele de peixe, só tirava de rede do curral e metia o calão da rede, virava assim, enchia e derramava no... dava duas, três redadas e saía pra geleira”	colaboración, con personas y organizaciones que formaban parte de espacios socio-culturales muy diferentes del académico, y frecuentemente también del urban. Mato, (2017, p. 12)	
9. A relação entre pedagogia do mangue e o conhecimento científico escolar	Seu Cloves Cloves Chagas Rodrigues	“nesse período também a gente já trabalhava com o papai no curral, e... ia pra mata aí, que havia lá na... tinha bastante mata aqui, né, na ilha, a gente cortava os materiais aqui mermo, conseguia o material aqui mermo pra colocar os nossos currais. Era... a madeira pra fazer a muruada, os ramos, né, as estacas, como se chama, tirava o cinTado, pra cintar o curral tudinho, atracar, tirava o TAlô pra fazer... e pra tecer os paredes que era pra cercar o curral, tudo aqui na... na nossa região mermo a gente tirava”.	Relação entre Saber e Conhecimento	Figura 23 - Pescador artesanal com materiais necessários para construção de curral, recurso bastante escasso nos manguezais das proximidades da comunidade.

Quadro 5: Malha de Saberes 3 – Pedagogia do mangue em narrativas: Encontro e diálogo de saberes (Fonte: autoral).

A malha de saberes 3 abre ampla discussão mediante narrativas orais com foco na pedagogia do mangue mergulhada em narrativas orais, por meio de encontros e diálogos de saberes que considera a valorização e inclusão dos saberes e fazeres tradicionais no espaço escolar. Tem relação direta também com o tema transversal Meio Ambiente, ao tratar de uma grande rede de seres interligados ao ambiente de atuação, as narrativas dos interlocutores direcionam para diversos aspectos que envolve conjuntos de seres vivos e elementos físicos dos manguezais de São Caetano de Odivelas. Para cada pescador em seu ambiente de atuação existe um espaço ao seu redor com todos os elementos naturais interligados que com ele interagem, o conjunto de todos esses elementos é o seu meio ambiente.

Assim, se faz necessário inserir todo esse mundo de diversidade em sala de aula, num

processo de ensino e aprendizagem, o diálogo dos saberes trarão ao aluno a compreensão dos conceitos de manguezais, dos ciclos na natureza que envolve as dinâmicas das marés, das chuvas, das fases da lua, da composição paisagística do mangue, da sustentabilidade local por meio dos recursos naturais encontrados nos manguezais, das práticas das pescarias, da coleta do caranguejo, conhecimentos das legislações ambientais locais, dos diálogos sobre a Reserva extrativista, etc. Todos esses subtemas estão diretamente voltados aos saberes e fazeres tradicionais que podem ser incorporados de forma interdisciplinar em sala de aula.

|O tema transversal meio ambiente, não trata somente de aspectos físicos e biológicos, por isso o saber e o fazer do pescador e sua relação com o meio que atua deve ser considerado neste contexto, pois as relações estabelecidas envolvem questões sociais, econômicas e culturais, o processo de antropização dos manguezais constitui todo o processo histórico do município de São Caetano de Odivelas, através das modificações desses ambientes naturais, criou-se a identidade cultural do lugar e se estabeleceram relações econômicas. As narrativas do Seu Almerindo, Cloves e Vavá, sintetizam muito bem essas relações do homem com a natureza.

Trabalhar transversalmente o mangue odivelense nas escolas, é abrir um grande leque de conhecimentos sobre o lugar, os modos de vida das pessoas, as práticas diárias, as relações comerciais, a qualidade de vida das pessoas, o crescimento cultural e o equilíbrio ambiental. Neste mesmo contexto, partindo dos diálogos dos saberes o aluno será capaz de se interessar por políticas de proteção ambiental e a escola terá a oportunidade de formar cidadão com consciência ambiental e uma geração futura com um olhar mais crítico e reflexivo sobre a importância e riquezas do seu próprio lugar.

Assim, o tema 7, que discorre sobre encontro do saber do pescador artesanal com o saber científico letrado, concentra-se neste contexto no fragmento narrativo do seu Vavá, o qual conta as estratégias para capturar o melhor pescado do cardume através da sua experiência na prática pesqueira que prefere chamar de ciência da pesca com linha de mão. Essa “ciência” adquirida ao longo de sua vida como pescador artesanal ocorreu involuntariamente por meio de uma “pedagogia do saber tradicional” ancorada em princípios fundamentais da organização social comunitária, como valores, interculturalidade, interação com a natureza e seus fenômenos.

A ciência universal, presente principalmente na engenharia de pesca e outros ramos do conhecimento, possui técnicas de pesca com linha de mão que talvez não se aproximem do que é narrado por seu Vavá, tanto as discussões que envolvem a prática pesqueira como outros conteúdos relacionados ao assunto. Nesse sentido, a prática docente baseada em bases curriculares pré-estabelecidas que envolvem as diversas modalidades de ensino da educação básica e principalmente no ensino superior, historicamente, opta por desprezar saberes como estes narrados por seu Vavá, em função de um conhecimento sistematizado em caráter eurocêntrico e colonialista, numa visão meramente simplista do cumprimento normativo e padronizado da educação brasileira como sustenta De Carvalho (2013, p. 142)

nuestras universidades funcionan como instituciones neocoloniales al aceptar la jerarquía de conocimiento basada en el saber académico europeo que durante cinco siglos de dominación occidental ha descalificado, censurado y excluido saberes ancestrales indígenas, africanos, y de otros pueblos tradicionales.

Mesmo que, na narrativa, seu Vavá deixe claro que o pescador artesanal é um sujeito esperto e não ensina tudo o que aprendeu, comparando inclusive a relação de ensino e aprendizagem de um animal selvagem com um animal doméstico, isso não se configura como um obstáculo para o encontro do saber tradicional com o saber local. Se fomos fazer uma analogia na narrativa do seu Vavá, dizemos que a onça, com seu saber extraordinário em descer de uma árvore de cabeça para baixo, representa o pescador artesanal em sua grande sabedoria no seu ambiente de atuação, já o gado que muito pôde aprender com a onça, mas não tudo, representa o conhecimento científico letrado. Neste sentido, esse discurso se configura como resistência e autovalorização do saber local frente ao desprezo dos conhecimentos científicos sistematizados.

Por isso, a inclusão dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais como os aqui narrados por seu Vavá e outros narradores, no espaço escolar da educação básica e até do ensino superior, deve buscar discussões fundamentadas no encontro desses saberes, por meio de seminários, aulas interativas, mesas redondas, oficinas pedagógicas que envolvam saberes e conhecimentos etc. Esses encontros de saberes ou a inclusão da pedagogia tradicional do mangue no ensino fundamental, por exemplo, não é uma proposta curricular e substitutiva, que se configure como fórmula para resolver todos os problemas educacionais do país, mas como forma de reconhecimento dos saberes locais reconsiderados por De Carvalho (2013, p. 145), quando afirma que

La propuesta del Encuentro de Saberes y sus experiencias hasta ahora pioneras no pretenden para nada convertirse en una fórmula. Lo fundamental es suscitar distintas posibilidades de inclusiones pedagógicas dentro de un espacio epistémicamente diverso y anclado a los saberes locales tradicionales.

No fragmento narrado por seu Vavá, ainda é possível sentir nas palavras dele, quando diz que o pescador não ensina tudo o que sabe, que não significa que ele nega transmitir esses saberes para as gerações futuras, mas como um discurso simbólico de proteção aos recursos sustentáveis disponíveis no seu ambiente de atuação, ou seja, não arrisca comprometer seu patrimônio natural através do esgotamento acelerado. A prova concreta de que não se isola em seus saberes, que compartilhou essas ciências da pesca por meio da narrativa oral.

A ciência da pesca com a linha de mão e outras ciências existentes na memória do seu Vavá são, sem dúvidas, saberes essenciais a serem pautados em diversos encontros de saberes, com o objetivo de valorizá-los e incluí-los na prática de ensino regidas pedagogicamente nas escolas e até universidades.

A figura 21 na sequência, mostra duas Crianças pescando siri na rampa da comunidade de São João dos Ramos, uma prática do cotidiano que identifica interculturalmente o lugar em um processo de transmissão do saber local.

Figura 21



Fonte: Arquivo de fotografias pessoal do autor/abril de 2019.

A temática 8, discriminada nesta terceira malha de saberes, traz em sua bagagem de discussão diálogo com saberes do mangue e suas contribuições para as ciências sociais. Tais diálogos envolvem questões interculturais, em que os pescadores artesanais socializam seus saberes frente ao conhecimento científico sistemático, com o intuito de homogeneizar ensino e aprendizado capaz de formar cidadãos esclarecidos acerca das questões sociais sem perder de vista suas raízes culturais e identidade. Neste contexto, Mato (2017, p. 10, grifos do autor) diz que prefere

“diálogo intercultural”, o bien “relaciones interculturales”, porque esos “saberes” corresponden a actores productores/ portadores de “culturas” diferentes entre sí. Según los casos, las diferencias entre esas “culturas” pueden estar asociadas a diversos tipos de referentes: étnicos, territoriales, ideológicos, profesionales, ocupacionales, institucionales, de género, de clase, de generación, u otros que resultan significativos según los encuentros e intercambios en cuestión.

É neste viés que se caracteriza a pedagogia do mangue em relação às ciências sociais, atuando como formação tanto na educação básica como nas universidades. O trecho narrativo disponível nesta 3ª malha de saberes é uma fala do seu Almerindo, que traz lá do seu passado eventos de grandeza em relação à fartura de peixes na região que compreende a comunidade de São João dos Ramos e outras comunidades próximas, pois a quantidade narrada por ele impressiona quando se tem a ideia do que seja a pesca artesanal. Além disso, destaca os tipos de canoas e armadilhas utilizadas para a realização da atividade pesqueira. Na análise desse trecho narrativo, encontra-se também a comparação da produção da pescaria do tempo passado para o tempo presente, em que o narrador destaca que o pescador de hoje, quando pega apenas cinco quilos de peixe acha que fez uma grande pescaria, entende-se neste sentido o possível esgotamento desses recursos sustentáveis na região.

O saber do seu Almerindo sobre a trajetória da pesca nos rios de Odivelas aguça o interesse de diálogo com o conhecimento científico, uma conversa entre ciência e saberes tradicionais que pode contribuir para projetar ações de preservação dos ambientes marinhos, controle das práticas extrativistas, criação de instituições que defendam valores e identidades interculturais locais, efetivação ou inclusão dessas discussões em âmbito escolar, entre outras atividades de interesse social que visem à melhoria e à qualidade da vida dos moradores do mangue e inestimáveis conhecimentos de cunho acadêmico.

O saber tradicional do pescador artesanal ou de qualquer outra categoria, seja por meio da sua prática no trabalho, pela história oral, ou pela escrita, tem grande importância na

construção e reconstrução da sociedade e na evolução das ciências. Embora os saberes tradicionais exemplificados, inclusive nesse trecho narrativo do seu Almerindo, sejam ignorados pela estrutura padrão do conhecimento sistematizado, pouco a pouco vão ganhando espaço principalmente nas discussões teóricas e das práticas acadêmicas, principalmente na área das humanidades. Isso ocorre, pois o diálogo com esses saberes a partir da convivência com seus sujeitos tem aproximado cada vez mais os pesquisadores de pensamento antropológicos e humanitários dos diversos grupos sociais. Essa relação resulta em ensino e aprendizagem recíproco com experiências extraordinárias como vivenciada por Mato (2017, p. 12), o qual afirma:

aprendí en la práctica sobre diferencias, tensiones y relaciones entre oralidad y escritura, como también sobre modalidades de aprendizaje situado y en la práctica. También aprendí a escuchar y a tratar de co-construir formas concretas de trabajo en colaboración, con personas y organizaciones que formaban parte de espacios socio-culturales muy diferentes del académico, y frecuentemente también del urban.

A pesquisa realizada na comunidade São João dos Ramos através da observação do seu objeto e as narrativas dos três mais velhos e experientes pescadores locais são, sem dúvidas, um processo colaborativo para a construção do conhecimento, que trará ganhos tanto para a comunidade local como para a academia, pois, além da proposição de inclusão desses saberes nas escolas, serão alvos de discussões acadêmicas que podem despertar interesses de continuidade da investigação neste mesmo contexto. No fragmento narrativo do seu Almerindo, é fácil entender o quanto ele, como pescador, gostaria de que o tempo de fartura de peixes voltasse a acontecer nestes rios em que passou grande parte da sua vida, mas só através de diálogos entre o saber tradicional e conhecimento científico é possível criar estratégias para a recuperação desses recursos de caráter renovável.

Pedagogia do mangue, nas narrativas dos pescadores, não é a mesma coisa que a pedagogia do conhecimento letrado ministrado didaticamente nas escolas e discutido nas universidades, é algo completamente diferente, mas que, por meio de diálogos entre tais, pode-se constituir diversos tipos de ações colaborativas que certamente beneficiará ambos. É neste sentido que se pode tratar a inclusão dos saberes e fazeres do mangue nas escolas, para além da transversalidade e interdisciplinaridade, uma pedagogia do saber tradicional de caráter colaborativo, sustentada inclusive por Mato (2017, p. 14) quando assegura que

Independientemente de esas diferencias, una característica saliente de la

mayoría de estas experiencias es que constituyen espacios sociales en los que se desarrollan diversos tipos de modalidades de colaboración entre universidades o miembros de los mismas y comunidades, miembros y/u organizaciones de pueblos indígenas y afrodescendientes.

Acontecimentos do passado, como narrado por seu Almerindo no trecho desta malha de saberes e situação atual socioeconômica, política e cultural que envolvem principalmente as comunidades tradicionais em suas diversas categorias, precisam de discussões institucionalizadas que atinjam além dos diálogos dos saberes, em que a sociedade civil e os poderes de governabilidade ou não, de posse dos diversos estudos já realizados e os que se pretende investigar, e que priorizem o olhar inclusivo desses valores como elementos constitutivos do planejamento organizacional e sustentável dessas comunidades, como sugere Mato (2017, p. 16),

Aún con todas las dificultades imaginables, dialogar no es el mayor reto. Es solo un primer paso. De lo que se trata es de hacer juntos; y para esto hay que comenzar por reconocer que esto involucra personas e instituciones, no simplemente “saberes”. Los “saberes” por sí mismos no dialogan.

A figura 22 abaixo, mostra Seu Almerindo no momento de entrevista, narrando experiências vividas na prática da pesca artesanal, momento em que as memórias do velho pescador é provocada pelo pesquisador, num processo de diálogo sobre os saberes e fazeres da prática pesqueira e da vida no mangue.

Figura 22



Fonte: arquivo pessoal do autor/ agosto de 2019.

Ainda na malha de saberes 3, discute-se, por intermédio do fragmento narrativo do seu Cloves, a 9ª e última temática sobre a relação entre pedagogia do mangue e o conhecimento científico escolar que, além das questões que envolvem interculturalidade e saberes tradicionais, centra-se num diálogo da construção do conhecimento regidos em sala de aula, principalmente nas turmas do ensino fundamental anos finais. A narrativa do seu Cloves, neste contexto, é interpretada como uma viagem no tempo passado da história das construções dos currais. Segundo ele, tempo em que os próprios pescadores trabalhavam na construção dos currais de pesca, utilizando recursos disponíveis no mangue da própria comunidade, um tempo em que os manguezais da região eram pouco explorados, e praticamente todos os pescadores tinham seus currais em função da facilidade dos recursos necessários para construí-los.

Analisando esse trecho narrativo do seu Cloves, percebe-se que ele descreve quase todos os materiais que precisa para fazer a armadilha de captura de peixes, além de enfatizar uma relação de trabalho que envolve os membros da família. Isso pode significar que o envolvimento precoce nas atividades de sobrevivência não se configura em afrontas às leis atuais que dispõem sobre a proibição do trabalho infantil, pois, nas palavras do narrador, o trabalho desde criança, ajudando o pai nos afazeres da prática pesqueira, era uma questão de formação de valor cultural e aprendizado. Entre o saber de artesão na construção dos currais e as habilidades nos rios e manguezais, são fatores de interesse para se travar a relação com o ensino sistematizado nas escolas.

Saberes como fazer currais, tecer redes de malha, fazer puçá pra captura de camarão, estrovar anzol na linha, manusear tarrafa, fazer espinhel, entre outras habilidades, assim como conhecer o tempo e o espaço em uma sintonia com a natureza, contar as histórias das tradições pesqueiras, ensinar e aprender essas práticas por meio da sociabilidade entre si e com os outros e ainda no seu espaço intercultural, podemos tratar como uma pedagogia interacional de saberes locais, que aqui preferimos chamar de pedagogia do mangue. A didática e a prática de ensino via conteúdos programáticos em sala de aula, considerando a fragmentação do conhecimento científico por meio das disciplinas obrigatórias e sistemáticas, obedecendo um desenho curricular estabelecido dentro de um padrão de ensino dividido em modalidades, são consideradas neste contexto como conhecimento científico escolar.

É uma relação de diálogo entre saberes, que descarta qualquer possibilidade de subalternidade entre tais, acreditando-se que tanto um quanto o outro são importantes para uma sociedade que se propõe a (re)construir conhecimentos ou saberes necessários para a sobrevivência das tradições, modos de vida e identidade etnocultural. A narrativa do seu Cloves

é um convite a diversos diálogos, que podem envolver questões interdisciplinares que perpassam pelo equilíbrio ambiental, preservação da cultura local, habilidades artísticas, espacialidade, tempo da história, geografia do lugar etc. Cabe, neste sentido, aplicar-se metodologia de ensino e aprendizagem que transite em caminhos mais curtos para a inclusão destes saberes no ambiente escolar. Para Taquary (2007, p. 103),

o saber escolar, como fonte geradora da produção do conhecimento, se consolida com base no questionamento e na discussão dos saberes firmados pela sociedade e daqueles que foram produzidos por instituições legitimadas para tanto, de forma que viabilize a construção de novos saberes, transformadores da vida daqueles que podem interferir na elaboração do conhecimento; terceiros alheios ao processo de elaboração do conhecimento, determinando a transformação social.

Neste sentido, a pedagogia do mangue pode ser tratada como matéria-prima para a geração do conhecimento sistematizado, pois é constituída de um conjunto de saberes e fazeres entrelaçados em vivências e culturas tipificadas identitariamente nos povos do mangue.

Assim, os saberes e fazeres dos pescadores artesanais de São João dos Ramos, comprovados principalmente nas narrativas descritas nas malhas de saberes, são elementos de grande valor não apenas para o campo da pesquisa científica, mas também para a construção de novos conhecimentos que poderão envolver diversas áreas, sempre com a possibilidade de continuidade, como assegura Taquary (2007, p. 102): “Há continuidade na compreensão dos saberes e comprometimento para a realização de outros”. Com isso, o compromisso de todos os envolvidos com a efetiva relação dos saberes do mangue e da oferta de um processo nas salas de aula através do conhecimento escolar não deve parar. O processo colaborativo entre escola e comunidade é a verdadeira essência para a efetiva inclusão da pedagogia do mangue na vida escolar dos alunos do ensino fundamental a priori.

O saber do pescador artesanal na construção do curral, pode ser utilizada como temas transversais em sala de aula, ou até mesmo ser tratado como conteúdo de contextualização nas disciplinas de ciências, matemática, geografia etc. As habilidades em manipular currais na prática da pesca exigem estratégias que não são alcançáveis por todos os pescadores, pois alguns detalhes na sua colocação na água, exige conhecimentos das correntezas marítimas, tipos de marés, local onde será colocado, tamanho do curral com suas medidas regulares etc.

A figura 23 abaixo, o pescador artesanal se prepara para embarcar os materiais necessários para construção de um curral, recurso bastante escasso nos manguezais das proximidades da comunidade, na fotografia, o pescador está com o pé direito sobre os paris,

telas de talas que serve como paredes para evitar a saída do peixe, ao lado das telas estão as varas que também são conhecidas pelos pescadores como murão, servem para estruturar o curral na margem do rio.

Figura 23



Fonte: Arquivo pessoal do autor/maio de 2019.

Essa discussão que envolveu três malhas de saberes, compostas de temáticas direcionadas ao contexto da pesquisa, fragmentos de narrativas orais de pescadores artesanais da comunidade *lócus* da pesquisa e referencial de sustentação teórica, culminou com um resultado satisfatório para um estudo de aproximação etnográfica, que, embora tenha observasemelhanças com diversos estudos já realizado com pescadores artesanais do mangue de São Caetano de Odivelas/PA, ou relacionados a questões socioambientais, etc., nenhum trata exclusivamente dos saberes deste lugar em uma relação de encontro, diálogo e inclusão com o processo educacional letrado, como é o caso da pedagogia do mangue.

É um estudo que trata dos saberes e fazeres dos pescadores artesanais dentro de uma ótica da interculturalidade e do etnossaberes que pode contribuir significativamente para o processo de valorização dos saberes locais, para a melhoria da qualidade do ensino em sala de aula. Além do mais, é relevante destacar a importância desta pesquisa, considerando a

contextualização regionalizada dos conteúdos programáticos e o ganho acadêmico, tanto para o autor da pesquisa pela titulação, quanto para a produção do conhecimento científico que sempre visou à interação e difusão do conhecimento para a formação humana. Não é um estudo pronto e acabado, está aberto a novas discussões e aprofundamento do objeto investigado.

Estudo antrópico como este, realizado em um ambiente amazônico, tem significado primordial para a comprovação da extensão da pesquisa acadêmica em uma proposta interdisciplinar nesta região, onde a interação com as comunidades tradicionais produz um elo para estudos dialogais que não envolvem apenas os pesquisadores e pesquisados, mas toda a estrutura institucional acadêmica e governamental, que possivelmente agregarão parcerias de efeitos colaborativos como forma de contribuição dos estudos científicos para a sociedade em âmbito geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedagogia do mangue como proposta metodológica de ensino no espaço escolar buscou fundamentos nos saberes e fazeres dos pescadores artesanais do município de São Caetano de Odivelas, região nordeste do Estado do Pará. Uma pesquisa de caráter etnográfico que tratou de abordagens interdisciplinares, interculturais, etnossaberes e transversalidade dos temas presentes no cotidiano de quem vive no mangue odivelense.

O desprezo e desvalorização dos saberes tradicionais principalmente por instituições educacionais no Brasil são notórias quando tomamos conhecimento da proposta curricular de ensino, principalmente em escolas públicas. Os conteúdos programáticos recomendados para a aplicação em sala de aula têm como prioridade os temas normatizados nas disciplinas específicas, raramente há interesses em contextualizar a realidade local ou regional na prática escolar, pois os livros didáticos trazem em seus conteúdos, conhecimentos padronizados para que todas as escolas do país desenvolvam a prática de ensino baseando-se nesses conteúdos.

O município de São Caetano de Odivelas, possui uma impressionante biodiversidade imersa nos seus manguezais, a partir desse bioma, o processo de antropização se faz presente nas atividades diárias dos seus moradores, aí estamos falando dos pescadores artesanais, dos coletores de caranguejo, dos coletores de turú, dos artesãos, caçadores, extrativistas de modo geral, etc. Na relação de sustentabilidade neste cenário, os fatores sócioeconômicos, políticos, culturais e religiosos são levados em consideração na prática da comercialização dos recursos naturais advindos do mangue, nas conjunturas da organização política do lugar, nas manifestações culturais como festival do Caranguejo, apresentações dos bois de máscara e das práticas religiosas identificadas nas credices populares.

Essas características identitárias de São Caetano de Odivelas, poderiam de certa forma, serem incluídas nas práticas de ensino das escolas públicas deste município, mas como já foi mencionado em parágrafo anterior, não havia uma proposta de caráter educacional que pudesse transformar de forma interdisciplinar e transversal o saber e o fazer das pessoas que moram e interagem neste ambiente costeiro do nordeste paraense. Esta pesquisa teve como foco exatamente a construção de uma proposta pedagógica de caráter interdisciplinar que pudesse dá conta de investigar os saberes e fazeres dos pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas, especificamente na comunidade de São João dos Ramos, foi a partir da análise desses saberes advindos das memórias e práticas diárias desses pescadores que se estabeleceu neste estudo a pedagogia do mangue.

Para incorporar os saberes e fazeres dos pescadores artesanais de São Caetano de

Odivelas, numa proposta pedagógica a serem trabalhadas na prática escolar, primeiramente foi necessário o desenvolvimento desse estudo científico, dentro deste, houve a necessidade de conhecer de perto o dia- a dia nos manguezais que são cercados por rios de águas salobras e fortes relações culturais dos seus moradores com o lugar. O conhecimento empírico foi aliado nesse processo, pois conhecer o processo educacional vigente no país e sua aplicabilidade no município pesquisado, foram cruciais para se estabelecer a inter-relação dos saberes tradicionais com o mundo letrado.

Os saberes e fazeres dos pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas, estão presentes na sintonia que eles possuem com a natureza, quando detém a sabedoria dos ciclos das marés, dos tipos de ventos, dos melhores artefatos de pesca, domínio da geografia do lugar, da identificação dos melhores pesqueiros, das estações do ano para os tipos de pescado, conhecimentos das ciências das pescarias como: pesca de curral, pesca de linha de mão, pesca de parí, pesca de redes de malha, pescas de tarrafas, tapagem de igarapés, tapagem do mangue para capturar o caranguejo, técnicas para coletar o caranguejo, tanto com as mãos como com o laço, etc. Dentre todos esses saberes, ainda podemos encontrar informações valiosas para a construção do conhecimento nas histórias orais contadas pelos pescadores mais antigos, pois guardam na memória saberes que herdaram de gerações passadas e que ao aguçá-las passam a serem transmitidas de forma involuntárias ou sistematizadas como neste estudo.

A escola por si só tem a responsabilidade de formar cidadãos críticos e reflexivos para a sociedade, promover a construção de uma sociedade justa e solidária, respeitando os princípios fundamentais das pessoas e o direito constitutivo da vida humana. Desta forma, propõe-se a transmitir conhecimentos letrados para seus usuários. Baseado nestes fatores o estado propõe uma base curricular que tende a organizar o sistema de ensino e aprendizagem considerando suas diretrizes. No Brasil, até o ano de 2017, dispunha os PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais, como ferramenta norteadora para a construção das propostas curriculares ou pedagógicas das escolas públicas vinha sendo utilizada tanto para a efetiva prática de ensino assim como para a elaboração dos livros didáticos distribuídos gratuitamente para todas as escolas públicas do país.

A partir de dezembro do ano de 2017, o Conselho Nacional de Educação intituiu por meio de resolução, a BNCC- Base Nacional Comum Curricular, que reintera e aprimora a proposta curricular estabelecida nos PCN's. Nesta nova ferramenta educacional, é assegurado por lei trabalhar todas as disciplinas específicas com seus respectivos conteúdos programáticos, neste contexto, vale destaque para a aplicação de conteúdos interdisciplinares imersos nos temas transversais como: ética, meio ambiente, saúde, orientação sexual e

pluralidade cultural, como sendo uma grande janela que se abre para a inclusão dos saberes tradicionais no processo de ensino e aprendizagem.

E foi baseado neste fundamento que esta pesquisa propôs a pedagogia do mangue como método pedagógico que transforma de forma interdisciplinar os saberes e fazeres dos pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas em temas transversais como ética, meio ambiente e pluralidade cultural. Neste sentido, é preciso que haja o diálogo desses saberes com a escola, onde o educador tem a missão de contextualizar tais saberes de acordo com os temas transversais já elencados.

Os saberes dos pescadores podem ser trabalhados interdisciplinarmente ou até mesmo em contexto disciplinares, dependendo do contexto a que se aplica a história de vida contada pelos pescadores ou narrativas das suas práticas diárias nos manguezais. Neste sentido, os saberes tradicionais podem ser incluídos nas escolas como forma de pesquisa de campo, seminários, rodas de conversas, fóruns, debates, aulas presenciais discussivas etc. Assim como a escola pode interagir com a comunidade, contextualizando as manifestações culturais locais em sala de aula.

A prática de ensino envolvendo os saberes e fazeres dos pescadores artesanais principalmente em São Caetano de Odivelas onde a maioria dos alunos são filhos de pescadores ou até mesmo pescadores, pode tornar a transmissão de conhecimentos mais acessíveis ao aluno, aguçando o interesse pelos conteúdos estudados, deste modo, a qualidade do aprendizado será satisfatória. A pedagogia do mangue como proposta metodológica de ensino pode contribuir significativamente para a melhoria dos indicadores educacionais, elevação da taxa de aproveitamento escolar e consequente melhoria do IDEB – Índice da Educação Básica.

Pedagogia do mangue, é uma referência metodológica de ensino a partir dos saberes tradicionais, que pode ser utilizada em diversas realidades, considerando as características etnoculturais de cada lugar, desta forma vai ganhando inúmeras denominações como por exemplo: Pedagogia da floresta, pedagogia do cerrado, pedagogia ribeirinha etc. Este estudo comprovou que é possível adotar os saberes dos povos tradicionais para trabalhar na formação humana num processo de inclusão e valorização do saber e da cultura local.

Os resultados apresentados nesta pesquisa reforça a importância de desenvolver os estudos antrópicos na Amazônia, são ganhos científicos que trarão benefícios não apenas para a academia e para o currículo pessoal do pesquisador, mas contribui significativamente para o desenvolvimento local, pois se o processo educacional encontra caminhos para a melhoria, sem dúvidas que a comunidade retoma seu crescimento e sustentabilidade local baseado na

educação do seu povo.

Desta forma, é fundamental o incentivo cada vez mais latente em pesquisas qualitativas na Amazônia, pois por se tratar de uma região com grandes problemas socioeconômicos, o investimento em pesquisas principalmente nas áreas das humanidades pode significar a construção de um grande aliado para amenizar tantos problemas existentes nesta região de dimensões continentais.

REFERÊNCIAS

- ACEB (2014). **1o Anuário Brasileiro da Pesca e Aquicultura**, 2014. Disponível em: http://formsus.datasus.gov.br/novoimgarq/16061/2489520_218117. p. Acesso em: 27/04/2019
- ALMEIDA, Neila de Jesus Ribeiro. **Saberes e práticas tradicionais**: população pesqueira extrativista da Vila Sorriso - São Caetano de Odivelas/PA. Dissertação de Mestrado. CDD 22. ed. 577.69809811 defendido e aprovado em 02/03/2012.
- ARAÚJO, Osmar Ribeiro de; Santos, Sônia Maria dos. **História Oral**: Vozes, Narrativas e Textos. Cadernos de História da Educação – n. 6 – jan./dez. 2007.
- BEGOT, Ligia Henriques. **Valoração e Sustentabilidade da Pesca Artesanal de Curuçá e Colares, Estado do Pará: uma análise das externalidades de um projeto portuário na percepção dos pescadores**. Tese de Doutorado, NAEA/UFPA, Belém/Pa, 2018.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social/ Ecléa Bosi. _ São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BRASIL. Decreto de criação da RESEX Mocapajuba. Disponível em: www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Ato2011-2014/2014/Dsn/Dsn14009.htm. Acesso em: 18/06/2019
- BRASIL. Ministério da Educação. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf> - Acesso em 22 de novembro de 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16/07/2019.
- BRASIL. **Resolução SEB/MEC - 1998**. Disponível em: portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0298.pdf. Acesso em: 22/08/2019.
- BRASIL. **São Caetano de Odivelas segundo o IBGE**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-caetano-de-odivelas/panorama>. Acesso em: 22/08/2019
- CASTILHO, Raimundo Rodrigues; & SANTOS, Rodolfo; **Nossa Terra, Nossa Gente**. São Caetano de Odivelas, 1986.
- CALDERONI, Valéria Aparecida Mendonça de Oliveira, & Urquiza, Antonio Hilario Aguilera. **A Interculturalidade como Ferramenta para (Des) Colonizar**. Prim@ facie, 2017. vol 16 número 33.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis:

Vozes, 2006

CLAUZET, M.(A); Ramires, M. B & Barrella, W.C. **Pesca Artesanal e Conhecimento Local de Duas Populações Caiçaras (enseada do Mar Virado e Barra Do Una) No Litoral de São Paulo, Brasil.** A Linguagem da Ciência # 4, maio de 2005.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração:** um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. **Saberes patrimoniais pesqueiros.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 7, p. 69-76, jan./jun. 2003. Editora UFPR.

CNE/CEB (Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica). Resolução Nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 24. Disponível em: Acessos em 22/11/2020

Dados Educacionais do Município de São Caetano de Odivelas/PA,2019. Disponível <https://www.qedu.org.br/cidade/3409-sao-caetano-de-odivelas/ideb> ; acesso em 18 /09/2020.

DANTAS, Vanda Maria Campos Salmeron. **Educação dos Pescadores:** Saberes Formais na Educação de Jovens e Adultos Versus Saberes Tradicionais Nas Comunidades. Interfaces Científicas - Educação, Aracaju.V.1, N.2, p. 53-60, fev. 2013.

DE CARVALHO, José Jorge; Flórez Flórez, Juliana. **Encuentro De Saberes:** Proyecto Para Decolonizar El Conocimiento Universitario Eurocéntrico Nómadas (Col), núm. 41, octubre, 2014, p.133 Universidad Central Bogotá, Colombia

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa:** tempo, memória e identidades. História Oral, 6, 2003, p. 9-25

DIEGUES, A.C. **A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil.** Etnográfica, v.3, n.2, p.361-375, 1999.

DIEGUES, A.C.S. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar.** São Paulo. Ed. Ática. 30p., 1983.

DIEGUES, A.C.S. **Povos e Água:** inventário de áreas úmidas brasileiras. Ed. São Paulo, NUPAUB, USP. 597p., 2002.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa:** reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p.139-154, mar. 2002.

FERNANDES L. A.; GOMES, J. M. M. **Relatório de pesquisa nas Ciências Sociais:** Características e modalidades de investigação. ConTexto, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 2003

FERNANDES, D.S. **A experiência próxima: saber e conhecimentos em povos tradicionais.**

In: Espaço Ameríndio, Porto Alegre, vol 9, n.1, p.127-150, jan/jun 2011.

FERNANDES, D. S.; FERNANDES, José Guilherme dos Santos, **A experiência próxima: saber e conhecimentos em povos tradicionais**. In: Espaço Ameríndio, (UFRGS) , v. 9, p. 127-150, 2015.

FERNANDES, D. S.; FERNANDES, José Guilherme dos Santos, **Imagens e palavras na escritura da narrativa etnofotográfica: notações metodológicas**. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 12, n. 1, jan.-jul., 2019.

FERNANDES, Daniel dos Santos. **Rancho de resistência**. Revista Iluminuras, v. 16, p. 308-314, 2015

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Interculturalidade e Etnossaberes**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 39-65, jul./dez. 2016.

FIDELLIS, Carolina de Nazaré Aleixo. **A Pesca de Curral em São Caetano de Odivelas/PA**. Dissertação de Mestrado. UFPA- Belém/PA, 2013.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e educação**. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23.

FRAXE, Terezinha de Jesus P. **Homens anfíbios**: Etnografia de um campesinato das águas. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2011.

GOVONI SJ, Pe. Ilário. **Inventário Jesuítico do Pará**. 2009. Belém do Pará

GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **Região, diversidade territorial e globalização**. Niterói: DEGEO/UFF, 1999. p. 50.

História do Município de São Caetano de Odivelas/PA. Disponível em: <http://saocaetanodeodivelas.pa.gov.br/historia-do-municipio/> Acesso em 12/09/2019.

ISAAC, V. J., Espírito-Santo, R. V., Nunes, J. L. G. (2008). **A estatística pesqueira no litoral do Pará**: resultados divergentes. *Pan-American Journal of Aquatic Sciences*. 3(3): 205-213.

Índice da Educação Básica (IDEB) do município de São Caetano de Odivelas/PA. Disponível em:

<https://www.qedu.org.br/ideb?gclid=CjwKCAiAnfjyBRBxEiwA-EECLD4qpZZ7iBJ1LqDtBsYcRSuUS1r1LFQeq9KwuF6noPZz7EueN1DuexoChJEQA vD BwE>. Acesso em 18/09/2019.

LIMA, Cristina Maria Garcia de et al. **Pesquisa etnográfica**: iniciando sua compreensão. Revista Latino-América de Enfermagem, v. 4, n.1, p. 21-30, jan. 1996.

LIMA, S. S.; FERNANDES, Daniel dos Santos. **Caminhos de cultura de uma etnografia**. Nova Revista Amazônica, v. 6, p. 141-160, 2018.

LIMA, S. S; FERNANDES, Daniel dos Santos, **Dossiê Amazônia**. Nova Revista Amazônica. Volume VI - Número especial. Dezembro 2018- ISSN: 2318-1346.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentais teóricos-metodológicas**. 2 ed. Petrópolis. RJ: vozes, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, Ivana Lúcia Sarmiento. **O Mangue como unidade geográfica de análise: O espaço de vivência e produção comunitária nos manguezais da comunidade de Jutai no Município de São Caetano de Odivelas/PA**. Teses e dissertações. PPGeo/Ufpa, 2009.

MALINOWSKY, B. **Sex and repression in a savage society**. London: Routledge e Kegan, 1953

Mapa de Localização do Município de São Caetano de Odivelas/PA. Disponível em: <https://docplayer.com.br/109745869-Acordando-na-cachoeira-territorios-eterritorialidades-de-pescadores-artesanais-em-sao-caetano-de-odivelas-pa.html>. Acesso em 19/09/2019

Mapa de localização do município de São Caetano de Odivelas/PA. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/5401>. Acesso em 22/09/2019.

Mapa de localização do município de São Caetano de Odivelas/PA. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=MAPA+POL%C3%8DTICO+DE+S%C3%83O+CAETANO+DE+ODIVELAS/PA&sxsrf=ALeKk00DUfz30SjuFq0tomHvq-68lhYLO:1582939436140&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=D-15CcPNhTkxFM%253A%252CpRRd5-cuEj0M4M%252C_&vet=1&usg=AI4_kTGDxf3Wmdki4uLklc9j3EzhSZiwQ&sa=X&ved=2ahUKEwip4Kr2zPXnAhWrIbkGHaLuC6kQ9QEwAnoECAoQCO#imgrc=bmcywQbLabMy3M

MATO, Daniel. **Del “diálogo de saberes” a la construcción de modalidades de “colaboración intercultural”**: Aprendizajes y articulaciones más allá de la Academia. Lasaforum, summer 2017. Vol. XLVIII. ISSUE 3.

MATO, Daniel. **Diferenças Culturais, Interculturalidade e Inclusão na Produção de Conhecimentos e Práticas Socioeducativas**. CANDAU, Vera Maria (org.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

MATO, Daniel. **Heterogeneidade social e institucional, interculturalidade e comunicação intercultural**. matrizes Ano 6 – nº 1 jul./dez. 2012 - São Paulo - Brasil – Daniel Mato p. 43-61.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmen Lúcia G. e CASTRO, PA. (Orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 49-83.

MIGNOLO, W. (2017). Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, 32(94). Acesso em 27 abril 2018 em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092017000200507&lng=pt&nrm=iso

MORAES, Maria Cândida. **Complexidade e currículo: por uma nova relação**. Polis [Online],

25 | 2010, posto online no dia 23 abril 2012, consultado em 2 de maio 2019. URL: <http://journals.openedition.org/polis/573>.

MORAES, Ronny Gleyson Maciel de; Filho, Erasmo Borges de Souza. **Pescadores de caranguejo de São Caetano de Odivelas/PA: o saber e o fazer na perspectiva da etnomatemática**. BoEM, Joinville, v.5. n.9, p. 141-160, ago./dez. 2017.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade: Os sete saberes e outros ensaios**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

NOVIKOFF, Cristina; Cavalcanti, Marcus Alexandre de Pádua. **Redes de saberes: pensamento interdisciplinar**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas Vol. 17 N. 110, jan./jun. 2016.

OLIVEIRA, L. F. de. (2016). **O que é uma educação decolonial**. Revista Nuevamérica (Buenos Aires), 149, 35-39.

PASSOS, Patrick Heleno dos Santos; Ribeiro, Suezilde da Conceição Amaral; Barbosa, Mário Médice Costa; Coelho, João de Lima; Filho, Waldemar Londres Vergara. **“Extrair e transportar caranguejo-uçá nas resexes marinhas paraenses: os saberes locais em foco”**, Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana. Brasil, abril 2016.

PASSOS, Patrick Heleno dos Santos; Ribeiro, Suezilde da Conceição Amaral; Barbosa, Mário Médice Costa; Coelho, João de Lima; Filho, Waldemar Londres Vergara. **Interação homem-natureza: os pescadores, os caranguejos e o Manguezal**, **Revista Caribeña de Ciencias Sociales** abril 2016.

PASSOS, Patrick Heleno dos Santos; Silva, João Ulisses Barata da; Alves, Everaldo Lino. **Contabilidade na Amazônia: o desafio de analisar uma cadeia produtiva extrativista**. **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, Brasil. julho, 2016.

PAULA, Cristiano Quaresma de. **Análise Dialógica de Conteúdo e Diálogos de Saberes**. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, n.1: 44-63, jan., 2015.

PENHA, M. **O que faz ser nordestino**. São Paulo: Cortez, 1992.

PINHEIRO, Elysângela Sousa. **Sustentabilidade, manguezais e reserva extrativista: instituições e atores sociais nos municípios de Curuçá e São Caetano de Odivelas**. Dissertação de Mestrado UFPA- Belém/PA, 2014.

PRIORE, Mary Del e GOMES, Flávio (Orgs.). **Os Senhores dos Rios: Amazônia, margens e**

história. Rio de Janeiro: Elsevier/Editora Campus, 2003.

Reserva Extrativista do Município de São Caetano de Odivelas/PA. Disponível em: www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/amazonia/unidades-de-conservacao-amazonia/5069-resex-marinha-mocapajuba. Acesso em 18/08/2019

ROCHA, Adriano Santos da. **Caracterização Física do Estuário do Rio Mojuim em São Caetano de Odivelas/PA**. Dissertação de Mestrado, UFPA - Belém/PA, 2015.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan./abr. 2003.

SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do Sul.Coimbra**: Almedina, 2009. 532 pp.

SOUZA-FILHO, P. W., 2005. **Costa de manguezais de macromaré da Amazônia: cenários morfológicos, mapeamento e quantificação de áreas usando dados de sensores remotos**. Revista Brasileira de Geofísica 23(4): 427-435.

SILVA, E. N.; FERNANDES, Daniel dos Santos. **Envoltos nos saberes tradicionais: Comunidade Quilombola e o cotidiano particular**. Nova Revista Amazônica, v. I, p. 255-265, 2018.

SILVA, Jose Matheus Barata. **Gente do Estuário: mudanças e permanências dos saberes e técnicas tradicionais de pescadores artesanais de Vigia (PA)**. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, pela Universidade Federal do Pará- UFPA/Campus de Castanhal/PA-2020.

TAQUARY, Eneida Orbage de Britto. **Diálogo Entre os Saberes: As Relações Entre Senso Comum, Saber Popular, Conhecimento Científico e Escolar**. Univ. Rel. Int., Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 97-104, jan./dez. 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VOSS, Rita de Cássia Ribeiro. **Cognição e valores: dois aspectos da educação**. Ciências & Cognição 2009; Vol 14 (1): 255-264. ISSN 1806-5821 – Publicado on line em 31 de março de 2009.

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica**: estudo do homem nos trópicos. Tradução de Clotilde da Silva Costa.terceira edição. Vol.136, p.43. Editora Itaitiaia Limitada, Editora da Universidade de São Paulo - 1957.

WALSH, C., Oliveira, L. F., & Candau, V. M. (2018). **Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra**. Arquivos Analíticos de Políticas educativas, 26(83).

WALSH, Caterine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial**: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (Org.) Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 200

ANEXOS:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

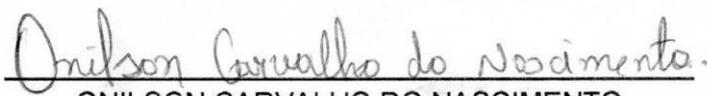
Prezado participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “PEDAGOGIA DO MANGUE: Inclusão de saberes e fazeres dos pescadores artesanais no ensino fundamental de São Caetano de Odivelas/PA; Amazônia; Brasil”, desenvolvida por ONILSON CARVALHO DO NASCIMENTO, discente de Mestrado EM Estudos Antrópicos na Amazônia, da Universidade da Universidade Federal do Pará - UFPA, sob orientação do Professor Dr. JOSÉ GUILHERME DOS SANTOS FERNANDES

O objetivo central do estudo é: Valorizar as interações interculturais dos pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas/PA, especificamente na comunidade “São João dos Ramos”, como inclusão na proposta curricular do ensino fundamental das escolas municipais.

- 1- O convite a sua participação se deve ao fato de ser pescador artesanal e integrante da comunidade de “São João dos Ramos”. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa aqui proposta. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas.
- 2- Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.
- 3- A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver sua autorização.
- 4- O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora, e do questionário aproximadamente trinta minutos.
- 5- As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o aluno e seu professor orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/12.

- 6- O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de que está contribuindo para a realização de um estudo que envolve a sua própria comunidade, com o propósito de valorizar a sua categoria de pescador ao considerar seus saberes e fazeres inclusos no ensino fundamental do seu município de origem. Além da grande contribuição para a produção de conhecimentos acadêmicos.
- 7- Os riscos são mínimos, não haverá nesta pesquisa, qualquer evento que envolva fator genético ou qualquer tipo de intervenção clínica, não podendo descartar em casos excepcionais o cansaço ou aborrecimento ao responder aos questionários, desconforto nas entrevistas, durante gravações de áudio e vídeo, possível alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias.
- 8- Será totalmente isento do risco de constrangimento durante a entrevista ou observação, não será causado em hipótese nenhum risco de dano emocional, risco social, risco físico decorrente a procedimentos para a realização das entrevistas, registro de imagens etc.
- 9- Os resultados da pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e na dissertação de Mestrado como objetivo prioritário.

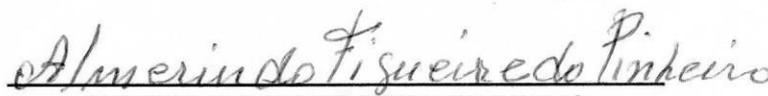


ONILSON CARVALHO DO NASCIMENTO

Pesquisador

São Caetano de Odivelas/PA, 15 de julho de 2019.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar, inclusive autorizo registro de imagens através de fotos e vídeos, além de gravações de áudio no decorrer das entrevistas.



ALMERINDO FIGUEIREDO PINHEIRO

Participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “PEDAGOGIA DO MANGUE: Inclusão de saberes e fazeres dos pescadores artesanais no ensino fundamental de São Caetano de Odivelas/PA; Amazônia; Brasil”, desenvolvida por ONILSON CARVALHO DO NASCIMENTO, discente de Mestrado EM Estudos Antrópicos na Amazônia, da Universidade da Universidade Federal do Pará - UFPA, sob orientação do Professor Dr. JOSÉ GUILHERME DOS SANTOS FERNANDES

O objetivo central do estudo é: Valorizar as interações interculturais dos pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas/PA, especificamente na comunidade “São João dos Ramos”, como inclusão na proposta curricular do ensino fundamental das escolas municipais.

- 1- O convite a sua participação se deve ao fato de ser pescador artesanal e integrante da comunidade de “São João dos Ramos”. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa aqui proposta. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas.
- 2- Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.
- 3- A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver sua autorização.
- 4- O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora, e do questionário aproximadamente trinta minutos.
- 5- As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o aluno e seu professor orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/12.

- 6- O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa e o de que esta contribuindo para a realização de um estudo que envolve a sua própria comunidade, com o propósito de valorizar a sua categoria de pescador ao considerar seus saberes e fazeres inclusos no ensino fundamental do seu município de origem. Além da grande contribuição para a produção de conhecimentos acadêmicos.
- 7- Os riscos são mínimos, não haverá nesta pesquisa, qualquer evento que envolva fator genético ou qualquer tipo de intervenção clínica, não podendo descartar em casos excepcionais o cansaço ou aborrecimento ao responder aos questionários, desconforto nas entrevistas, durante gravações de áudio e vídeo, possível alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias.
- 8- Será totalmente isento do risco de constrangimento durante a entrevista ou observação, não será causado em hipótese nenhum risco de dano emocional, risco social, risco físico decorrente a procedimentos para a realização das entrevistas, registro de imagens etc.
- 9- Os resultados da pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e na dissertação de Mestrado como objetivo prioritário.

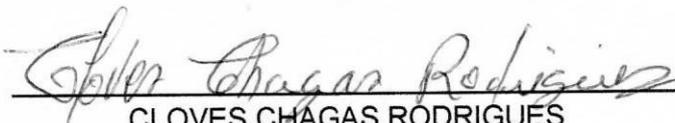


ONILSON CARVALHO DO NASCIMENTO

Pesquisador

São Caetano de Odivelas/PA, 15 de julho de 2019.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar, inclusive autorizo registro de imagens através de fotos e vídeos, além de gravações de áudio no decorrer das entrevistas.



CLOVES CHAGAS RODRIGUES

Participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

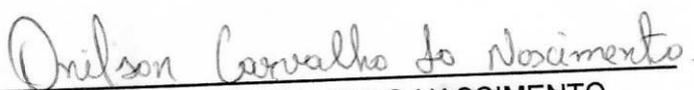
Prezado participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “PEDAGOGIA DO MANGUE: Inclusão de saberes e fazeres dos pescadores artesanais no ensino fundamental de São Caetano de Odivelas/PA; Amazônia; Brasil”, desenvolvida por ONILSON CARVALHO DO NASCIMENTO, discente de Mestrado EM Estudos Antrópicos na Amazônia, da Universidade da Universidade Federal do Pará - UFPA, sob orientação do Professor Dr. JOSÉ GUILHERME DOS SANTOS FERNANDES

O objetivo central do estudo é: Valorizar as interações interculturais dos pescadores artesanais de São Caetano de Odivelas/PA, especificamente na comunidade “São João dos Ramos”, como inclusão na proposta curricular do ensino fundamental das escolas municipais.

- 1- O convite a sua participação se deve ao fato de ser pescador artesanal e integrante da comunidade de “São João dos Ramos”. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa aqui proposta. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas.
- 2- Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.
- 3- A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver sua autorização.
- 4- O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora, e do questionário aproximadamente trinta minutos.
- 5- As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o aluno e seu professor orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/12.

- 6- O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de que está contribuindo para a realização de um estudo que envolve a sua própria comunidade, com o propósito de valorizar a sua categoria de pescador ao considerar seus saberes e fazeres inclusos no ensino fundamental do seu município de origem. Além da grande contribuição para a produção de conhecimentos acadêmicos.
- 7- Os riscos são mínimos, não haverá nesta pesquisa, qualquer evento que envolva fator genético ou qualquer tipo de intervenção clínica, não podendo descartar em casos excepcionais o cansaço ou aborrecimento ao responder aos questionários, desconforto nas entrevistas, durante gravações de áudio e vídeo, possível alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias.
- 8- Será totalmente isento do risco de constrangimento durante a entrevista ou observação, não será causado em hipótese nenhum risco de dano emocional, risco social, risco físico decorrente a procedimentos para a realização das entrevistas, registro de imagens etc.
- 9- Os resultados da pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e na dissertação de Mestrado como objetivo prioritário.



ONILSON CARVALHO DO NASCIMENTO
Pesquisador

São Caetano de Odivelas/PA, 15 de julho de 2019.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar, inclusive autorizo registro de imagens através de fotos e vídeos, além de gravações de áudio no decorrer das entrevistas.



LOURENÇO MACEDO RODRIGUES
Participante